UMA DIVORCIADA

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.S65
D5

a 00001 27751 2

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Amelia

UMA DIVORCIADA

Obras de SOUSA COSTA

Os que triumfam, novela romantica, 2.ª edição
Excentricos, contos, 3.ª edição
Fructo proibido, romance. Scenas da vida de Coimbra, 3.ª edição
Os meus pecados
A mulher na Renascença
Sempre Virgem, romance. Scenas da vida de Lisbôa, 3.ª edição
Regresso á felicidade, novela naturista
Coração de mulher, romance, 3.ª edição
Romeu e Juliêta, novela em cartas, 4.ª edição
Que vergonha!, farça, 1 acto
Ressurreição dos mortos, romance. Scenas da vida do Douro, 2.ª edição
Paginas de sangue — Brandões, Marçais & C.ª, 3.ª edição
Milagres de Portugal
Frei Satanaz, 3 actos
A Marquesinha, 3 actos
O canto do cisne, novela
Dramas da Serra, novelas
As grandes amorosas
Amor 1.º, o cruel, romance duma carioca
Historia d'El-rei Camelo — Novela infantil

RC PQ9261
.S65
D5

SOUSA COSTA
Da Academia das Sciencias de Lisboa

Uma divorciada

(ROMANCE)

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

Composto e impresso na IMPRENSA LUCAS & C.ª
Rua Diário de Notícias, 61 — LISBOA

A Afranio Peixôto — ao amigo querido e eminente camarada — lembrando os dias grandes do Rio de Janeiro.

I

— Até logo. Má sorte ao jôgo, bôa sorte aos amores.

E dizendo, e sorrindo, ela renéga da triste sina do jogador — afasta-se a saltitar, afasta-se a cantarolar, na desenvoltura e na ligeireza de *papillon* sedenta de luzes e de benesses.

Dobrado sobre o tablado verde da roleta, a bola de marfim, na dança louca de bailadeira em circo escorregadio, a devorar cem dinheiros de cada vez que entra na casa do numero aziago. Baltazar não atende á retirada de Clarisse. Põe mais cincoenta escudos no 22, o diabolico palpite dêssa noite — agora reduzido em dois terços o montante da parada. A bola torna a redopiar, tão veloz como cavalinho chicoteado na pista. Depois, estonteada, começa ás turras nas paredes das casas numeradas, até que desfalece e vai cair na casa dos trinta.

— 34! — anuncia o pagador, no tom sêco de martelada em caixão.

Os braços sofregos das raquetas, da direita um, o outro da esquerda, adiantam-se para as fixas e notas

de namôro aos numeros enquadrados no pano verde. Adiantam-se da esquerda e da direita, arrastam-nas ao centro da banca, onde os pagadores, impassiveis como sombras, celebram o ritual do velho culto. E o silencio que domina a scena, actores e espectadores abismados nos misterios do azar, não difere em muito do silencio dos candieiros electricos que tranquilamente alumiam tudo aquilo. Em nada seria diferente, mesmo, se não fôssem as turras da bola tomada de vertigem, se não se ouvissem os beijos das raquetas nas fixas de metal, se o salão de baile não baforasse calidas estridencias de musicas e risos.

Baltazar, de pé á beira do campo de lide, a face morena e desbarbada de traços energicos, a casaca de boa tesoura a desenhar-lhe as linhas masculas, o polegar cabeludo engastado no bolso do colete, mete ao 22 outra nota de cincoenta escudos.

— 23 — grásna o pagador, naquela voz inanimada em que não cabe regosijo, nem ecôa desgraça.

Pela quarta vez, nessa noite de festa, o 23 sai a negaciar-lhe o palpite e a levar-lhe os dinheiros. Decididamente — a rolêta, que nas duas ultimas semanas não sabe senão defraudar-lhe os créditos e reduzir-lhe os haveres, nada mais quer com ele. Pois ele abandona-la-ha como mulher infiel, entregando-se antes á banca franceza.

Vendo perto, do outro lado da mêsa, a loira, e esguia, e agil *papillon* de ha pouco, decotada até aos ex secretos reconditos da cintura, na bôca ensanguen-

tada de *rouge* um *Abdulla* fumegante, interpela-a, pergunta-lhe:

— Vamos á banca franceza?

Ela sacode os hombros nervados de magra, diz que não com a cabeça.

Ah! E' verdade! Anda a perder desde a outra semana. Assim, Clarisse, obediente aos canones do oficio, salariada pela casa para conservar em casa os réditos que o jôgo momentaneamente transfere do campo verde da banca para a voluvel carteira do jogador, não tem que fazer junto dêle.

— Tal qual a garça no rio, a espiar o peixe descuidado — observa, para comsigo. — E' isso. Agora... bem, está de vigia ao Galvão, atenta ao peixe que sobe...

E observando, e comentando, desanda no rumo da banca franceza, que fica ali perto e bom caminho, ao fundo do salão — quadra rica de bôas e malas artes, ornamentada de graves e ostentosos candieiros, todos de luz cinzenta e baça, — candieiros suspensos de braços altos de madeira, arqueados e trabalhados ao gôsto manuelino, que pela noite fóra lhe emprestam a aliciante penumbra propicia ao culto sob o misterio. Uma grade excelente de mão de obra extrema os campos visinhos de manobras. No terreno neutro de entre mesas, áquem e além gradeamento, as *papillons* deslizam, saracoteiam-se, esvoaçam, deslocando-se de mêsa para mêsa, indo de jogador para jogador, tomando posição á beira dos pontos venturosos, batendo as azas à vista dos recen-

chegados promissores. Atraídas pela luz artificial da riqueza, cegas pela sêde mortal do luxo, moças sacerdotisas do vicio paramentadas de sêdas, estreladas de joias e corrigidas a *baton*, veteranas profissionais do prazer hipotecando anos de vida a meia noite de juventude postiça, giram, desarticulam-se, sucedem-se em cromaticas teorias de frisos baquicos. E espalha-se no ar môrno o bafo sensual das carnes femininas e das essencias fortes. E turvam-se as vistas faceis aos fumos dos *bout-dorés* plantados em bôcas mercenarias. E perturbam se as vontades frouxas ao ondular das cabeças de oiro vivo ou de espesso ebano, tosquiadas à *garçon*, penteadas à *Ninon*, e dos braços nus, e das espaduas nuas, e dos colos nus, e dos sorrisos nus, que passam e perpassam — sorrisos que são sempre iguais, afaguem o patricio ou saúdem o estrangeiro.

Dois passos adiante, Baltazar toma por apenso uma que é pequena e boleada como *potiche* chinez, com olhos vitreos de felino e gestos angulosos de simio.

— Ao *reveillon?* — inquire, feliz sob o assalto.

— Primeiro vamos ali, à banca franceza.

— Ganhou à rolêta?

— Perdi. Continuei a perder.

A banca franceza mal se descobre, cerrada entre espessa sebe humana, que nenhum vento agita.

Baltazar aborda-a, custosamente, e previdentemente pergunta o partido dos banqueiros.

— Os trez azes... — elucida em roufenha surdina uma voz dificil.

Faz uma parada de duzentos escudos aos *grandes*. O jogador lança os dados — e os dados são pelos *pequenos*, 5, 6, 7.

— Insistamos — rosna, teimoso.

A segunda parada, tambem de duzentos escudos, é nos *pequenos*. E os dados, dêsta vez, inclinam-se para o 14, 15 e 16, favoraveis aos *grandes*.

— Ainda uma vez mais — diz, já só para comsigo, pois a companheira, desapensando-se sem venia ou despacho, vai debruçar-se ostensivamente sobre o hombro de conhecido dela e da fortuna.

Então dobra a parada, jogando nos *grandes* e nos *pequenos* — serenamente, no gesto e no aprumo o ritmo inalteravel do costume. Mas a sorte zombateira, na inexoravel certeza dos seres conscientes, pronuncia-se pelo partido da banca. Os trez azes invenciveis conferem-lhe a vitoria contra *grandes* e *pequenos*. E logo as raquetas saem a campo, em saltos de hienas, devorando os despojos da batalha.

E' desnecessario persistir. De resto, as suas disponibilidades, a essa hora, não lhe permitiriam manter-se à altura dos creditos firmados.

Sente vontade de comer. Dispõe-se a prestar vassalagem ao *reveillon*, nêssa vespera festiva de Natal.

Convida para a ceia uma *papillon* alta, tipo loiro e descarnado de ingleza — que lhe contesta o convite com fel no olhar, a voz a derramar mel no ouvido dum velho de envernizada calva, sentado á banca, cheio de sorte e de brilhantes.

— E você, ó Dulce? — pergunta, requerendo

aquela que no *club* passa por Dulce de nome e dôce de condição, rapariga de falas brandas e olhos tristes, filha familia de boa nascença, arrastada na ressaca dos maus negocios ao torvelinho das abastanças clandestinas e das noitadas licenciosas.

— Eu, quê? — interroga, por seu lado, lustrando as unhas da mão direita.

— Quer fazer o *reveillon?*

— A estas horas? Olhe que são duas da madrugada — anota, a rir e a mostrar as horas no relogio d'ouro do punho. — Mas vamos lá. Vale mais tarde do que nunca.

E conversando, e fumando, hombro a hombro, enfiam para o salão de jantar e de dança — donde vem o satanico estridor do *jazz-band*, gritos agudos de cordas pontuados por estampidos rudes de metais, a vibração aflitiva dos violinos, traídos no seu nascimento e no seu baptismo, pois nasceram e baptisaram-se para servir os divinos oficios da Arte, a erguer-se d'entre o barbaro desconcerto do bombo, e dos ferrinhos, e cadeiras, e trompas, e cornetins.

O salão nobre do *Monumental*, na cheia das marés vivas em meio dia de sol canicular, lateja e fulgura, ressôa e ondeia — o tecto majestoso, cupula doirada em que se esfuma a nevoa legendaria dos frescos e de que pendem os chuveiros multicôres dos lustres de cristal, eriçados de lumes, a ordenar compostura à sarabanda vertiginosa dos pares dançantes, a explicar a exigencia de casacas, e sêdas, e joias espalhadas ao acaso ou coladas às mêsas.

O *jazz-band* lá está ao alto, esguichando jactos de som e uivando estridencias de sertão.

As mêsas, repletas de eguarias e comensais, fazem cêrco à pista dos dançarinos. E êstes, êles e elas, entre as mezas, damas seminuas, cavalheiros empomadados, reproduzem no jôgo coreografico do *fox-trot* o delirio da febre musical.

— Cear? — interpela o *maitre d'hôtel*, entroncado e loiro, guiando-os à unica mêsa de vago.

Um criado de casaca e calção perfila-se-lhes à ilharga, oferece-lhes a lista.

— Escolha você — solicita ele.

— Escôlho... escôlho... — murmura Dulce, os olhos garços, melancolicos e incredulos, a descerem a escada das vitualhas. — Olhe, sabe? Não sei porquê, e não é romantismo, o que me apetecia, não era nada disto. Era a ceia patriarcal dos avós, na noite de hoje, a ceia de magro nas provincias do norte.

— Bravo! O que desejaria a minha Dulce, se estivesse romantica?

— Como isso não é possivel — continua, desdenhosa das iguarias do festim — apeteciam-me coisas raras, que não tivessem subido senão à mêsa dos Neros e dos Caligulas...

— Regadas com vinhos de Chipre e licores da Campania, han? — interpela Baltazar, a querer lardear de espirito os apetites imperiais da companhia.

— Mas não é possivel. E não ha ninguem como eu para se submeter à lei das realidades. E tanto que começo por eleger...

— A *mayonnaise* de lagosta?

— Não seja precipitado. Olhe... isto .. *petis patés de volaille, fois gras* aux *champignons*... e *aspergs sauce mousseline*. Vinhos? *Vieux Bourgogne* por agora. Hoje não me apetece Colares.

— Magnifico, magnifico, — vai acolitando êle, emquanto ela pontifica.

Restituida a lista ao criado, que sai a rogar os pratos escolhidos, ela abre a mala de camurça do Caucaso, com os cantos e monograma de oiro. E sacando de dentro, atraz do espelho minusculo de cristal, a caixa de prata do pó de arroz, polvilha de leve o rôsto de linhas esguias, afaga de fugida o colo de discretas carnes. E aproveitando clareira aberta na floresta virgem do batuque, interpela, por desfastio:

— E então, o jôgo? Que tal?

— Continúo encalistado.

— Tornou a perder?

— Em toda a linha. Hoje... como hontem.

— Hum... — comenta, num esgar indefinido.

— E você... não foge de mim?

— Porque?

— Se sou um vencido...

Ela encolhe os hombros estreitos, observa, a voz a quebrar-se e a diluir-se no lapis de *rouge* que nêste momento lhe aquece a boca:

— Não faço dêssas coisas, bem sabe. Não sou só instinto e cubiça, como a maioria das que por aí andam. E' claro... ao vencido, prefiro o vencedor. Para isso me pagam, e por isso me mantenho no meu

posto. Mas não fujo aos vencidos que o acaso traz ao meu encontro... E que sou eu, meu caro — argumenta, o *baton* recolhido á mala de mão, agora a acender o seu *Araks*, — o que sou eu, senão uma vencida?

— Você, o que é, é a mulher encantadora deste meio.

— Engana-se. Sou a pior de todas. Porque tenho a consciencia da situação, e não ergo a coragem para a renuncia — acentua, o timbre de voz a traír inoportuna vaga de comoção. E espargindo riso, e sacudindo ironia, e soprando fumo sobre o fluxo de sensibilidade desperta: — Ora esta! Estou *bota de elastico* até aos gorgomilos! E' o Natal... E' a festa da familia...

— Deixe que a sirva... — diz Baltazar, passando-lhe da travessa para o prato a iguaria conduzida à mêsa pelo criado.

O *jazz-band*, que dera dois minutos de folga aos ouvidos e à conversa, arremete de novo em furias de possésso. Dois pares de dança, as cabeças femininas tão rapadas e empomadadas que se confundem no torneio cadenciado com as cabeças masculinas, acertam lubricos passos de *tango*.

Outros pares se levantam das mêsas envolventes, e acodem outros das salas contiguas, cingindo-se e abraçando-se, requebrando-se e contorcendo-se, em lentos movimentos de volupia.

Um sujeito obêso, de *Quevedos* no nariz adunco e na mêsa ao lado, esvasia a segunda garrafa de

champagne — fazendo trasbordar a taça da *papillon* estridulamente oxigenada e olimpicamente desnuda do seu senhorio.

— Conhece? — pergunta Dulce a Baltazar, o olhar obliquo na indicação do visinho: — E' o Teodoro Ribeiro. . um que já foi ministro da instrução.

— Bem sei. Socio duma casa de vinhos engarrafados. Está no reclamo à mercadoria. Daqui a nada, ao calor do *champagne*, pede a atenção do respeitavel publico para os sapatos de brocado e para o broche de safiras da comensal...

— Porque?

— Porque devem ter sido fabricados na sapataria e na joalharia de que tambem é socio.

— E' a nossa miseria... a riqueza dêstes ministros de todos os negocios, menos dos do Estado. Os negocios do Estado... só os conhecem para as percas.

— Chame-lhes tôlos. Tôlos... são os que lhes não seguem os passos. Minha amiga: a moral de hoje tem por divisa um estomago e duas queixadas... á falta de quatro. Porisso, como êles estão dentro da divisa, ninguem póde levar-lho a mal. E que negocios, os dêstes ministros vendilhões... ora a alargarem a tarracha do cambio, ora a apertarem o torniquete da alfandega, hoje a fazerem revoluções, ámanhã a cosinharem contra-revoluções, conforme convem à oscilação da mercadoria, que subam os direitos ou desça o escudo.

— Outro... o Jacinto Salvador — interrompe Dulce, a mão direita, lampejante de joias, em afágos ao

cordão de perolas suspenso do pescoço. — Esse que vai aí em frente... Conhece?

— Não sei quem é.

— Vem ao *club* todas as noites. E' deputado pelo norte. Já foi deputado três vezes. E de cada vez que o elegem deputado... compra uma quinta no baixo Minho e faz deposito nos bancos inglêses.

— Qual é?

— Aquele, o que vai além, a dançar com a Dufrèsne..., sim, a Dufrèsne. Não é qualquer coisa, dançar com a Dufrèsne. Olhe que só no ultimo inverno... comprou trinta e cinco chapeus modêlos. Ai, meu amigo! Em Portugal não se pode ser senão estrangeiro. Ou estrangeiro... ou ministro.

— Porisso um amigo meu, quando faltou o açucar no mercado, se quiz importar mil toneladas, teve de calçar luvas de duzentos contos a um deputado da esquêrda.

— A' nossa custa.

— E' o que diz certo poeta lirico do meu bairro, pobre diabo que está esqueletico de tanto bramar, emquanto êsses deputados andam apopleticos de tanto comêr. E chamam a isto baixo Imperio. Eu chamo-lhe... imperio do baixo.

— Faz bem. Mas não se esqueça do seu *Bourgogne*...

Baltazar, que no sussurro alto dos muitos ruidos em demanda, os dos instrumentos musicos a alçarem-se sobre os das falas e gargalhadas, os dos pratos e talheres a abafarem os dos passos na dança,

tem de graduar a voz pelo diapasão do pulsar festivo da sala, quasi declama, quasi grita, no tom de orador em comicio:

— Sejamos do nosso tempo. Se a vida é isto, o triunfo à custa de tudo e à conta de todos, procuremos viver.

Ela corôa de copiosos louvores a filosofia do comensal, que fortalece o verbo apostolico a febras de *fois gras* e tempéra o fôgo da doutrinação a copos de velho clarête.

Concluido o sacrificio da ceia em louvor do Natal mundano, chupado outro cigarro, Dulce confessa-se fatigada. A animação cresce com o crescer da hora. Mas os seus nervos exaustos deram quanto podiam dar. Porisso pede licença, na necessidade de recolher ao seu ninho.

Baltazar oferece-se para a levar a casa no automovel. Ao mesmo tempo, sob o sigilo da franja da toalha, enrola uma nota de cem escudos, insinua-lha clandestinamente por baixo da malinha de couro.

— Obrigada — diz, afavel, restituindo-lhe o papel, sem publicar o feito. — Mas... embora neste momento não seja por isso... não costumo abrir a mala por cem escudos.

— Perdão. Estes cem escudos... não são para você. São a gorgeta dos empregados do vestiario.

E levantando-se, e aprumando-se, olimpico:

— Vamos?

Cortam outra vez o salão, atravez dos canais e canalêtes das mesas, à beira do turbilhão afrodisiaco do

baile, sob o vendaval demoniaco da musica. Descem ao vestibulo arabe, arcadas sensuais e ageis colunas na evocação do oriente. E ele, no vestiario masculino, enfia os braços nas mangas da pelissa. E ela, no *toilette* das senhoras, entrega o corpo á quentura das peles de lontra.

Na rua penumbrosa, que a chuva inunda e o vento acorda, ha varios carros parados. A um sinal convencionado surge da sombra a *limousine* de Baltazar.

— Avenida da Republica, ao meio, à esquerda — comanda, já refastelado no carro.

— Ao meio, sim. N.º 367 — elucida ela, friorenta.

O auto avança na direcção do Rocio. Contorna a praça deserta, a luz funeraria dos candieiros concedendo-lhe aparencias de mausoleu, o tocheiro monumental do centro com a tocha apagada. Entra no Largo de Camões, rasga para a Praça dos Restauradores. Sobe a Avenida da Liberdade, com a sua iluminação medrosa, com as suas arvores desfolhadas, e o coral liturgico de ramos e troncos sob a regencia da ventania. As vidraças do carro tomam um tom aleitado e opaco, ao bafo quente de dentro, à chuva fria de fóra. E os dois, colados um ao outro, pela certa mais longe um do outro do que se os separassem quilometros, marcam com a cabeça o compasso aspero da marcha sobre o pavimento.

A' porta de Clarisse êle apeia-se, serve-lhe de ajuda na descida.

— Muito obrigada. Até ámanhã, sim?

— Até ámanhã. E você verá, ha-de chegar a bôa sorte.

— P'ra casa? — inquire o *chauffeur*, encolhido contra a invernia.

— Sim... — Mas de subito impõe-se outro rumo, cambia para contrariado o tom antes natural: — Espera. Não. P'ra casa dos senhores Rio-Cavado.

O carro torna à Avenida da Liberdade, na rota curta da Praça do Rio de Janeiro.

E' verdade! Ia-se esquecendo pela segunda vez de sua mulher, que fôra ao *reveillon* dos primos Rio-Cavado, a quem ficara de conduzir a casa no automovel! Mais — vinha com o sentido nestes e naquêles, por causa do emprestimo de dinheiros devidos ao Silveira, quando dela é que depende afinal a salvação. Negara-se a vender mais, cansada de lhe acudir às dificuldades? Ora! Tudo depende de a saber levar à via do razoavel. Tudo conseguirá se lhe chamar o coração à contenda. Para que pensar em banqueiros, em agiotas, blindados e artilhados de terriveis garantias e absurdas exigencias? E porque não, a quinta de S. Jorge? Não lhes dá um centavo de rendimento, as rendas no total absorvidas por infindas obras de Santa Engracia. Disse-lhe que não vendia, quando lhe falou no caso da outra vez. Mas disse-lhe que não... por ter querido ordenar o que era de obrigação solicitar. Precisa falar-lhe, pois está sem dinheiro e o Silveira só torna ao emprestimo mediante a restituição do que lhe deve.

O carro estaca à porta do palacête. Ele sobe tranquilamente. Desprende-se dos agasalhos, tranquilamente adianta o passo direito aos salões.

— A esta hora? Só ás três e meia? — acusa, assombrada, a prima Rio-Cavado.

Desculpa-se. Prevenira a Isabel Maria de que chegava tarde. Fôra jantar ao *Avenida Palace* com uns francêses que vieram a Portugal á cata de minas. Terminado o jantar, já perto da meia noite, ficaram-se a conversar nos negocios em espectativa e a observar o *reveillon* do hotel.

— Estava lá a nossa marqueza?

— Qual?

— Qual ha-de ser? A Maria da Graça.

— Ah! A Maria da Graça... Espere... Sim, a Maria da Graça... parece-me que sim, que a vi lá... — E como nêsse instante, na revoada do *fox-trot*, a que o *jazz* sopra vertigens de redemoinho, sua mulher deslize ao alcance dos seus olhos e da sua voz, prêsa dos braços robustos do primo Mendonça, êle acena-lhe dois dêdos, anuncia sorridente: — Cá estou. A's tuas ordens.

— A Isabel Maria!... — resume, enternecida, a prima Rio-Cavado. — E' um amôr, esta sua mulher.

O *fox* termina daí a pouco. Ela aproxima-se de Baltazar, pergunta se quere ir embora. Ele responde, magnanimo:

— Resolve tu. Isso é comtigo. Não tenho pressa.

— Nem eu. E isto está tão animado!

— Bem. Vou até á sala de jôgo. Quando quizeres, dize.

E cumprimentando parentes e amigos, e metendo á sala de jôgo, minutos decorridos dá cartas ao *voltarête*, o diluvio universal do *jazz* a alagar tudo de silvos e ribombos.

II

Toda esta voluptuosa galantaria do seculo XVIII parece ter sido ideada, e aparelhada, e afinada, em dia de perfeito sol, para servir de moldura á téla dos bem afortunados. São os frêscos risonhos dos tectos de masseira a conduzir olhos e almas ás scenas venturosas da mitologia e da lenda. São os oiros crepusculares de frisos e grinaldas a afirmar abastanças de frutos do melhor sabôr. São os lustros e serpentinas trabalhados por mãos pacientes a lisongear o passo de donas e varões. E sob a égide heraldica de tudo isto, completando a linha graciosa da moldura, enfileira opulento mobiliario da epoca, o pau santo a medir primazias com o jacarandá, as talhas a acamaradar com os tremidos, as porcelanas e pratas a alumiarem o negrume de armarios e tremós.

A' hora do jantar, nêste dia de Natal, a mêsa ampla dos Lucenas é altar de orago rico na solenidade do turibulo e da capa de asperges — tantas as pratas cinzeladas, os cristais de sangue azul, as flores e os lumes de raça que concorrem ao festim, em honra e louvor dos deuses lares. E porque o jantar é de gala

e celebra o culto da familia, toda a familia se abeira da mêsa paramentada de cerimonia, sem excluir os sabios dez anos de Clarinha, sem faltar mesmo os quatro anos traquinas de Rui, que pela primeira vez emparceira com os grandes, aqueles e estes fiscalisados pela loira severidade de M.elle Lucie.

Baltazar, escanhoado e de *smoking*, conversa no vão da janela com a prima, a oxigenada, e maquilhada, e alegre Maria das Dôres, cujo decote lhe põe á vista o sulco aureo dos seios; D. Mafalda de Lucena, mãe de Baltazar, nos cabêlos frisados a poeira discreta do caminho percorrido, sentada no seu pôsto, carrega de mau humor a atenção de Jorge de Mascarenhas, seu irmão, pai de Maria das Dôres e de Luiz, este a escuta-la tambem, de casaca, e desbarbado, e moreno.

João de Lucena, marido de D. Mafalda, estudo de Wan-Dick a que a nobreza do porte e a alvura das barbas conferem na scena a dignidade dos patriarcas nos quadros biblicos, tem D. Rita de Mascarenhas e M.elle Lucie a um lado, e ao outro Clarinha. E bafejados pela bôca congestionada do fogão de marmore, todos riem, a neta ri, e bate palmas, perante as demonstrações da arte de bem cavalgar em toda a séla que João de Lucena realisa com o Rui, escarranchado na perna cruzada e fogosa.

— A mãe! A mãe! — anuncia de subito Clarinha, num tenir de gorgeio, apartando-se dos ensaios do irmão, correndo ao encontro de Izabel Maria.

— E não é sem tempo. Isto no dia de Natal, sa-

bendo que jantavamos ás nove! — comenta D. Mafalda, a surdina do azedume rompendo ás altitudes do tom agudo da indignação: — Ninguem a vê ao almôço... por se ter deitado tarde. Vem tarde ao jantar... não se sabe porquê...

— Deixa lá, Mafalda — tempéra João de Lucena, do seu logar, os movimentos do néto travados de modo a impedir-lhe a corrida atraz da irmã. — Vem tarde, uns minutos mais tarde, certamente por não a terem deixado saír mais cêdo.

— Olha se não havias de levantar logo a bandeira da misericordia! — murmura, não convencida, antes molestada.

Isabel Maria não demora duas *Salvé-Rainhas* sobre o anuncio de Clarinha. Liberta do agasalho e do chapeu, um ligeiro retoque no cabêlo compôsto á *garçonne*, uma breve vistoría á túnica de crépe lilaz, que lhe desgasta o boleamento das sobrias curvas femininas, na face um sôpro de pó de arroz, na bôca um nada de *rouge*, e ela aí vem, alta e esbelta, a estola de toupeira nos ombros, pela mão a filha chilreante, no passo a cadencia musical de primorosa. Segue em linha recta para D. Mafalda, explica, solicita, os olhos castanhos argüindo culpas, o sorriso afavel requerendo perdões:

— Desculpe. A Maria Tereza serviu o chá tardissimo. Quiz saír antes de acabar a festa. Ela não deixou. E logo no dia de hoje. Desculpem...

— Está desculpada — solfeja D. Mafalda, a sofrear as queixas da sua molestia. — Ah! Vem de casa da

Maria Teresa! E eu a cuidar que fôra ter com os seus filhos ao Monte-Estoril!... Sim, os pequenos voltaram ás sete horas e não me disseram que a viram lá. Apezar disso, como sua mãe está de cama com a gripe...

No salão enfeitado e alumiado em ar de festa cai o silencio doloroso dos rudes e imprevistos momentos.

Mas Isabel Maria, embora adestrada no manejo da paciencia contra os botes da sogra, replica, o ressentimento á sôlta:

— E' que a mãe esqueceu que fui ontem ao Estoril, como tinhamos combinado...

— Questão sem sombra de importancia. Mais quarto de hora, menos quarto de hora... — comenta João de Lucena, aproximando-se da agravada, beijando-a paternalmente, deitando agua na fervura.

— De resto... temos a noite toda por nossa conta — argumenta Luiz de Mascarenhas, a afagar a face da tia no temor de nova arremetida.

— A noite toda... perdão — intervem Baltazar, beijando a mulher com carinho mais que marital, como a pôr-lhe balsamo na ferida aberta pela mãe: — A' meia noite hei-de eu estar no *Palace* com os meus futuros socios e com os francêses das minas. Devem retirar ámanhã. Precisamos acertar uns tantos aspectos do negocio.

— Negocios... de minas, á meia noite, no *Palace*... — observa, duvidoso, João de Lucena.

— O tio estranha. E' muito antigo — sublinha Ma-

ria das Dôres, ao meio do salão. — No seu tempo vivia-se principalmente de dia. Hoje vive-se de noite e de dia, a toda a hora.

E emquanto Isabel Maria, por sujeição ás conveniencias, se informa do estado de saude de Joaquina e José, filhos mais novos de D. Rita Mascarenhas, que a mãe diz terem ficado a preparar-se para o baile de *têtes* da viscondessa de São Gens, João de Lucena, sentando-se ao centro da mesa, põe a sua apostila á margem das alegações modernistas da sobrinha — a cunhada, D. Rita já á sua direita; á sua esquerda Isabel Maria; em frente D. Mafalda, com Jorge Mascarenhas da sinistra e da dextra Maria das Dôres; M.elle e os pequenos ao fundo da mêsa. Sim. Dá o seu voto de aprovação ao alegado por Maria das Dôres. E' verdade. Hoje vive-se de noite. No seu tempo vivia-se de dia. Porisso o viver do seu tempo era sadiamente claro, e o de hoje doentiamente escuro.

Os Mascarenhas confirmam e aplaudem os considerandos do mano Lucena.

— Isso conforme — recorre Maria das Dôres, no prazer da controversia. — No tempo do tio, ou muito anteriormente ao seu tempo, eram notaveis certas senhoras e respeitaveis senhores, as Messalinas, as Lucrecias, os Tenorios, os Barba-Azul... que reduzem á inocencia dos pombos os piores morcegos de hoje. Por onde se prova... que cá e lá más fadas ha.

— E' possivel... — transige o tio, no cuidado de desviar para terreno de melhor piso o rumo da

conversa. Desvia-os para Isabel Maria, que observa o filho, muito inchado no grémio apetecido dos grandes, tão grave na cadeira alta de *bébé* como juiz na cadeira curul. E avança, e requere: — A Isabel Maria desculpe o vir encontrar-nos já na sala de jantar.

— O' pai, que ideia!

— Foi o fogão electrico lá de dentro que fez grève — atalha Mascarenhas sobre a prova da sôpa.

— Os pequenos, que chegaram do Estoril ao escurecer, começaram a queixar-se do frio...

— Eu não, vô-vô. Quem se queixou... foi o Rui — canta Clarinha, os olhitos negros de toutinegra cheios do lume da graça.

— E viemos então para aqui, onde está instalado o fogão á antiga portuguêsa, onde arde o antigo azinho alemtejano — acentua, a conclusão com vista á sobrinha dos modernismos, a voz e o olhar a exalarem ironia, a que o azinho alemtejano, como se lhe conhecesse a voz, como se lhe soubesse do olhar, responde e corresponde em tom maior, num ironico crepitar de fuzilaria, num chocarreiro espirrar de faulhas.

— Agora, repare, tio João! — insinua Maria das Dôres, a rir — olhe que o seu fogão e a sua lenha... apezar de antigos... são faliveis e pecadores, tal qual as electricidades e os fogões modernos.

— O' João... repara no Rui... Parece um homem, a comer a sua sopinha... — intervem D. Mafalda, convocando as atenções para o aprumo do

néto. Mas, como se o aviso da correcção do pequeno não fosse mais do que a senha para caír a fundo contra a nora, cobre o gesto agressivo com o veludo da ternura, e exclama, e lamenta: — E' verdade. O pobresinho do Rui! Esta manhã, antes de saír, esteve com dôres de cabeça. Poz-se a chorar e a chamar a mãe. Cortava o coração o chôro do pequenino... Mas a Isabel Maria estava a dormir...

— Pudera! Não havia de estar! — replica Baltazar, agora muito pronto no erguer do escudo a favor da victima. — Pois nós recolhemos a casa já depois das sete...

Isabel Maria respira fundo, chama ao activo todas as reservas da prudencia. E reprimindo-se, e contorcendo-se, a voz a esquivar-se, a face a contraír-se, ferida pelas demasias da sogra que parece apostada, na presença da M.elle, a obriga-la a atitudes menos senhoris:

— Se estava a dormir... chamassem-me. Eu não podia adivinhar.

— Não era preciso. Aquilo não passou de efemera perrice. Não é verdade, ó Rei-Sol destes reinos? — intervem João de Lucena, na missão de assinar a paz entre as potencias.

— E não era dôr de cabeça, não, vô-vô — corrobora a fidelidade de Clarinha.—Eu é que sei o que era.

O avô, no claro proposito de tornar a paz duradoira, cita o néto, interpela o Rui:

— Diga o senhor D. Rui. O senhor D. Rui, hoje, tem os maiores do reino ao seu serviço. Digne-se di-

zer aos maiores do reino de sua real justiça. Foi perrice, ou foi dôr de cabeça ?

Os horisontes iluminam-se de dôces claridades, só escurecidas pela face de Isabel Maria, que não consegue aliviar o luto pesado. Os olhos chamejam de prometedôras espectativas.

— Não foi dôr de cabeça, não. Foi outra coisa que eu cá sei.

— O que foi ? O que foi ? — clama o côro dos pacifistas.

Rui fixa no rôsto da mãe as pupilas negras, a luz virginal diluida num fluido vago de nevoa matutina. E sorrindo, e contando, o orvalho leitôso dos primeiros dentes a refrescar os botões de rosa das gengivas :

— Foi... foi o Menino Jesus. Não me pôz no sapatinho a bola que êle tem na mão para eu jogar com o Tonéca. E eu queria pedir á mãesinha que lhe ralhasse, e não fôsse mais amiga dêle...

A paz assina-se, agora no concerto unanime de risos e ternuras. Baltazar protesta convencer o Menino Jesus, no proximo futuro Natal, a pôr a bola no sapatinho de Rui. O avô promete conseguir até, talvez, que o Menino Jesus se disponha a jogar a bola com Sua Grandeza.

Luiz de Mascarenhas, liquidada a pendencia, no receio de que outra surja a renovar aquela, afiança e jura, e jura-o aos santos Evangelhos, que a rainha da *matinée* dessa tarde, onde Isabel Maria estivera por vassala, fôra a dona da casa, a prima Maria Te-

reza, a corôa do chinó na cabeça, o sceptro do *lorgnon* na mão.

— Oh Luiz! Não sejas mau! — acode Maria das Dores, a zombaria ostentando divisa de piedade.

D. Mafalda não suporta a prima Maria Tereza, coberta de postiços e ridicula de preciosismo, sendo o seu parecer legitimado por D. Rita.

Lucena e Mascarenhas pai discordam. A Maria Tereza conserva vestigios sensiveis dos seus tempos de soberana. Mais — isto assevera-o João de Lucena, intrepido Magriço daquela dama ofendida: — está a vê la em S. Carlos, em noite de gala, o grande Gayarre na *Favorita*, oh, o seu *Spirito Gentile!* o senhor D. Luiz e a senhora D. Maria Pia na tribuna, um e outro no fulgor de constelações. As lentes dos melhores astrologos da sociedade, dispersos na sala, seguem a curva, daqui, dalém, das estrelas nessa era mais luminosas. Pois a prima Maria Tereza, então no fulgôr dos vinte anos, era das que as lentes procuravam e distinguiam entre os astros de primeira grandeza.

— Não admira, meu tio. Tambem o carvão de choça, antes de ser negro torresmo, foi pé de flôres e lume de fogueira...

— Estás impossivel, Luiz! — rebate Maria das Dores, sob o riso aprovativo da tia e da mãe. E a voz e o gesto no lance direitos a Isabel Maria, em cuja turva fisionomia pairam ainda nuvens e sombras: — A proposito: ó Isabel Maria! Sempre recitaste o sonêto do Nobre?

— Não. Insistiram comigo. Mas não recitei. Não me sentia disposta.

— A sua amiga Livia ? Essa recitou ?— interroga Luiz.

— Recitou dois dos seus ultimos sonêtos. Dois bons sonêtos.

O festim aproxima-se do final. Já percorre a casa de mordomos e festeiros, ao redor da mêsa, sobre o seu andôr de porcelana da China, o gôrdo e engalanado perú do Natal, idolo secular do rito natalacio dentre Tejo e Mondêgo. E' então que Baltazar, até ali de espreita á oportunidade, aproveitando a sazão dos louvores ás virtudes visiveis do chorudo galinaceo, decide lançar a sua rêde, procura apanhar o seu peixe.

— E' verdade. Uma grande nova para noite de festa... — clama, á maneira de exordio. — Calculem: — estou em vesperas de ser milionario.

— Tu ? A' custa das minas, han ? — interpreta João de Lucena, a incredulidade a entrever-se á tona da interpretação. — Mas... minas de quê ?

— Não são bem minas. São imensos jazigos de enxôfre por explorar. A companhia exploradora será formada por mim, pelo Visconde de Ricois, pelo Chico Provezende, pelo Antonio de Cuba, tudo gente de nome, como veem, e da que tem que perder. Os francêses do *Palace* vão estudar esses depositos. Devem partir na proxima semana. E depois, feitos os estudos para a exploração, é só obter e mobilisar capitais.

— E onde são êsses depositos? — pergunta D. Rita.

— Em Cabo Vêrde. Nas ilhas de Cabo Vêrde.

— Tu deves ter ouvido falar, minha mãe—reforça Maria das Dôres, inesperadamente cumulada da sciencia dos enxôfres caboverdeanos. — Dizem que é das maiores riquezas das nossas colonias. E que só não tem sido explorados... pela gentileza de comprarmos á Italia o que temos em casa.

— Sim, senhor. E' assim mesmo! — aplaude Baltazar com energia e convicção. — O nosso enxofre é até melhor do que o italiano. Dito pelos tecnicos. Encontramos negocio para enriquecermos todos. P'ra atingirmos a categoria de nababos.

— Mas... eu ainda não percebi tudo, Baltazar... — investiga D. Mafalda, preocupada. — E's tu... quem vai explorar os enxôfres?

— Sou eu... e são os amigos a que me referi.

— Tu?! — exclama, no olhar e na voz o terror do sacrilegio contra a dignidade dos apelidos, desde sempre limpos da lepra do mercantilismo. — Não acredito. Tu não podes esquecer que és Lucena. Que por tua mãe és dos Sepulvedas. Que por mim e por teu pai estás ligado ás casas dos Sousas e dos Coelhos, dos Menezes e dos Pereiras — insiste, o golpe vibrado simultaneamente nos descuidos nobiliarquicos do filho, e no burguezismo endinheirado de Isabel Maria, a quem olha de lado, no gôsto de a humilhar perante o seu concilio de ilustres. E avança, e proclama: — Se esqueceste alguma vez o que deves a ti e

aos teus, aqui estou eu agora para te lembrar os avós das navegações, os avós vice-reis...

— Tudo isso é historia — argumenta Luiz, no punho heraldico o lábaro mercantil do primo. — A vida actual rola vertiginosa sobre as linhas paralelas das realidades... não adormece a contemplar curiosidades de museu. Não protestes. E' isto mesmo! Tu, minha tia, estás afastada do mundo de agora os dez anos que se contam da guerra aos nossos dias... isto é, dez seculos de valores e realidades novas.

— A fidalguia de nossos dias, minha tia, esta é a verdade, a desgraçada verdade, substituiu o bastão e a comenda pelo metro e o quilo — sublinha Maria das Dores, conformada.

— Infelizmente. E' assim, é... — corrobora D. Rita, os olhos funebres no marido e no filho, dois Mascarenhas, escravisados por descalabros e hipotecas ao sujo Razão de guarda-livros.

Rindo e chalaceando, Baltazar, que se sente ao abrigo da maioria, investe:

— E o que são hoje, em Portugal, as melhores casas nobres? São os nossos maiores factores comerciais. Esta negoceia em vinhos, aquela em azeites, todas em tudo. O brazão, nos nossos dias, por si só, não vale senão zero. E o zero só vale alguma coisa, com qualquer unidade á esquerda, no nosso caso as unidades do tempo, os valores do comercio, as riquezas da industria. Clero, nobreza e povo, minha mãe... deram-se as mãos, desceram á praça publica e abriram tenda de mercadores. E' triste,

quanto a nós, os filhos d'algo? Talvez. Mas é necessario. Porque, onde a maioria vende, quem não vende... é vendido. E eu quero e hei-de vender.

D. Mafalda não transige com a vil tristeza dos nivelamentos modernos, os de baixo a graduarem o estalão aos de cima, os grandes a baixarem á fieira dos pequenos. Para ela, diga o que disser o mundo, os homens não são mais do que rebanho perdido no descampado, à mercê dos instinctos ferozes, desde que duns para os outros se não escalem as distancias que vão do anho ao carneiro, do carneiro ao ajuda, do ajuda ao maioral, do maioral ao senhor — o senhor, pai e juiz, a medir o pão e a justiça, a distribuir o premio e o castigo.

— Falas como Marco Aurelio, mulher! — aplaude João de Lucena, até ali neutral, não beligerante. — Nem todos pigmeus, nem todos gigantes. Mas os gigantes hão de ser, até ao fim, os pastores dos pigmeus... quer a feira da ladra de hoje consinta quer não... Sem montanhas não há vergeis, porque as aguas vieram sempre dos altos.

O velho e legitimo *champagne*, levado de taça em taça com gravidades liturgicas no santo sacrificio da missa, esconde se à volupia das libações sob as neves tremulas da espuma.

E Baltazar, que não arreda do seu caminho, de taça na dextra, brinda à festa da familia. Brinda ao culto da tradição. Mas nem porisso renega o culto da obrigação. Ora a obrigação, nesta hora febril de valores reais, exige que brinde conjuntamente

à festa da familia e à prosperidade dos seus negocios.

— Fóra! Fóra com os vendilhões do templo! — clama João de Lucena, sincero. — A noite é de Cristo. E Cristo não quer nada com o balcão.

— Muito bem! Muito bem! — sanciona D. Mafalda.

A contenda toma vulto de batalha — a que os pequenos assistem, repartindo aplausos com ruidosa egualdade a favor de gregos e troianos. Baltazar regista o significado social dos dois grupos opostos, um pelo futuro, o outro pelo passado, nutrindo-se do mesmo pão, bebendo o mesmo vinho. Luiz vê na coincidencia dos campos em luta, sob o tecto comum da familia, o simbolismo das facções e das seitas que dividem as nações em partidos: — no caso presente o partido de idades moribundas em briga com o partido de idades nascentes.

Jorge Mascarenhas reevindica um pôsto nos serviços auxiliares das idades nascentes — visto as conveniencias imperarem sobre as simpatias. João de Lucena aponta o logar do coração — e jura que pegaria em armas, se lho exigissem, apezar do coração por vezes se esquivar aos seus deveres, na defesa das tradições do passado, raiz e seiva do futuro.

— Isabel Maria. Os meus pais dão licença... E' quasi meia noite... Podes chegar comigo... ali, ao escritorio? — requer Baltazar, servido o café, os pequenos em retirada com a *bonne*, os modos ajustados ao estilo do requerimento.

— Quando quizeres.

Ele na pégada dela, que ao contacto do ambiente frio aconchega a estola ao pescoço, entram no escritorio: — quadra de fisionomia severa, em que as estantes de pau santo e as lombadas dos tomos seculares jogam o serio com os quadros esfumados de eclesiasticos e guerreiros.

— Desculpa o vir falar-te hoje nêste assunto... — começa, quasi terno, quasi amoravel. — E' que tenho os meus amigos francezes à espera... Hoje de dia não te vi. E preciso levar-lhes uma resposta formal. E' o caso do negocio em que falei à mêsa. Um negocio grande, e de vantagens infaliveis. Tu conheces o primo Visconde de Ricois. Não é pessoa que se meta em aventuras de acaso, não achas? Pois o Ricois hipotecou a quinta de Santa Eulalia para entrar no negocio. Sabes do genio do Chico Provezende, a ordem e a previdencia em pessoa. O Chico Provezende vendeu hontem um lote de acções para ser dos da companhia...

— E tu queres vender... — decide Izabel Maria, na inflexão um amargor acentuado

— Estás incomodada?

— Porque?

— O tom em que me falas...

— Não é nada comtigo,

— Ah, já sei! Estás magoada com as durezas de minha mãe.

— Durezas, não. Inconveniencias. Esteve todo o jantar a humilhar-me, a ofender-me. Depois queixam-

se dos orgulhos de minha mãe. Pudera! Não são orgulhos... são agravos. Não vem aqui, ou vem raras vezes, para não assistir a coisas destas. Não me levantei da mêsa, não saí da sala... por teu pai, pelos primos Mascarenhas, e pelos nossos filhos. Eu não tenho culpa de não ser fidalga. Aquilo não se faz. Diante de todos e da propria Mademoiselle.

— Tens razão, Isabel Maria... Mas tu compreendes...

— Eu não me introduzi à força na intimidade da tua familia. Fôste tu que me procuraste. Fôste tu que me pediste.

— E' verdade. E' assim mesmo. Mas que queres? E ela é tua amiga. Reconhece o que tens sido nesta casa. E' a velhice. E' a rabugice de velha.

— Perdão. Mais velho do que ela é teu pai... e de teu pai só gentilezas tenho recebido. — Esforça-se por meter as razões de queixa ao jugo da paciencia. E mudando de tom, e cambiando de parecer, pergunta, quasi afavel, quasi humilde:

— Queres então vender o quê?

Ele receia comprometer a cruzada expondo-a às contingencias da justa irritação de Isabel Maria. Porisso se retrai, afirmando:

— Vender não... Queria só que me dissesses... no caso de vir a ser preciso, visto que disponho ainda de reservas... se estás pronta a colaborar comnosco. Claro: a colaborar comnosco sob garantias serias e exito certo...

— Quero... o que resolveres por melhor.

— E's um anjo! — remata, beijando-lhe a mão.

— Sou um anjo... quando não sou um demonio.

— Não entendo nada disso. Nunca te conheci senão... generosa, — Beija-lhe de novo a mão, propõe, afectuoso: — Queres ir ámanhã a S. Carlos? A Maria das Dores tem camarote.

— Não. Para ámanhã... estou comprometida com as Pereiras d'Almeida. Vamos ao S. Luiz.

Do lado, da sala de jantar, alteia-se a voz de João de Lucena, emergindo ao de cima do rumor confuso de protestos e palmas, clamando, apregoando:

— Guerra ao mercantilismo! Paz ao idealismo!

III

Senta-se no caramanchão vestido de roseiras e madresilvas, ao fundo do jardim. Abre o livro no regaço, protegida do sol e do ar vivo de Abril por afaveis muros de ramos e flôres — que exalam em redôr um haiito perturbante. Mas, por mais que procure colher na leitura o repouso dos nervos inquietos, os nervos negaceiam-lhe os olhos, trocam-lhe ou obscurecem-lhe os pensamentos, não consentem aos olhos que se fixem e aos pensamentos que se demorem na intima conivencia dos dizeres do catecismo.

— Quatro horas! — monologa, conforme o certificado do relogio de pulso.

Ah, que situação o destino lhe preparára! Casada, não tem marido — é de toda a gente, não pode chegar para ela. Mãe, por pouco não tem filhos — são dos avós, são da M.elle, mal podem ser seus. E sendo, afinal, legitima proprietaria daquela casa, a essa hora na mão dos credores dos sogros se lhe não acode a sua delicadeza e diligencia, não usufrue aqui senão logar de intrusa — é destes, é daqueles, não lhe pertencendo a ela sequer o seu quarto de

dormir. Tal qual, sem tirar nem pôr. Tanto é isto, que até para falar à vontade com a mãe, quando vem a Lisboa, ou com certas amigas, quando a visitam, precisa do recurso ás artimanhas clandestinas de colegial medrosa — pois a sogra espia-lhe todos os passos e escuta-lhe todas as conversas. Ou sai com elas, e conversam no automovel, nas pastelarias, nos salões alheios, ou refugia-se no jardim, se a visita é de intimidade e o tempo lhe presta ajuda. Nessa tarde espera a sua amiga, Livia de Menezes, com as informações pedidas na vespera. Não pode sair por ter morrido três dias antes a tia Benedicta, irmã da sogra. E' o jardim que lhe vale, com os seus recantos hospitaleiros e as suas sombras discretas. Depois acusam-na de só se interessar pelo jardim, de querer mais às flores do que aos filhos...

Se não fosse pelo sogro, êsse leal, e alto, e puro João de Lucena, cheio de palavras sãs e actos nobres, já tinha posto de lado os juizos do mundo, tomado para si os filhos, e marchado definitivamente para o Estoril — a requerer agasalho e calma a sua mãe, que lêra no futuro com a infalivel exactidão dos augures e dos profetas.

O marido tornara-se um estranho portas a dentro do seu sentimento. Pode fazer o que quizer — pode percorrer, dia a dia, hora a hora, a via tortuosa das ligações de acaso, essas ligações que a principio lhe queimavam o coração e lhe clamavam revindictas; pode recolher tarde, ou aparecer cêdo, prodigalisar-lhe louvores ou atirar-lhe censuras, que a sua

sensibilidade anestesiada não se lisongeia nem se doe. Só uma coisa está disposta a não lhe consentir mais, isto por amor aos filhos, de modo algum por apêgo ao dinheiro — que continue a dissipar, a mãos loucas, o patrimonio herdado de seu pai. Encontra-se diante de nova arremetida aos haveres de que ela, como boa mãe, se considera simples depositaria — derretidas as dezenas de contos da venda da quinta de S. Jorge, não no negocio do enxofre de Cabo Verde, nos negocios fraudulentos do jôgo, e das mulheres, e das viagens. Ha três mezes vendera para enriquecer na exploração dos opulentos enxofres caboverdianos; agora, precisa... diz que precisa a sua assinatura numa letra de vinte contos — para se furtar ás consequencias de desastrado jogo de Bôlsa a descoberto, cujo maquinismo oculto não percebe, mas que ele afirma de molde a levá-lo á cadeia.

— A cadeia!

Arripia-se. Sempre é o pai dos seus filhos. Se for verdade... sacrificar-lhe-ha a soma exigida. E pronto. E não vende nada mais, e não sacrifica mais um ceitil.

Ainda se o convidasse á constança do lar e ao amor da familia lançando tudo o que possue á gula da voragem!...

Mas não. E' docil, é afavel na audiencia em que requer. Deferido o requerimento, entregue o beneficio, o docil muda-se em rude, em insubmisso o afavel.

— Bem lhe dizia sua mãe: fidalgo, filho unico, habituado a satisfazer todos os caprichos...

Isto pelo que respeita ao marido. Que no tocante á sogra... considera-se muito pior.

O marido sai de manhã, anda dias por fora, e se hontem foi hostil, já servido, ámanhã será amavel, peitando-a ao serviço. Ao passo que a sogra, grande na crueldade, enorme na perfidia, imensa na injustiça, vê-a a toda a hora, sai-lhe a cada canto, tem-na sempre em casa. E parece que redobra de crueldade, e de perfidia, e de injustiça nos dias em que melhor lhe serve o filho, nos dias em que mais largamente lhe satisfaz os apetites — como se o satisfazer-lhos e o servi-lo a humilhasse nas soberbias do seu orgulho. Descobre-lhe defeitos, inventa-lhe faltas, publica-lhe fraquezas. E não ha acto largo de generosidade ou de perdão, que ela não pulverise em cisco miudo, lançando o debaixo dos pés mortos de todos os antepassados historicos — como se ela tivesse culpa do burguezismo honrado daquele que a gerou, culto negociante de vinhos, como se a sua familia não usasse os aureos brazões dos talentos e das virtudes, conquistados, não herdados, as virtudes de seu pai e de sua mãe, os talentos do seu padrinho, tio Leonardo, par do reino na monarquia, os do avô materno, poeta e orador de renome.

Que diferença entre sogra e sôgro! Ela dura e agressiva. Ele brando e amavel. Ele, tão amavel, tão brando, tão fidalgo, que até no torneado natural do gesto afaga e acolhe...

— A senhora D. Livia de Menezes... Chegou agora.

Isabel Maria, no ar atonito de quem acorda estremunhado por fôrça de pesadêlo ou despertador, bate as palpebras, interroga ao acaso:

— Chegou agora?

O criado, á porta esguia do caramanchão, repete, solene e grave:

— Agora mesmo.

— Ah. Está bem. Que faça favor de vir para aqui. E não estou para mais ninguem, han? — O criado, rapaz na idade e velho na compostura, volta-se para a retirada. Ela chama-o, recomenda, pergunta: — A M.lle que tenha cuidado com os meninos. A sr.ª D. Mafalda?

— Os meninos estão com o avô no escritorio. A sr.ª D. Mafalda está com visitas.

Com visitas. Ainda bem — diz, para comsigo. Sem as visitas não as deixaria sós dez minutos.

Os passos do criado, afastando-se, rangem compassadamente na areia dos arruamentos. Ela fica-se a ouvi-los, sem proposito defenido, sem voluntaria intenção — primeiro carregados, na toada certa do bordão nas voltas do fado, depois esmorecentes, embora na mesma cadencia cromática, quasi indistinctos por fim. Na parda indecisão dos seus sentimentos, ora no fluxo dos masculos impulsos, ora no refluxo das femininas transigencias, não querendo pensar no que Livia vem revelar-lhe, e desejando simultaneamente adivinhal-o a distancia, Isabel Maria, os olhos vasios no jardim, ouve o rumôr dos passos na areia e afigura-se-lhe o acompanhamento musical dos gra-

ves das cordas baixas aos agudos de prima gemente — e a prima é o fio de agua da minuscula cascata, á sombra dos platanos, que tem Neptuno por padroeiro. E á medida que se dilue a toada do bordão, *trruc-trruc*, *trruc-trruc*, sente melhor o fado corrido das linfas na concha de marmore. E' um eco a morrer o pulsar ritmico dos passos. E' uma surdina de ais desmaiados o suspirar do fio cristalino. Eco tão diluido, surdina tão imprecisa, que até as arvores, educadas de nascença no gôsto da bôa musica, *schiu*, *schiu*, pedem silencio à aragem, pois querem ouvir tambem.

— Ali ? No caramanchão ?

— Sim, minha senhora. No caramanchão.

Agora é outro o rumor que lhe chega ao ouvido. Distingue a voz de Livia na pergunta. A resposta traz-lha a voz do criado.

Levanta-se, apressada. O passo na ligeireza de dança, a mão cuidadosa a segurar o cabêlo, ela corta a alea central do jardim, ao meio inchada curva de rotunda, as margens muradas por sebes verdes de buxos domesticados, fazendo piramides nos angulos dos canteiros, em volta da rotunda erguendo-se em corucheus.

Livia, o casaco de peles a engrossar-lhe os comedimentos de esbelta, o *lorgnon* a auxiliar a pesquiza dos olhos, já desce os ultimos degraus da escada dupla de cantaria, com faunos risonhos no remate dos pilares fundeiros.

— Aqui. Estou aqui... — clama Isabel María, esta vestida de prêto, em preito ao luto.

Encontram-se no terreiro, sombreado por duas corpulentas magnolias, vestibulo entre a casa e o jardim.

— Minha querida Livia! — gorgeia, a abraça-la, a beija-la. — A massada que te dei!

— Cala-te. Não digas heresias.

— A tarde não está quente. Mas... bem sabes. E' preciso. E o caramanchão é muito abrigado. Precisamos aproveitar emquanto ela tem visitas...

— Não está quente nem fria. Eu mesmo trago isto por habito — observa Livia, a anotação a referir-se ao casaco de peles, os olhos castanhos de Ruth cristã a associarem-se á conversa, a estatura flexivel de morena Sulamite a afuzelar-se na marcha. — E hoje não ha vento. Mas hontem? Ventos, chuvas, o inferno! E chama-se a esta inverneira a Primavera. A guerra até a Primavera matou. Não a canto mais, que não nasci para coruja...

E caminhando, e rindo, por entre sébes de buxos e canteiros de flôres, afirma com convicção que os calendarios se fizeram relapsos mentirosos. Dantes, sim. Diziam-nos — a tantos de Abril aí tendes a Primavera. E ela vinha a tantos de Abril, imagem ampliada das virgens de lenda, olhos de safira e cabêlos côr de rosa, cheirosa de quantas flôres andam nos poemas liricos, sonora de quantas harmonias nascem da alma dos passarinhos. Pois sim. Mas isso era dantes. Agora, nos tempos turbulentos dos negocios e das sangueiras, não sai nunca dentre as paginas dos calendarios. E se por um instante, de manhã, á

tarde, deita a cabeça de fora, a vêr o que por cá vai, surge-nos tão violenta e desgrenhada que nunca o foram mais as histericas em convulsões...

— Repara... Até as flores veem enganadas á espera dela, dantes tão pacificas, agora batendo-se como feras.

— Tudo isso é muito bonito... São sonêtos e redondilhas. Mas... tem paciencia. E' urgente que desças á prosa da vida.

A advertencia é já articulada ao abrigo do caramanchão — um coador de leite, a aceitarmos por pingos tremulos do alvo e saborôso liquido maternal as nodoas de sol que se filtram atravez das ramagens buliçosas e caem na areia fulva do pavimento.

— Soubeste alguma coisa? — interpela, em seguida, apenas a amiga se acomoda no banco de madeira. — Desculpa esta pressa de informações.

— E' natural.

— Natural... em face da febre da minha vida. Porque, numa vida calma, o natural seria começar por saber dos teus pais, do...

— O' filha! Cala-te. Ainda hontem soubeste dêles. Demais sei eu que tens razão. Ah, é verdade. Para que a tua sogra nos não venha incomodar, pedi ao criado que lhe não anunciasse a minha chegada. Disse-lhe que não queria incomodal-a...

— Que situação a minha! Tenho-lhe mêdo. Temo-a... como criança o papão. E' o meu papão. E eu não era assim. Eu não era medrosa.

A perna cruzada, o *lorgnon* assestado sobre um

tufo de bemmequeres floridos que em frente se regalam bebendo o leite tepido do sol vespertino, Livia prepara-se para depôr no processo em julgado.

— Mas então, o que ha? — torna Isabel Maria, na sofreguidão da verdade.

— Soube tudo.

— Tudo... o quê?

Ela hesita, torce-se, confrangida.

— Que está em perigo de ser prêso?

Não. Nada disso, contrapõe a amiga, os olhos fitos na areia fervilhante de pontos luminosos, na fisionomia a pontuação da palavra melancolica. Antes fôsse o perigo de sêr prêso. Porque nêsse caso não teria a magoa e o acanhamento que lhe põem embargos à voz.

— Escusas de acrescentar mais... Nova mentira!

Livia encolhe os ombros, sem energia para confirmar, sem animo para negar.

— Nova mentira... para roubar os filhos! E é a mentira, mais do que o roubo, mais do que tudo, que eu não posso perdoar-lhe. O dinheiro que esse homem desperdiça! Tu sabes... tenho-te dito muitas vezes. Ha ocasiões em que sou obrigada a recorrer ao auxilio de minha mãe, porque a lei dando-lhe a êle a administração do que me pertence, como se eu o não administrasse melhor do que ninguem, o habilita a gastar-me os proprios rendimentos. Imagina, Livia, que minha mãe não se opunha ao casamento sem separação de bens! Eu queria casar

sem escrituras. Quer dizer, a esta hora... estava na miseria. Estavamos todos na miseria. Ele não pode ver minha mãe; nem êle nem a mãe dêle. E não se passa fome nesta casa... pela sua previdencia. — O tom do alegado de dolorido transita para o amargo: — E' um valdevinos! Um perdulario! Um louco! Mas como soubeste, Livia? Falaste ao Brazão?

Ela compreende, a sua posição no incidente é muito delicada. Custa-lhe falar, não vá concorrer com os seus informes para desavenças e conflictos. Sim, tem razão. E' para bem da sua amiga. E' pela salvação dos seus filhos. Dirá tudo o que sabe, mas custa-lhe o dize-lo. Falára ao Brazão. Claro, falára sem que êle suspeitasse onde queria chegar. Dissera-lhe que se lembrára de jogar na Bôlsa, como toda a gente. Mas que, no receio de que lhe acontecesse a ela, de todo inexperiente, o que acontecera ao Baltazar de Lucena...

— O que aconteceu ao Baltazar? inquire o Brazão, olhando-me por cima dos oculos.

— Disseram-me... que esteve para ser prêso, por ter jogado a... não percebo a tecnologia bolsista.

— E o que respondeu êle? — apressa-se Isabel Maria.

— Respondeu... que não, que o Baltazar... nem sequer joga na Bôlsa.

O seu marido! — intervem ela, a face congestionada de vergonha, o olhar incerto de revolta. E tem de chamar marido... a um homem de tal estôfo moral! Como o dinheiro o perverteu! Porque foi o

dinheiro, sem sombra de duvida, que de comedido o converteu em desvairado. Não era assim em solteiro. Os proprios rapazes o troçavam pelo seu excessivo equilibrio. De subito, mercê do casamento, vê-se administrador de bens de certo volume. Não quere tocar em cinco réis nos primeiros tempos. É preciso zangar-se com êle para lhe amortecer os escrupulos. E o que êle lhe diz, a proposito dos seus bens e do seu amôr, dez dias depois de casados, aqui mesmo, á sombra do caramanchão! Afinal, experimenta gastar à larga. Acha o acto agradavel. Os amigos começam a frequentá-lo, a aplaudi-lo, a lisongeá-lo. Atrás dos frutos vão sendo devoradas as raizes. Pior do que isto: — com os gastos imoderados inicia os vicios comprometedores. E cai nêsse plano inclinado que o leva à fraude, à mentira, ao embuste... não sabe aonde mais! Ah! como inveja os pobres, felizes na sua humildade, ricos na sua felicidade...

— A's vezes — contrapõe Livia, o *lorgnon* a marcar no joelho o compasso da contradita: — sabes lá o que vai pela casa dos outros! Aos pobres... nos dias em que lhes falta o pão, tudo lhes falta, porque nem a felicidade vive do ar... a não ser nos sonêtos. A felicidade, minha filha, é uma palavra bonita, que só encontramos no dicionario das realidades... quando dá o nome a senhora de sadias pôlpas e muitos oiros. E então chama-se senhora D. Felicidade... da Silva, ou dos Santos.

E gesticulando, e levantando-se, na expressão a nuvem de cinzas erguidas no sacudir da veemencia,

na fala o crepitar de fogos ocultos mas não extinctos, Livia de Menezes acentua a sua descrença na felicidade — méta para que todos correm, que ninguem atinge, pois antes déla está sempre a morte. A felicidade não existe como conquista ou herança. E se ha alguem que a apregôe, esse alguem apregôa-a por hipocrisia, por mentira, ou por vaidade. Ostenta-se certo ar feliz, quantas vezes! para humilhar, para enganar, por comprazer. Mas no fundo, essa felicidade... corresponde a titulo, a distinção ou a riqueza que não nos pertencem. Felicidade... só a dos bens terrenos que nunca chegam, porque se chegam logo se dissolve a miragem, ou dos bens celestes que se cultivam na piedade, porque vivem dia e noite da fé que os alimenta...

— Minha amiga! — insinua Isabel Maria, na voz o rumor triste dum rio correndo na escuridão: — Tu, falas nêsse tom... porque alguem não sabe ver os encantos da tua alma. Qual o tom em que deveria falar... quem, como eu, vê a sua alma coberta de miserias?

Calam-se, Livia de pé, olhos velados no jardim, Isabel Maria sentada, pupilas amarguradas no vacuo.

E ao silencio aberto no caramanchão corre logo, tal a agua de rega ao encontro de cova no termo da sua comarca, a lirica sonoridade da cascata visinha, avena de cristalinas notas embalando os ocios mudos de Neptuno, o cicio sibilante de arvores e arbustos, criaturas nervosas que não suportam cocegas ou desacatos da aragem ou do vento.

E emquanto Isabel Maria, ao que consta do eloquente depoimento das meninas dos seus olhos, confere as letras vencidas a dividas alheias, Livia parece entregue à revisão conscienciosa do processo contra a felicidade — e quem lhe jura haver êrro de justiça é o atrevido dum melro, negro como o pecado e jocundo como a ironia, que passeia senhorialmente um dos canteiros da direita. Este, sim senhor, é a imagem alada da felicidade. Não ha nêle nem gesto nem atitude donde espreite desventura. Passeia por entre flôres a sua brilhante bemaventurança. Vai daqui para ali, dali para além, aos saltinhos, num exotico sabôr de dança chineza. E se pára um instante, é na intenção de se perfilar e meter venia de estilo em mercê das folhas e ramos que de toda a parte lhe baixam a cabeça. E se se detem outra vez, é na obrigação de cumprimentar certo cidadão inofensivo, roliço bicho de conta, que anda certamente a ares de campo. Mas se o mobil da detença é este, feito o cumprimento, o cavalheiro toma o aprumo de levita no culto, pergunta cerimoniosamente à direita e à esquerda se pode servir-se, e pronto, como os ramos lhe digam que sim, como as folhas acrescentam que lhe preste, engole o honrado passeante na solenidade de levita no altar, a cabeça alçada no geito de quem publica:

— Manjar do céo.

E' Izabel Maria, conferidas as letras no vencimento, quem dá o mote para o torneio suspenso. Observa, suspira:

— O que fui, minha amiga, e o que sou! Fui a mais apaixonada das amantes. Sou a mais frivola das mulheres. Frivola, é certo, não contesto. Todos me acusam disso... até o meu marido! E eu tenho-te confessado... quantas vezes! Não é a cegueira que me torna frivola... é a necessidade. Caí na frivolidade para não caír na perversão... para não tombar do meu pedestal de honesta no aventurismo de acaso de tantas mulheres. Censuram-me as festas, os bailes, os chás... Meu padrinho Leonardo, quando vem a Lisbôa, tu tens ouvido, não ha reparo que me não faça. Minha sogra, todos os dias me lança em rôsto o crime dêsses chás, dêsses bailes, déssas festas... E' certo que não me pouparia se eu procedesse em contrario. Até a prima Maria das Dôres, ela que não frequenta mais a sociedade porque não póde, até ela me tem dito... que se fôsse homem, não tolerava uma mulher como eu! Só a Mademoiselle está por mim! Essa... embora não se atreva a censurá lo, compreende-me, dá-me razão... — Interrompe-se, batida de chofre por ligeiro sorriso enigmatico da amiga. Interpela-a, curiosa: — Porque sorriste... assim?

— Assim... como?

— Não estejas com habilidades comigo. Sorriste de certo modo... quando falei na Mademoiselle.

— E' que me lembrei... da conversa de ha tempos...

— Bem sei. Chamem-me parva, à vontade. E'-me

indiferente. A Mademoiselle veste bem, usa joias, é certo. Mas é a familia que lhas manda. Ela não saíu de França por pobreza. Saíu por desavenças com a irmã. Tenho visto as remessas dalgumas dêssas joias. Além disso, é muito poupada, muito economica. Se fôsse verdade... ela não era uma mulher, era um monstro de cinismo. Severissima para com todas as faltas. Se vai a casas onde estejam divorciadas... só lhes fala constrangida. As suas conversas são o que ha de mais puro, de mais cristão. — Contrai-se, sacode-se, assevera: — Não creio! Só numa coisa creio absolutamente: — na minha desgraça! Ah, Livia! Se não fôsse pelos meus filhos... divorciava-me!

— Isabel Maria! Tu, divorciada!

O silencio recai, como uma acusação, como um assombro. E nêste lance, se Livia prestasse ouvidos ao concerto sinfonico do jardim, farfalhar setineo de folhas, gorgolejar canoro de aguas, o pardal na sabatina da taboada, a milheira no ralho de senhora visinha, com especial agrado escutaria o mariola do melro, que se empoleirara ao lado, no andar nobre dos platanos, o papinho cheio, a dar a sua lição de flauta às especies do contôrno. E que belo mestre, o sr. flautista! Não lhe tomariam a dianteira os discipulos do mestre Pan. Rica sonoridade melodica. Torneio de frase facil, espreguiçando-se no dobrado, no singelo correndo à sôlta. E tão grato ao ouvido, que se não fôsse certo travôr sardonico de Juvenal, haviamos de o supôr a dar graças a Deus.

Mas dêsta vez o silencio do caramanchão é pertur-

bado por subito anuncio do criado, que se perfila, que diz para dentro:

— A senhora D. Mafalda perguntou por V. Ex.ª. Chegaram visitas. . . para V. Ex.ª.

— Ah, sim. Lá vou. — E noutro tom, e noutro ar: — Diga-lhe que vou já.

O criado afasta-se. Elas olham-se.

— Estão visitas para mim! Mas eu tinha dito que não estava para mais ninguem!

— Escuta, Isabel Maria — observa Livia, contemporisando: — E' por causa da morte da tia Joaquina. Calculam que deves estar em casa...

— Bem. Vamos lá... Senão... ainda ela aparece a reclamar a minha presença. E é preciso cuidado. Para não ouvir as inconveniencias do costume.

Toma o braço da amiga. Mete com ela á rua central. Caminham a par, abismadas no fundo dos seus pensamentos. Ao pôr o pé na escadaria, porém, Isabel Maria retrai-se, trava os movimentos de Livia, declara, acentúa: — O Baltazar não tarda aí, a pedir-me a resposta. E não, não lhe consentirei que continue a mentir!

— Não te excedas .. Arranja um pretexto para não assinar... sem fazer questão.

Isabel Maria, agora subindo a escada, contesta:

— Nada de pretextos. Chegou a hora da verdade.

IV

— Tem espirito. Essa tem muito espirito... — assevera João de Lucena, meio afogado na penumbra crepuscular do escritorio, meio sepultado no estôfo cardinal do *maple*, a chapada de luar das longas barbas brancas dealbando a noite do fato negro — Mas ouça você esta da Clarinha...

— Faça alto! A Clarinha já esteve na berlinda duas vezes. O meu néto só uma vez. Agora está na berlinda o meu néto — embarga o general Aprigio, velho amigo da casa, aqui por mandado do coração a sufragar a bôa da D. Joaquina. Enterrado no outro *maple*, relata o caso do néto: — Ha dias apanhei-o a desculpar com a criada um atentado contra a louça do almôço.

— Quinsinho. Venha cá — intimei, Farrabraz: — Quem partiu o pires do almôço?

— Já disse. Foi a Conceição.

— Não foi, não senhor.

— Foi, avô.

— O menino vai dizer a verdade. Vamos... diga a verdade.

— A verdade... — confessou o reo, convictamente.

João de Lucena ri, desvanecendo-o na resposta o tique de infantil e adoravel ingenuidade. Não ha duvida, acrescenta, a criança é o unico ser que legitima a criação. E' a vida na sua encantadora pureza, a inocencia a vesti-la de graça. Tirassem ao mundo a criança, e o mundo ficava todo a tresandar a Diabo. E aproveitando os estertores finais da gargalhada do general Aprigio, que rira da infantilidade do néto como o néto riria da gargalhada do avô, Lucena arremete com uma das melhores da Clarinha:

— Ouça esta. Ouça e pasme. Parece dalguem na posse de todos os segrêdos do Génesis.

— Eu ouço... — condescende o general, ainda em reticencias de riso: — Mas você vai ouvir outra do Quim... que o deixa aturdido.

— Esta é do ano passado. Nos principios do outono vieram de Tras-os-Montes, oferecidas pelos tíos da minha nora, umas maçãs de tentar os santos. A Clarinha, doida por frúta, pede uma maçã... enorme, corada, cheirosa. Dá-se-lhe a maçã. E como o irmão pedisse outra, e aquela fôsse enorme, a Isabel Maria ordenou á pequena que repartisse com o irmão. Clarinha segue com o Rui para a sala de jantar. Daí a pouco ouve-se o Rui num chôro aflictivo

— O que foi? — pergunta a mãe, correndo a acudir ás causas ignoradas daquele pranto.

— Foi a Clarinha. Não me deu da maçã. Comeu-a toda

— A minha nora, ferida na sua autoridade materna pelo desacato da filha, chama a contas a delinquente. E sabe o meu amigo o que a seu favor alega a abêlha mestra ?

— Não sei. Vai-mo dizer você.

O avô, a reprimir a antecipação do riso, a limpar a lagrima no lacrimal, elucida :

— Não dei, então... Pois se o vô-vô disse que o nosso pai Adão foi infeliz por nossa mãe Eva lhe ter dado da sua maçã...

— Esplendido! Marque lá dois tentos! — exclama o general, conquistado pela esperteza de Clarinha. — Muito inteligente.

— Inteligente ? Não ha outra, meu velho. O Rui é um amôr de criança. Mas a Clarinha... upa ! upa !

Aprigio levanta pendão de discordia. Vota pela inteligencia da pequena. Mas daí até não haver outra criança como ela, vai consideravel distancia. O seu Quim, para não ir mais longe... aí tem o seu Quim, que não é nenhum parvo.

Olhe, isto ainda ha dias: a mãe levou-o a Sintra. O garôto nunca tinha passado o tunel do Rocio — e o comboio era dos ordinarios, sem pressa, sem asseio e sem luz. Ora o pequeno, ao saír a estação, estava em pleno dia. Entra no tunel. E de repente... afunda-se em plena noite. Assustado, agarra-se ao braço da mãe, e diz, e soluça :

— Mãesinha. O comboio fechou os olhos.

— Magnifica! E dá certo... é uma observação admiravel. Fechou os olhos... ficou ás escuras. —

Mas não dá tempo ao general a que saboreie a observação admiravel. Porque, mal esboça o comentario, logo ataca de frente: — E esta? Tambem da Clarinha... Perguntei-lhe quem tinha ido ao assucareiro.

— Foram as formigas.

— Foste tu... que até te caiu um dente. Isto disse-lhe eu... tinha ela cinco anos. Andava na muda dos dentes. Passados tempos cai-me um dente a mim, que tambem estou na muda... de mundo. E quere você saber o que ela disse à avó... ao vêr-me sem o meu dente?

— Vó-vó. Olhe, o vô-vô... foi ao assucareiro.

Nêste torneio de ditos infantis, os dois simultaneamente reeditando e aumentando a arte de ser avô, Aprigio afirma impagavel a do seu néto, do seu Quim, que chegára junto da mãe e pedira, choramingando, que visse se lhe doía a cabeça.

— Essa é do Rui!

— Perdão! Esta é do Quim! — revindica o general.

A porta do escritorio abre-se. D. Mafalda esculpe-se no vão que a luz de fóra ilumina.

— O quê? — clama, admirada. — Ás escuras?

— É verdade! — confirma João de Lucena, igualmente admirado. — A contarmos gracinhas dos nétos... nem demos pela noite.

— As gracinhas dos nétos... alumiam mais do que o dia — observa, liricamente, o general Aprigio.

— Olha, filho — esclarece D. Mafalda, apressada. — Os meus irmãos vão-se embora. Se queres despedir-te dêles...

— Quero. Mas que venham por aqui, porque teem melhores pernas do que eu. E até veem o nosso Aprigio, que não quís ir á sala, por estarem lá, quando chegou, as visitas da Isabel Maria, as Vasconcelos Pereira.

— Não foi bem por elas... — tartamudeia o general. — Foi mais pelos da casa... Porque eu e as Vasconcelos caturramos sempre... Principalmente a Carlota peguilha sempre comigo... Não ando fardado... Não vou á missa... Não conspiro...

D. Mafalda, acêsa a luz electrica do lustre antigo afeiçoado ás modernas comodidades, sai por instantes para tornar, muito grave no seu vestido preto, com o casal dos Mascarenhas, e com Isabel Maria, e Baltazar, e Luiz e a M.lle, e os pequenos.

— Olha o Aprigio! O grande Aprigio! Venham de lá êsses ossos. Ha que seculos sem te vêr!

Isto é pregão de Jorge de Mascarenhas, que afiança as palavras de amizade com rijo abraço fraterno.

— Desculpem obriga-los a vir por aqui. Quís que vissem o nosso Aprigio — acentua João de Lucena, com vista a D. Rita e marido.

— Não desculpavamos o contrario... — assevera, radiante, Jorge de Mascarenhas. — Não te desculpava... que me roubasses este abraço de amigos velhos, dos tempos em que havia amigos.

— Dos tempos em se sabia ser amigo — obtempera o general, risonho, feitos os cumprimentos aos recenchegados.

— O Jorge disse bem — sentencía João de Lucena. — Dos tempos em que havia amigos.

Luiz de Mascarenhas, ironico, interpela:

— Então agora... já nem ha amigos?

— Ha amigos... de Peniche. Amigos, dantes quebrar que torcer, han? ó Aprigio? amigos para a vida e para a morte, isso acabou na nossa geração!

Fumando e chacoteando, Luiz proclama que êssa dos amigos de outros tempos lhe faz lembrar a das pêras nos tempos de Gil Blaz de Santilhana. Já então, no seculo XVII, como na era dos afonsinos, como nos dias dos macabeus, os mais velhos diziam aos mais novos que isto, e aquilo, e aquel'outro... só nos seus tempos. Ora duma vez, certo letrado idoso, jantava à mesa com o joven amo de Gil Blaz. Falou-se á mêsa de cavaleiros, justas e torneios. E o letrado, desdenhoso dos cavaleiros, e das justas, e dos torneios contemporaneos do môço comensal, declara-lhe que já não ha nada daquilo. Cavaleiros, e justas, e torneios... só nos seus tempos.

— Agora já não ha sequer cavaleiros. Em compensação ha excelentes pêras... — replica o amo de Gil Blaz, sarcastico, preparando-se para devorar o apetitoso e rescendente pômo.

— Pêras? — investe o rubro e velho letrado. — Nem pêras! A natureza tudo gasta e diminuí. Pêras grandes, e saborosas... as dos meus tempos.

— Nêsse caso — conclue o môço, risonho: — as pêras dos tempos de Adão... não cabiam nesta casa. Aplicando *el cuento* — remata Luiz, triunfante: —

os amigos dos tempos de Abraão·· não nos cabiam na pele.

Jorge de Mascarenhas mantem a tése enunciada, observando que o filho, com o seu discurso, só pretendera chamar-lhes velhos. Aprigio aceita com orgulho o titulo de velho, numa era em que apenas os velhos sabem ser môços. João de Lucena faz suas as palavras do cunhado e as do general. Baltazar contesta-as. Luiz renega-as.

— Tenham paciencia, meus rapazes — intervem D. Mafalda, hirta e dogmatica: — Que ha enorme diferença entre os costumes dos meus tempos e os de agora··· isso ha. A brutalidade de maneiras. A falta de respeito pelos fracos. A toleima dos de baixo querendo confundir-se com os de cima···

— A ausencia de religião e de moral··· — insinua a M.lle, a meio tom, quasi ao ouvido concordante de D. Rita.

— E' assim mesmo! — corrobora João de Lucena.— Estamos na epoca da violencia pela violencia, da incivilidade pela incivilidade, da imoralidade pela imoralidade. E se isto é assim nos nossos dias, de pé ainda as gerações de ontem, temperadas e moldadas ao sabôr dos sadios costumes de antanho, o que serão os dias proximos, a onda subversiva a acometer, sem encontrar resistencia, as paredes mestras do edificio social ?

Baltazar impugna, observando que sua mãe, que seu pai não querem vêr o mundo atual á luz fria da logica e da razão. E' diferente o mundo de hoje do

mundo de ontem — diferente na alma e no corpo? Mas desgraçada humanidade, eternamente troglodita, se o mundo de ontem não se tivesse diferençado, no corpo e na alma, do mundo anterior...

Mascarenhas pede venia para se despedir Sente-se muito bem aqui. Companhia e conversa de gôsto. O pior é que são as horas do seu jantar. E do Campo de St.ª Ana á rua da Lapa ainda gasta quarenta fartos minutos de *electrico*. O general Aprigio aproveita a deixa para reclamar igualmente o seu direito à refeição domestica.

— Jantem comnosco. Não lhes prometo as vitualhas de Lucúlo. Mas vaca e riso ha-de haver para todos.

Agradecem o convite. Não aceitam, não é possivel. Apertam-se as mãos na despedida.

— Isabel Maria—diz Baltazar no momento em que ela vai na companhia dos demais. — Despede-te... e volta aqui, faze o favor.

Ela acompanha os parentes e amigos, voltando logo, indecisa no gesto e na expressão.

Baltazar cerra a porta. E mesmo de pé, como quem despacha negocio conhecido e discutido, objecta, resume:

— Preciso da tua resposta. Hoje, sem falta.

A sua voz pretende deslizar na calma de agua corrente em leito sem obstaculos. Sai-lhe esquiva, porém, o timbre incerto a quebrar-se nas asperezas do conduto. Avança, estorce-se, ergue-se a custo, o silencio enigmatico da ouvinte no efeito do pêso duma cruz, ao dizer, ao afirmar:

— A lição foi das mais crueis. O desastre do jôgo de Bôlsa... abriu-me os olhos. Tem a certeza disto, Isabel Maria. Não tornarei a obrigar-te a sacrificios. Liquidadas as minhas responsabilidades, não quero saber mais do jôgo... O jôgo morreu para mim...

Isabel Maria quer encará-lo de frente e os olhos leais de dona e de vestal negam-lhe obediencia. E só de facto os sujeita ao dever, fitando-o a direito, no lance em que implora, a voz numa surdina veemente, os olhos de reforço á proposição:

— Baltazar. Acabemos com isto. Deixa-te de comedias. Fala claro.

— Comedias, eu? Não te percebo.

E na contestação as suas pupilas abrasam-se de rutilos lumes.

— Percebes, sim — diz ela, no tom e no olhar a moderação que a instantanea lembrança da amiga, pouco antes, tanto lhe recomendara. — O que é isso de jôgo de Bôlsa? Para que me falaste na policia? Fala antes claro. Precisas de dinheiro. Queres mais dinheiro...

— Isabel Maria! Tu estás a ofender-me. Eu não menti.

— Mentiste! — opõe, perdido o equilibrio.

— Han? — arremete a parte contraria, o lume das pupilas a chispar, a garganta rouca, a expressão desvairada.

— Acalma-te. Nada de excessos. Os teus pais ouvem. Os nossos filhos dão conta.

— Perdão. Quero que te expliques. Exijo as provas da mentira.

Quieta no seu posto, face a face do tresloucado, ela desce misericordiosamente aos copiosos recessos da sua alma, e trás de lá, no conceito que instrue, no olhar que suavisa, no gesto que tonifica, os preceitos salutares da prudencia. Para que bramidos de colera e impulsos de indignação? Pelos dois, e muito pelos seus pais, e muitissimo pelos seus filhos, e até pelos seus criados, é preciso que o incidente não saia daqui, não reboe pela casa, não se converta em escandalo.

— Não e não! — persiste, apopletico. — Não peço. Exijo! Disseste que menti. Exijo a prova!

— Pois bem — desafoga, a cabeça erguida, o falar dolorido. — E's reu e queres tomar posição de juiz. Enganas-te. Tudo se sabe. Mas como hoje não tenho as provas à mão, ámanhã te provarei... que não disseste a verdade.

— Ah! não disse a verdade! — zomba, o rir estorcegado e a toada chocarreira, tirando partido da crescente fraqueza dela: — Sei onde queres chegar. Sei quem te trouxe a novidade. Mas não tens ao menos a coragem de manter o que disseste... Agora já não minto... agora não digo a verdade! E sabes tudo. Tudo, o quê? Não sabes nada, criatura! Nem tu, nem ela, a tua amiga. Só ficas sabendo... que te desprezo tanto... pelo menos como os teus dinheiros.

A mulher debil e frívola do costume cede a vez na

emergencia à mulher vigorosa e serena da necessidade. E' com serenidade, é com vigor que replica, altiva sem petulancia:

— Não lhe ouvirei mais essas palavras... indignas dum homem de bem. Só lhe peço que não envolva as minhas amigas nas nossas questões. E não saio, hoje mesmo, desta casa .. por ser tarde. Saírei ámanhã!

Baltazar reedita o seu riso de mofa, ao inquirir:

— Vai... para o divorcio?

— E se fôr?

— Se fôr... — a sua fisionomia, antes alagada de sardonico riso, alaga-se de repente de satanica sombra. — Se fôr... ouça bem o que lhe digo... o divorcio não se fará!

— Veremos! — desafia, superior à ameaça.

Ele encara-a com odio, os dentes a rilharem as palavras, e vocifera, e rouqueja:

— O divorcio! Tambem queria o divorcio! Se alguem tivesse duvidas a respeito do seu nascimento... aí tinha a denuncia-la o ramo de louro do pai mixordeiro!

— Canalha! — chicoteia, voltando-lhe as costas.

Alucinado de furia, mal a pita do chicote estala no ar, ele ruge, ele blasfema:

— Ordinaria! Taberneira!

— Canalha! Três vezes canalha! — castiga, menos sentida por si do que pela memoria paterna.

Mas a porta abre-se de repelão. E ao mesmo tempo que D. Mafalda investe em rompante de alarme, Baltazar some-se no ímpeto de pé de vento.

— O que é isto? O que foi? — indaga a turbada senhora.

— Foi seu filho! Insultou-me! Insultou a memoria de meu pai!

Ela cresce para a vitima, tal como se a vitima fosse afinal o algoz:

— Insultou-a? E o que fez a senhora ao meu filho... p'ra que êle a insultasse?

Isabel Maria, atordoada sob o golpe inesperado, ainda balbucía monosilabos falhos de sentido. E abate-se no *maple* da esquerda, desamparadamente, incapaz de esclarecer ou contestar.

João de Lucena surge na quadra, despertado pelo filho, que atravessara furiosamente a sala de jantar, e atraído por D. Mafalda, que moldara a hostil arremetida no mais sonoro metal da sua voz. Atraz dêle, na ressaca do vendaval, rompe Clarinha, com o irmão a reboque.

— O que ha? O que se passou aqui?

— Não é nada. Deixa-me cá com ela... — interpõe D. Mafalda, a cobrir o filho contra a natural denuncia da nóra. — Sai tu com os pequenos.

— Não! Quero saber o que houve.

— Fui eu que decidi ir-me embora... Eu e os meus filhos... — soluça a ofendida, os olhos febris no chão, o lenço e os modos a esconderem das vistas dos filhos o crime do pai.

— Embora, para onde?

— O' João! Tem paciencia — insiste a defensôra do arguido. — Não venhas complicar a questão. Sai,

faze o favor. E leva os pequenos. Depois te digo tudo.

— Não saio... sem decifrar o enigma. P'ra onde quer ir embora?

— P'ra casa de minha mãe.

— Porque?

Ela escusa-se a falar. Reconhece que não deve falar. Estão presentes os pequenos. Não quere, argüindo o marido, diminuir o pai. O que diz, sem nervos, sem exaltações, é que vai com os pequenos para casa de sua mãe.

— Clarinha — ordena o avô, impaciente. — Sai daqui. Leva o teu irmão. Vai ter com a Mademoiselle.

E a avó, erguendo-os agora de invulneravel escudo a favor do filho ausente:

— Deixa estar as crianças. Não fazem mal nenhum.

Clarinha, na fronte a inquietação de ave colhida pela surpreza do perigo, cinge-se à mãe, prende-se-lhe aos braços, suplíca, aflicta:

— Mãesinha. Não. Não vás embora!

— Pois se as crianças não a deixam falar, e eu não posso saber o que houve! — impõe João de Lucena, revestido das insignias do patriarca em audiencia aos da sua tribu. — Desde já afirmo e juro... que Isabel Maria não sairá daqui, que os pequenos não sairão desta casa!

Os pequenos sondam a face de Isabel Maria, ansiosos. Isabel Maria responde, inexpugnavel na sua firmeza:

— Perdoe, meu pai. Mas saio. Saímos... ámanhã.

Ele toma os netos pela mão, impressionado, fulminado pela serena e convicta atitude. O seu primeiro movimento esboça-se no sentido de as levar dali, talvez para tornar sósinho, certamente para conhecer o que ignora. Mas D. Mafalda estorva-lhe a marcha num quasi estortor de agonia, que não ressoando em ais ou gemidos, se lhe solta surdamente do gesto e suplica mudamente no olhar. E João de Lucena, quebrado entre as duas forças que o oprimem, afasta-se com Clarinha para o canto do escritorio, reza ao ouvido da neta:

— Olha, filha... vai vêr se o paisinho está no quarto. Pede-lhe que venha fazer as pazes com a mãesinha... P'rá mãesinha não saír... P'ra não vos levar, meus filhos...

V

Abre a vidraça da janela, que se debruça sobre o jardim. Precisa respirar. Sente-se abafada, meio tonta. Depois, por um lado, os ais agressivos e as rudes palavras contundentes da sogra, desde a noite antertor a trespassarem-lhe o ouvido. Por outro lado o sôgro, confundido de dôr na perspectiva de vêr desmanchado o lar do filho e perdida a convivencia dos netos, a aparecer-lhe daqui, a acomete-la dalém, a Clarinha prêsa em refens, a propôr e a sustentar embargos contra a decisão. Não póde mais, especialmente agora, proximo e confrangedor o lance da chegada de sua mãe com o advogado, iminente e terrivel a prova maxima da sua vida.

Nem sabe o que a contivera, diante da intervenção de Maria das Dôres, de certeza com credenciais de Baltazar — na esperança de que a prima lograsse deferimento que não conseguiram a filha e os pais, e que êle se recusara na vespera a pessoalmente solicitar.

Mostrara-lhe a alma para sempre magoada com o insulto do marido — e mais do que a alma, revelara-lhe o coração para sempre ultrajado com o escarro despedido sobre a memoria do pai.

E a tranqüila Maria das Dôres, a presumida Maria das Dôres, sem palavra de equidade para as ofensas dela e os excessos dêle, esgotadas as munições a favor do constituinte, dissera, comentara:

— Antes do divorcio, as bôas mulheres casadas, se tinham queixas dos maridos, sofriam e calavam-se. As más, não sofriam caladas, mas sujeitavam-se. Agora... as bôas continuam a sofrer e a calar. As más, essas, nem calam, nem sofrem... fogem ás responsabilidades, pela porta do demonio, que é o divorcio...

Não lhe respondera á letra, dera-se até certo ar desentendido, para não marcar com outra scena escandalosa a data triste do seu amargo resgate. E porque lhe sente a voz no escritorio, de conversa com a tia e o Baltazar, este passeando mudo e raivoso, e porque receia novas arremetidas da sogra, novos desacatos do marido, o seu desejo seria saír já, afastar-se daquela gente, fugir dos seus rancores. Mas é preciso esperar com paciencia, sofrer com resignação. Porisso se aproxima da janela, e abre de par a par as vidraças, como a pedir ao ar livre energia e coragem.

A janela recebe de perto o bafo amigo dos platanos, com as secretas vozes da cascata que eles paternalmente abrigam e abençôam — e fica quasi ao

nivel do fio do muro que separa o jardim dos jardins visinhos, vestido de folhas trepadeiras e estrelado de flôres miudinhas.

Assim, ao abrir a janela, ao dar de cara com os seus amores, afigura-se-lhe que até os platanos sabem de tudo, e que os platanos, e a cascata, e as flôres, as flôres reunidas aos centos, acamaradadas ás mil, se despedem melancolicamente, uns a dizerem-lhe adeus, outros a soluçar, aqueles e estas a soluçar e a acenar.

E tem de se despedir de tudo isto, de tudo quanto lhe merecera afectos, da sua casa, do seu jardim, das suas arvores, das suas flôres!

Como a vida, tão prodiga de mimos a favor de tantos, para ela se desdobra em hostilidades! E que duros lances inesperados lhe preparàra sem o merecer!

Quantas coisas extraordinarias sucedendo-se, encadeando se desde a vespera, desde a hora da visita de Livia! O conflito com Baltazar. Os ultrajes do seu amor revoltado. A injusta pronuncia da sogra, a castiga-la pelo delicto do filho. Os afaveis recursos do sôgro, no proposito de a convencer á desistencia da desafronta. O alvoroço, e as lagrimas, e os beijos, e as suplicas dos pequeninos, que não compreendem mas sentem o temporal. A sua mãe querendo ao telefone o porquê da chamada aflictiva, com assistencia de advogado. O jantar a desoras, só os sógros e ela á mesa, o silencio mais pesado do que a violencia dos gestos e das palavras. Depois a noite imensa, febril e imensa, os prós e os contras das soluções

em revista. De manhã as novas investidas do sôgro, carpindo doenças e achaques, no fito de a demover. A seguir os repetidos remoques da sogra querendo vence-la pelo medo, em vez de a convencer pela ternura. Por fim a embaixada de Maria das Dôres, o caustico sobre o sangue, não o balsamo sobre a ferida. E este desanimo, esta ausencia de forças, o vasio a estontece-la, a inquietação a sufoca-la, e uma angustia enorme do peito, e um bloco enorme no coração, a alma numa sêde escaldante de lagrimas...

O seu jardim, as suas arvores, as suas flôres! Tudo agora se lhe apresenta mais bonito, mais frêsco, mais afectuoso.

Os platanos! Estão tal qual no dia em que os visitara pela primeira vez, no regresso da sua viagem de nupcias — os mesmos setins novos de capa de bôda, o mesmo sorriso concentrado de patriarcas. Ah, e a cascata! A mesma voz, a mesma cadencia, a mesma melodia. Só desta vez é chorosa, e não risonha, no repetir os versiculos de paixão de que êle lhe enchera nêsse dia o enamorado ouvido...

Êle! Que lhe importa o que êle lhe disse? Agora não tem o direito de se lembrar senão dos seus deveres de mãe. Agora não pode ter qualquer preocupação alheia aos seus filhos — pobres inocentes, sem responsabilidades nas culpas do pai, sem partilha nos agravos á mãe, e apesar disso as verdadeiras victimas no drama em acção. Vitimas da sua propria inocencia. Serzinhos nascidos para viver em comunhão, na calma do ninho acolchoado pela mãe, sus-

tentado pelo pai, tira-los dêsse ninho é sacrifica-los á voragem, perdidos entre correntes contrarias de que não sabem nem podem defender-se.

Vê bem que é assim. Sente nitidamente a situação. E no entanto, não recúa na verêda aberta ao seu destino.

E' da obrigação não recuar — até por êles, afinal, a quem o pai esquece todos os dias nos seus desvairos de perdulario, deformando-os a todas as horas com os seus desabrimentos domesticos.

Mas vai compensa-los á larga. Até ali, embora lhes quizesse muito, andara longe dêles e perto dos bailes, das festas, das diversões. Desde este dia tudo isso morreu para ela. A frivola de ontem desapareceu ao choque da desventura — e ficou em vez dela a mulher consciente do seu papel. A mãe está agora em scena — para ser absolutamente mãe, para os educar, para os atraír, para os conquistar. Este transe iluminou-lhe o espirito. Foi à luz dêle que pôde verificar como os seus filhos são muito mais dos avós do que dela — pois o amor não vem do sangue, mas da convivencia. Que são mais da propria Mademoiselle — a unica das pessoas de casa que compreende e legitíma a decisão de se libertar do inferno. Tem, porem, a certeza, de que em curtos mezes os tornará mais seus do que de ninguem.

Uma milheira, saindo do abrigo do platano maior ao encontro doutra milheira, ambas a baterem a aza no espaço, a serrinarem de cara a cara nos geitos e toada de senhoras visinhas em despique, desvia a atenção de Isabel Maria para o jardim.

Encostada á ombreira da janela, torna a olhar o jardim, que o seu carinho ressuscitàra e repovoàra, com amarga tristeza — já a saudade a nublar-lhe os olhos leais.

E nem de proposito: — é justamente agora, quando vai deixa-lo, que o sol, bom jardineiro, começa a enchê-lo de mimos. Todo êle é um diluvio e um amanhecer — a côr a inundar altos e baixos, as flôres a abrirem na sêde da luz. Côr ás torrentes, o carmezim, o róseo, o branco de noivado, o branco de ascetismo, e por fundo, os vêrdes, os multiplos vêrdes ao desafio — o vêrde masculo dos rainunculos a desdenhar o vêrde maricas das roseiras; o vêrde bronze das dalias a torcer o nariz ao verde setim dos lilazeiros; o vêrde moreno dos malmequeres e o verde loiro dos junquilhos; o vêrde fuliginôso dos buxos e o vêrde prateado dos platanos — uns daqui, dalém os outros, este porque sou mais catita, aquele porque és mais grosseiro, todos numa bulha de entontecer.

E as flôres, santo Deus! — umas ainda meninas, outras já de meia idade, já adiantadas na vida muitas outras. E estas juntam-se em ranchos de romaria minhôta — as sebes de buxos, vistas da janela, representam de muros destelhados de igrejas e capelas devotas. Ha grupos de rosas que parecem bandos de lavradeiras, de lenços garridos na cabeça. As do talhão central essas, muito alvas, virgens da comunhão, levam á festa touquinhas brancas de renda. Um macisso de canas floridas lembra um batalhão de vivandeiras,

de guarda á ordem do arraial — todas elas de uniforme vêrde carmezim e penachos rubros nos bonés.

E tambem falam, e tambem discutem, e tambem comentam, como está na regra das bôas romagens, gesticulando, acenando á direita, dobrando-se à esquerda : — concertando sinfonias no vozear, em que ha tons de triunfo, como nos hinos, em que ha tons de melancolia, como nas sonatas, em que ha tons de tristeza, como nas elegias. Cada uma fala pelo perfume e pela côr peculiares — pois cada uma tem a sua voz distinta : — a voz voluptuosa da rosa chá, a voz calma do malmequer, a voz ardente do cravo...

— Mãesinha ! Mãesinha ! — suplíca de fóra, batendo à porta, a inquietação da filha.

Ela volta-se, friciona as palpebras, fecha as vidraças, responde, ao acaso, aturdida :

— O que é ? Lá vou...

Será a mãe ? Terá chegado a mãe com o advogado ? Meu Deus ! Dai-me fôrças nesta hora de dolorosa prova — murmura, implora, os sentidos meio turbados.

Ah, não. E' o sôgro que retorna á demanda, a coxear, a arrastar-se, os estragos da velhíce ampliados e com vista á sua equidade — a neta pela mão, o tronco abatido amparando-se ao raminho no desabrochar.

— Isabel Maria — diz João de Lucena, ao entrar no quarto, a voz tremula, o passo dificil, as abas da sobrecasaca pelo joelho. — Preciso de conversar comsigo ainda uma vez. E aqui estamos mais à vontade.

Ele segue para a otomana de damasco amarelo es-

tendida aos pés do leito de pau santo. Ela caminha atraz dêle, mergulhada no seu abatimento e na sua mudez.

— Feche a porta, faça favor—requere, ao sentar-se. E citando a neta: —E a menina agora vai lá p'ra fora, vai ter com o seu irmão e com a Mademoiselle.

— Sim, vô-vô — condescende, no tom e no movimento a intuição do drama em scena.

— Ouça, Isabel Maria — começa, logo que ela se senta. — Não venho pedir-lhe outra vez que renuncie aos seus propositos. Demais... isto está por pouco, não vale a pena lutar. Pensei melhor, não insisto. A Isabel Maria não é feliz ao nosso lado. O meu filho não a merece. A Mafalda, que é sua amiga, já lho afirmei, trata-a por vezes com injustiça. Por isso desisto de a convencer. Melhor — acho até que deve saír. O caso do insulto do Baltazar é muito grave. Preferia que êle mo não tivesse confessado. Porque, quanto mais procuro explica-lo, menos explicação lhe encontro, e maior a minha vergonha... Vergonha, pelo meu sangue, pelo meu nome, que já desceu a servir de rotulo a quem insulta senhoras, êle que atravessou seculos a servir de devisa a quem se batia em sua mercê... Não, não me interrompa, desculpe. Pensei melhor. E concordo comsigo. Bem sabe quanto lhe quero e a admiro.

— Se sei! Por isso me custa muito mais saír!

— Muito bem. Vai saír. Vai libertar-se. Leva comsigo os pequenos... a Clarinha, o Rui. Está no seu

direito. Ora a Isabel Maria sabe. Esta casa, a casa onde nasci, onde nasceram os meus filhos, onde nasceram os meus pais, e os meus avós, estava em vesperas de ir à praça quando a Isabel Maria casou com o Baltazar.

— Sim, é verdade... — concorda, murmura, o olhar a fixar-se, agora vivo, não mortiço, no subito afan de rasgar o misterio, de descortinar o tema que traz a casa e a praça por objecto.

— Muito bem. A casa não foi á praça, não foi parar á mão cubiçosa de estranhos, que eram muitos a quere-la, porque a sua bondade a quís conservar no nome da familia. Mas desde esse dia feliz... ela não é minha, ela é sua, é dos seus filhos, que teem o meu nome...

— Perdão! Não me fale nisso. A casa é do pai. Foi sempre o que eu disse!

— Tenha paciencia. Escute-me... que não ha tempo para discussões, e isto, este coração, eu sei lá, é capaz de caír na jornada — acentúa, a atirar ao debil, não ao energico. — Diga o que disser, a casa pertence-lhe. Porisso, desde que a Isabel Maria sai, desde que saem os seus filhos... eu não fico, nem mais um dia, naquilo que não é meu, naquilo que não é do meu filho. Saio eu, sai a Mafalda. O Baltazar, êsse...

— Pai! — suplica, a angustia na voz e no olhar. — Não insista, não me mortifique. Eu sei qual é o seu fim delicado. Quere forçar-me a desistir... pelo mal que lhe vou causar. Ouça-me agora. E' assim, não

negue. Porque eu não consentiria nunca que o pai, por minha causa, deixasse o que é seu. O que é seu, sim... E para o convencer, para lhe mostrar que a minha atitude, o meu procedimento não póde ser senão êste... não me force a falar, a dizer o que desejaria ocultar-lhe.

— Han? — investe o sôgro, olhar e voz de repente na imperativa energia dos seus setenta voluntariosos invernos. — Então... se oculta coisas, é que ha coisas mais graves do que o insulto...

Ela curva a cabeça, e nem nega, nem confirma.

João de Lucena levanta-se, já emancipado da bengala, já inteiriço como roble. E mais ordenando do que requerendo:

— Isabel Maria. Diga-me tudo. Preciso de saber tudo.

— Não. Não devo. Não posso.

— Pode e deve! Pode... porque lho peço eu. Deve... para lhe ser feita justiça.

Como ela se mantenha aferrolhada na invulneravel clausura da sua mudez, êle senta-se a seu lado, passa a requerer, não a ordenar, pondo no requerimento suavidades de suplica:

— Ouça, Isabel Maria. Obrigou-a a vender mais alguma coisa?

— Não, meu pai.

— Então... não percebo! Maltratou-a... bateu-lhe?

Ela recai na quietação estagnada do silencio.

— Foi isso. Bateu-lhe!

— Não, meu pai. Não me obrigue.

— Então...

— Bem... — assina, desafoga, a dôr a estrebuchar á tona da expressão: — Não me bateu... mas pior, rasgou-me o coração. Os insultos a mim, eram o menos. Insultou... a memoria de meu pai, a querida memoria de meu pai!

— Mas porque? E porquê!

Ao silencio dela é êle que responde, como a falar para dentro, ou a trazer de dentro os raciocinios e as deduções:

— Hum... Foi o dinheiro... A loucura do dinheiro... Queria mais dinheiro... Aquele desgraçado não vê que se desgraça a êle, e á mulher, e aos filhos... Foi o jôgo, a miseria do jôgo...

Cala-se ao ouvir bater á porta. Isabel Maria vai abrir. O criado perfila-se militarmente á porta.

— O que queres?

— Chegou a sr.ª D. Catarina e um cavalheiro. Entraram nêste instante. A sr.ª D. Mafalda manda prevenir.

— Lá vamos. Diz á sr.ª D. Mafalda que lá vamos.

Os pequenos acodem ao incidente. O criado afasta-se. João de Lucena levanta-se. E antes de pôr o pé fóra do quarto, tomando o braço de Isabel Maria, êle intima, êle conclue:

— Vá-se embora, vá. Não póde, não deve ficar. Reconheço-o indispensavel... até pela salvação dos pequenos. — Avança para o corredor, remata, ener-

gico: — Mais do que nunca. Agora... é que nem eu, nem a Mafalda poderiamos conservar-nos aqui.

Isabel Maria trava-lhe a marcha, diz aos pequenos que sigam à frente. E implora, rendida de afavel humildade:

— Fique. Fiquem com êle. Eu saio. Não peço o divorcio. E se êle, com esta lição se emendar... eu torno para casa.

João de Lucena, as lagrimas a afogarem-lhe as meninas dos olhos, quasi soluça o seu longo obrigado. Cinge-lhe as mãos compassivas. E' possivel que a lição o emende. Porque êle não era assim antes do casamento. E ao dar-lhe outra vez o braço, ao pôr-se de novo em movimento, inquire, a mêdo:

— E... os pequenos?

— Tenha paciencia. Preciso que me acompanhem. Por êle, para lhe fazer sentir a minha falta. E por mim, que nêstes primeiros dias não posso dispensar o seu amparo.

Caminham outra vez, outra vez em silencio, atravez do corredor sombrio, que nem as lindas cabecinhas dos pequenos, seguindo á frente, conseguem iluminar.

Quando penetram no salão nobre, de sofá e cadeirões D. João V, de talhas preciosas e fidalgos damascos, os moveis heraldicos e as telas das paredes tornados satelites do rico lustre de cristal pendente do tecto, já lá se encontram D. Catarina com o dr. Rogerio Salgado, e D. Mafalda, e Maria das Dôres, e Baltazar.

— Minha filha! — suspira D. Catarina, lenta no andar e severa no trajar, senhora ainda na posse de alguns bens da vária formusura, indo direita ao abraço e ao beijo de Isabel Maria.

A' expansão amoravel de filha e mãe sucedem-se os cumprimentos de João de Lucena á mãe, os beijos da avó do Estoril aos netos, e a apresentação do advogado ao recemvindo.

— Antes de mais nada... — observa D. Catarina, a observação com endereço à filha: — Eu precisava conversar a sós comtigo.

Ela atalha, decisiva, embora num tremor convulso:

— Não, minha mãe. Não é preciso. Desculpa. O que quero de ti, é isto... que me recebas em tua casa. Pedi-te que viesses com o sr. dr. Rogerio Salgado... para a hipotese de surgir qualquer complicação.

João de Lucena convida damas e varões a sentarem-se.

Baltazar, este de pé, encostado ao cadeirão de D. Mafalda, quasi despacha, em vez de solicitar:

— Já agora... seria conveniente que confessasse, na presença de sua mãe e do seu advogado, que todos os que aqui estão... lhe pediram que não saísse desta casa.

Ela olha-o a fito, não assombrada da audacia, antes como a corroborar a logica do audacioso.

E D. Mafalda, logo, saindo em reforço do filho:

— A Isabel Maria bem sabe quanto lhe queremos.

Questões? Não ha casados que as não tenham. Portanto... se sai, é por teimosia, é por esta moda de agora, de tudo se resolver pelo divorcio.

— Perdão... — intervem João de Lucena, liso e direito como velha lamina de batalha: — Maria Isabel sai... porque assim é preciso. Não está só no seu direito. E' êsse o seu dever.

Todas as pupilas se fixam, atonitas, no vulto sacerdotal do patriarca, ainda momentos atraz na peugada da nóra em doloridas instancias a favôr da sua permanencia em casa.

Porisso o filho, sublinhando o contraste, arremete, censura:

— Estranho a tua atitude... meu pai. Respeito-te muito... mas não posso deixar de pôr em confronto o que disseste agora com o que dizias... ainda ha poucos minutos.

— E' verdade. O Baltazar tem razão... — confirma D. Mafalda, sufocado o primeiro impulso contra o marido.

Mas João de Lucena ergue-se do seu pôsto, hirto e solene. Pede venia ao dr. Rogerio Salgado para qualquer termo ou expressão menos ao sabôr das conveniencias. E de rôsto voltado ao filho, os olhos ao rubro, a voz um rouquido, no vulto hieratico a sobriedade e o aprumo das figuras de bronze esculpidas para a historia, rebate, sussurra:

— Respeitas-me muito. E censuras-me... de chefe baixando-me a subalterno. Mas a culpa não é tua. A culpa é minha... que me deixei levar na corrente dos

tempos, e te trouxe sempre ao meu lado e à minha altura... sem te fazer compreender que pai e senhor são sinonimos. E' isto.... De maneira que, victima do mal que eu proprio criei ao seio, descime a igual, em vez de me conservar superior. Mas passemos à questão. O pai continua a transigir e vai dar satisfações ao filho. Sim, é certo. Ha meia hora pedia a Isabel Maria que nos não deixasse. Agora digo lhe que vá com sua mãe. Porque ? Porque vejo agora... o que não via então.

— Quere dizer... — insiste sarcasticamente o filho, surdo á dialectica e á auctoridade paternas: — a menina... apresentou queixas ao pai dos maes que lhe fizeram...

— E naturalmente... não disse os que fez.

Este golpe é de D. Mafalda. Isabel Maria alteia a cabeça no arranco da legitima defêsa. João de Lucena pede lhe, porém, num gesto mudo, que suspenda o arremêço. E contrapõe, mirando mãe e filho, mais consternado do que irado:

— Não acusem, que são injustos. Isabel Maria não se queixou de ninguem. Eu é que a interroguei, tirando do seu silencio aquilo que ela persiste em esconder. Baltazar! — ruge, de subito, contra o filho, que se dispõe á treplica. — Acabemos com discussões. Pelo sr. dr. Salgado, por nós, e principalmente por estes... — acentua, o indicador voltado aos netos, as barbas a ampliarem-lhe o tremor da maxila: — E para acabarmos com isto, Isabel Maria sai com a sr.ª D. Catarina. Quanto aos pequenos...

é justo, e é este o nosso castigo... devem ir com a mãe.

— Ambos? — clama D. Mafalda, aturdida.

Clarinha rompe em ansiado chôro, na iminencia do perigo cingindo-se á avó. Rui, êsse, alheio ao terramoto, brinca no chão com a bengala do avô.

João de Lucena hesita um segundo na resposta. Mas conclue, mas remata:

— Ambos, sim. E' justo. E' preciso.

— Senhor doutor... — intercede a avó, aflicta. — Eu parece-me... que não é assim. Desde que ha dois filhos.. um vai com a mãe, o outro fica com o pai.

Como se reproduzisse o *lavo daí as minhas mãos* da sentença de Pilatos, Baltazar passeia cabisbaixo ao fundo do salão.

O dr. Salgado, meão de estatura, a fronte a arquear-se para o facil vôo das ideas, os olhos a denunciarem a luz que lhes alumia a trajectoria, não alarga o passo no avanço ao torneio, antes o atraza, dorído. E assim, insinua apenas, não impõe. A lei é surda-muda em face de situações como esta — elucida. Só conhece dos filhos quando decide dos pais. Porisso, o destino dos filhos, nêstes casos, tem de obedecer ao regimen provisorio do acordo mutuo...

— E por acordo mutuo... um dos pequenos fica conosco e o outro vai com a mãe — desafoga D. Mafalda, triunfante. Dirige-se ao filho no anseio de socorro: — Baltazar... dize tu. Não concordas?

— Não concordo, nem discordo. Aceito o que os outros quizerem.

Maria das Dores, no partido da tia, certa de que será o amôr da neta pelos avós o pêso a influir na sensibilidade da balança, dirige-se a Clarinha:

— Menina. Tu é que vais decidir. Com quem queres ficar, com a mãe ou com o vô-vô e a vó-vó?

— Com tôdos! — decide, soluçante.

O advogado, na emergencia mais conselheiro do que patrono, pronuncia-se por umr egimen conciliatorio de execução imediata. Os filhos são dois. E o que conviria, no interesse dêles e dos proprios pais, seria alternar, por periodos certos, a estadia dum e do outro em casa do pai e em casa da mãe.

— Belo! Muito bem! — desabafa João de Lucena, esquecido da justiça e do castigo.

— E nêsse caso — aplaude igualmente D. Mafalda — a Clarinha ficaria já conosco. Ia com a mãe o Ruisinho. E trocavamo-los, por exemplo, na proxima semana...

Isabel Maria aceita a proposta. Mas pede que lhe deixem os dois filhos durante dez, durante quinze dias. Jura cumprir o acôrdo. Precisa, no entanto, para melhor se adaptar á vida nova, ter durante uns dias os filhos junto de si.

— Quinze dias — estabelece o dr. Salgado.

D. Catarina acha bem. D. Mafalda e o marido assinam. Baltazar encolhe os ombros. Clarinha modera os soluços. Rui mostra-se contente.

Na despedida, que parece tomar a côr e a expres-

são de caso normal, quando Isabel Maria, o chapeu na cabeça, os olhos razos de lagrimas, o pé incerto e frouxo na marcha, abraça o sôgro e lhe diz adeus, Maria da Dores comenta, sussurra, falando com Baltazar:

— Segunda parte da comedia. Tom dramatico!

Baltazar, rangendo os dentes, põe á margem:

— Comedia... que ha-de ser drama! Ha-de pagar-mas!

E o certo é que Isabel Maria já se não despede do marido, já nem olha a prima. Tomando os filhos pela mão, a cabeça altaneira, os olhos turvos, endireita ao corredôr na segurança de quem não deve, no desafio de quem não teme.

VI

— Minha filha... Atenção ao piano — ordena Isabel Maria, o frouxo da voz a negacear a autoridade da ordenança.

— Eu estou com atenção, mãesinha. E' que...

— Ouviste a campainha... julgaste que era o telefone.

— Pois foi, mãesinha.

— Ora isso não é atenção. Se estivesses atenta á lição da tua professora... não ouvias cá em cima a campainha do jardim.

— Agora vai tocar as escalas com todo o cuidado. Vá, escala em ré menor... — e a professora, no timbre da voz veludinia a cadencia da confiança, põe-se a acompanhar com a cabeça o compasso das notas balbuciantes, que fazem vibrar a pequena sala, aconchegada e risonha, que levantam os olhos afaveis de D. Catarina, sentada á beira do piano, dos mundanos rumores do *Noticias*.

— E' isto... E' a continua preocupação dos avós...

— afirma magoadamente Isabel Maria, a meio tom, o rôsto direito a Livia, ambas recostadas em cadeiras de verga da Madeira, ambas acolitadas de vasos de geranios floridos, e no vão da porta aberta para a ampla varanda envidraçada que abraça, em angulo recto, e no segundo andar, duas das faces da *vila Catarina* — miradouro confortavel de terra e mar, previdentemente defendido contra a alçada dos ventos dominantes, neste dia já ás voltas com arvores e aguas do contôrno.

— Tens de conformar-te — aconselha a amiga, o *lorgnon* no livro fechado de marco á pagina em leitura. — Os pequenos viveram muito ligados aos avós. Os avós são tudo··· ou quasi tudo para êles.

— E fala-se na voz do sangue. A voz do sangue nem a ouvimos··, se a voz do coração a não tempera.

— O sangue não gera amôr. O amôr de familia, semeia-o a convivencia, gera-o a intimidade.

— E' assim, é. E eu descuidei demais a intimidade dos meus filhos. — Depois de ligeira pausa, o murmurio da conversa a insinuar-se atravez dos hiatos da côxa toada das escalas. — Mas vale mais tarde do que nunca. Tenho fé em Deus de que hei-de conquista-los. Agora não vivo senão para êles. Tu vês. Ha quasi dois mezes que saí de Lisbôa, que vim para o Monte Estoril. Não fui á cidade··· senão por causa da procuração ao advogado. Se tu não viesses passar uns dias comigo··· tinha a sensação de que já nem era deste mundo. E não faço sacrifi-

cio nisto, como sentes. Estou toda absorvida pela educação dos pequenos. Até a Mademoiselle dispensei... para não abdicar. Lá está com os avós, afim de olhar por êles quando os visitam. Mas doi-me... que seja tão lenta esta conquista. O Rui, quando o criado o levou, na segunda-feira, parecia doidinho de alegria. A Clarinha, desde segunda-feira, não faz senão contar os dias, e as horas, e á certa os minutos que faltam para ir aos avós, para ir á Mademoiselle. Este dia, o sabado, é o seu dia de libertação...

Cala-se, a ouvir-se a si propria o verbo austero da consciencia, por sua vez na sabida prelecção dos quês e dos porquês da logica situação dolorosa.

— Minha senhora — canta a criada, touca branca e avental branco, ao entrar fazendo venia a D. Catarina.

— E' o Teotonio?—inquire Clarinha, alvoroçada, esquecida das teclas.

— Não, menina. É o correio.

— Traze cá...— diz a avó, tristemente, a doer-se do alvorôço da neta.

Isabel Maria levanta-se e vai vêr de quem e — e antes do correio olha repreensiva a filha, que retorna ao chouto dormente da escala.

Ah, uma carta do padrinho para a mãe. Outra do procurador, esta para ela, com certeza a informa-la da marcha do divorcio.

— Carta do Leonardo. Naturalmente... em resposta á que lhe escrevi, a teu respeito — conjectura D. Catarina, a mão nervosa a rasgar o sobrescrito.

— Deixa-me lêr — solicíta, sofrega, Isabel Maria.

— Espera, eu leio primeiro.

Compreende a intenção misericordiosa da mãe e comenta-a num sorriso resignado. Rasga o sobrescrito da sua carta. E' realmente do procurador. Dá-lhe noticias do processo. O arrolamento dos bens de Lisboa está concluido. O dos bens de Trás os-Montes deve ter começado. Quanto ao marido, continua a furtar-se á citação...

— Pobre Matilde!

— O que é, minha mãe?

— A tua madrinha. Está muito mal. Com uma pneumonia dupla. E eu sem poder ir lá, nesta ocasião!

— Uma pneumonia dupla! O' pobre madrinha! Vou eu, se fôr preciso. Telegrafa-se a saber se é preciso. Não podemos abandonar o padrinho! Deixa vêr a carta.

— Não. E' melhor não leres.

— Porque? Deixa vêr. Diz coisas desagradaveis a meu respeito? Não o convenceram as razões que lhe deste, como não quiz convencer-se ás minhas? Já ninguem me magoa com injustiças.

— Tu sabes o que êle sempre pensou...

— Mas êle sabe tambem o que me levou ao divorcio. — E refreando os queixumes em atenção á professora: — Deixa vêr, faze favor.

A mãe entrega-lhe a carta, passivamente. E emquanto a filha lê, em silencio, ela mergulha os olhos consternados no fundo revôlto das suas cogitações,

onde não chega o palpitar monótono do sonolento piano.

— Vou telegrafar já — decide Isabel Maria, devorada a carta. — Telegrafo em teu nome. O padrinho não fala sequer em mim! Paciencia.

— Sim, é melhor telegrafares.

— Telegrafo ao medico, ao dr. Fialho. E se o seu estado fôr melindroso, parto imediatamente. Não podes ir tu, tolhida pelo reumatismo. Faz-me diferença saír daqui nésta altura! Mas vou. E mostro assim ao padrinho... que lhe perdôo o não ter uma palavra para a sua afilhada...

Sai da salinha risonha de trabalho em direcção ao escritório. Volta daí a minutos em passo ligeiro.

— Pronto. E como é sabado, e quasi meio dia, mandei telegrama urgente. Resposta paga.

— Fizeste bem. Senão... já não recebiamos a resposta hoje.

Regressa á porta da varanda, onde Livia, sob o resguardo dos vidros, lê tranquilamente o seu livro.

— Perdoa a demora. Fui escrever um telegrama.

— Nem dei conta. Este Eça tira-me a noção do tempo. — Nota na face da amiga a nevoa das preocupações alarmantes: — O que tens? Más noticias?

Isabel Maria senta-se, no rôsto a penumbra do drama intimo, nos movimentos o quebranto das energias exaustas. — Sim, tivera noticias más. Uma carta do padrinho para sua mãe dizendo que a madrinha se

encontra muito doente, com uma pneumonia dupla. Porisso telegrafara para o Vidago, ao medico da casa, perguntando se é grave a situação da doente. Mandara telegrama urgente. Se a resposta for afirmativa, partirá imediatamente a prestar os seus socorros á madrinha, e a amparar o padrinho na crise angustiosa.

— Sabes ? — continua, lamentosa : — O padrinho, tão meu amigo... dizia que o não era mais se eu fôsse filha... não respondeu ás cartas em que lhe expuzemos, eu primeiro, e depois minha mãe, as causas do divorcio. Sim, isto já sabias. Pois agora, nesta carta, êle que me punha sempre em primeiro logar nas suas demonstrações de estima... não tem uma palavra para a afilhada ! E' como se a afilhada tivesse morrido !

— Talvez... consequencia da agitação em que escreveu.

Não. O padrinho é pessôa calma, incapaz de se esquecer, involuntariamente, seja do que fôr, no entusiasmo de festim ou no tumulto de catastrofe. Não esquece nunca os seus deveres. Ali, o esquecimento... tem a expressão e o geito do repudio. Repudiara-a... pelo divorcio. E não atendia a circunstancias, nem ouvia razões — na sua natural inflexibilidade sectaria.

Sectaria, é o termo. Porque se o padrinho, em vez de inacessivel por sistema, fôsse humanamente justo, teria descido da intratavel austeridade de principios á razoavel apreciação dos factos, julgando em cons-

ciencia. Pois se o proprio sogro, pai do que se diz victima do divorcio, transigira e concordara! Ele não. Acantonado no seu rigorismo hirto de dogmatico, não se convencera com desgraças, não se apiedara da vexada — limitara-se a condenar. Contara-lhe tudo — contara-lho ela e a mãe. As razões da saída de casa. Que saíra na intenção de regressar — perdoando, talvez esquecendo. Dissera-lhe das contas remetidas por fornecedores, em seguida, contas dêle, em nome dela, nas lojas de modas e nas joalharias, onde comprara ricos vestidos e custosas joias ás amantes. Fizeram-no sciente das cartas anonimas recebidas, a informarem-na dos seus gastos no jôgo, das suas loucuras com mulheres. Puzeram-no ao corrente de tudo. Ah, é verdade. Só lhe não falaram dos emissarios ali remetidos por êle, afim de evitar a acção do divorcio, da embaixada do sôgro e da sogra, no mesmo fito, porque isso não interessava — emissarios e embaixada, como ela sabia, eram de data posterior ao conhecimento das contas e ao envio das cartas.

— As cartas anonimas de Lisboa! — suspira a amiga, num esgar de repugnancia. — São a navalha de ponta e mola da fadistagem das sêdas e dos veludos.

— Repugnantes, é certo. Mas no meu caso... acabaram de me abrir os olhos. Porque continham verdades. Tu sabes que continham. E o padrinho — insiste, na necessidade de demonstrar a ilegitimidade daquela invencivel obstinação — não quere saber de cartas, nem de contas, nem dos vexames a que o ma-

rido me sujeitara, nem da miseria a que me arrastava os filhos.

E noutro tom, obedecendo a ideia subita:

— Ouve, Livia... Oxalá que as noticias do Vidago sejam bôas. Se forem más, tenho de partir imediatamente. Vou ámanhã no *rapido* da manhã, o mais tardar no *Sud*. A mãe não póde ir comigo. Nem o coração lhe permite grandes comoções, nem o reumatismo lhe consente saír de casa. E vais tu comigo.

— Eu ?

— Tu, sim. Mando uma carta a teus pais. Peço-lhes que te deixem ir. E tu acompanhas-me. Não digas que não. Não posso, não devo ir só. Demais... nunca fôste a Traz-os-Montes, e has de gostar da viagem. Escuta, agora. Depois dirás. E eu levo comigo as cartas anonimas. E levo as contas dos negociantes. Sempre quero vêr o que o padrinho... diante dêsses documentos, me diz que devia fazer. Ah, é facil julgar de longe, fóra da zona do temporal! Se fôsse êle a suportar pessoa com o caracter do senhor Baltazar de Lucena! Se êle, alguma vez, tivesse sentido o horror da convivencia dum genio como o da sr.ª D. Mafalda de Lucena!

Recolhem de novo ao silencio, Isabel Maria como na recapitulação de destemperanças do marido e pendencias da sogra, Livia como no exame das presumidas sensações atravez da viagem prometida.

A varanda cimeira da *vila Catarina*, filha ao colo da mãe, está a meia encosta do Alto de Palmela. Fica

quasi á cabeça do chalé *Maria Pia*, um que se distingue pelo capuz de Pierrot sobre telha em carne viva e veias de sangue azul, — e olha de cara e apanha de revez o urbano e o rustico, o solido e o liquido de copiosas milhas em redondo. No tocante a vivendas, num perimetro de leguas não se contam duas duzias, desde as de fisionomia e habitos mais ou menos portuguêses, ás que se abonecam e oxigenam á francêsa no fito de espantar clero, nobrêsa e povo, que se lhe furtem á vigilante mirada. Assim, donde está, ela vê o xadrez das manchas de telha de Marselha e de telha mourisca que escorrega dos cimos arborisados; ela observa os macissos vêrde-bronze de pinheiros e palmeiras que saem dos intersticios do xadrez; ela considera os sucessivos planos sobrepostos de habitações e jardins que das colinas daqui e das encostas dali descem ás praias do contôrno, e se ficam á beira da linha ferrea, muito atentos, á certa, a ouvir o mar.

Só não olha a poente o grôsso da casaria de Cascais, para lho negar á vista, deste lado, o taciturno pinhal de Palmela — derreada turba de reprobos do Senhor, fugindo ao nordeste no terrôr das caravanas do deserto batidas pelo Simum.

O mar, lá em baixo, nos braços da baía de Cascais, não é mar mediterraneo. E' antes pacifico mar domestico, testada particular de cada um e de todos os logares circunvisinhos. Mas o mar solta-se da baía e arranca para o largo, na rota do ocidente, dobrando a ponta do farol de S.ta Marta da banda de cá,

da outra banda afastando-se da lomba fluída do cabo Espichel. E então, na solitaria castidade dos santos e dos herois, toma o vulto e a nobreza peculiares aos da sua condição, dilata-se a perder de vista, espumoso e glauco, no esfumado nevoento das olheiras cançadas ao encontrar-se com o céo — o céo, no longe, tambem esfumado, quasi negro, rôxo dorido, e no perto, sobre a visinha ondulação de aguas e outeiros, dêsse azul frêsco e virginal a que nem pupíla de Miss, nem porcelana de raça pleiteiam competencias.

A baía pôz-se toda erisepelada sob o látego do nordeste. Não é massa de agua o que se encrespa no estuario — é *pochade* a oleo, nervosamente pintada a espátula. Tinta vêrde garrafa em desvairado batuque com tinta azul celeste, vagas minusculas pulando e não correndo, o dôrso das dançarinas empoeirado de espuma. E a tinta, azul ou vêrde ao perto, na distancia, junto dos recuados e baços pendores de Caparica, adensa-se em faixas pardacentas, em borrões prêtos com flocos de saliva a diluirem-se na bruma.

Não ha duvida. E isto, agora, leva endereço ás coisas notaveis postas a nascente. O mar, cativo da baía, a bôca salgada a ardêr de sêdes seculares, sente das bandas de terra as aguas dôces do Tejo, e marcha ansiôso ao seu encontro.

Mas na cega carreira precipitada nem se lembra de defender o terreno contra o odio velho das martires escarpas envolventes. E são o promontorio e cêrros da costa de Caparica a apertarem-no do sul.

E são da banda de cá, do norte, os penhascos negros de Cascais, os cêrros elegantes dos Estoris, a ponta doirada da Parede a ajudarem-se na pendencia. O caso é que o apertam tanto, que quasi chegam a jogar as turras. Quando o imprevidente sequioso atínge os seios cubiçados das aguas dôces, vindas das Espanhas, vai enfiado de tôdo, já mal respira de estrangulado — reduzido a gargalo de garrafão, o farol do Bugío representando de rôlha no seu logar.

Mas o que aí vem de praias, santo Deus! todas vestidinhas de lavado, casas gaulezas e casas lusas na marcação dos logradouros comuns, a sorrirem-lhe, a compensa-lo das perdas sofridas na avançada! Podemos conta-las, do lado de cá, pela colorida floração das vivendas, a partir da Parêde — pois os pendores adustos de laminados calcareos ciosamente as guardam dos olhos profanos. Seguem todas de mãos dadas, ás arrecúas, e todas de cara ao mar, seu pai e seu senhor. Primeiro a da Parêde, assinalada pela policromia dos predios urbanos do alto. Logo áquem é a de Cai Agua, fechada a sete chaves pelo cabeço fortificado de S. João—Otelo de entremez armado de borolentas atalaias e enferrujadas ameias. Depois a de S. João, esta oculta de gregos e troianos pelo cotovêlo herculeo da do Estoril — a que publíca, em frente da via ferrea, o sonho monumental de opulentos casinos, balnearios, parques e hoteis.

Chama-se, pois, do Estoril a que fica neste sitio, a primeira que se desnuda á sofrega curiosidade dos visinhos — o aureo corpo de ninfa com sentinelas á

vista: dois chalés fingindo de castelos, armados de torres e barbacans.

E, logo a seguir, lá em baixo, a do Monte Estoril, esta com o lindo corpo de deusa deitado em forma de crescente e o mar babôso a cobri-la de rendas alvissimas.

Assentando a cabeça nos penhascos da do Estoril, põe os pés nos cachopos da de Cascais — a de Cascais a adivinhar-se por traz do pinheiral serrado, assente sobre fragões que são tal qual cachorros cariados sustentando sarcofagos historicos.

E de focinho ao mar largo, no estuario da baía, a dizerem não ou sim conforme a inclinação da onda, vogam numerosas *muletas* de pesca, dum e dois mastros, levando a reboque, como se os levassem á mestra, agarrados ás saias, pequeninos buques no *a b c* das artes de pescar — os que deitam os aparelhos, e acertam os cabos, e vigiam o peixe.

E' Isabel Maria quem sai do silencio, sob o modorrento ressonar das escalas.

— Nem me lembrava — observa, olhos em crepusculo, toada de Trindades: — Tambem recebi carta do procurador.

— Ah... do procurador.

— Sim. Diz que está concluido o arrolamento dos bens de Lisboa. Deve ter começado já o de Traz-os-Montes. Agora... sou mais pobre do que os mendigos. Vivo da caridade de minha mãe. Mas o meu... o senhor Baltazar de Lucena, administrador dos meus bens, êsse vive nas grandezas de rico. Faz-me guer-

ra... com as minhas armas. — Sorri tristemente, acrescenta amargamente: — Estas leis, feitas pelos homens, são sempre por êles e contra nós. .

— E' o que eu digo todos os dias. E chama-lhes tolos! Se são êles que as fazem, fazem-nas a seu geito.

— Como se eu não soubesse administrar o que me pertence! Como se o não soubesse administrar melhor do que êle! Porisso êle se furta a ser citado para a acção...

— Continua a furtar-se ?

— E' o que me diz o procurador. E ha-de furtar-se... enquanto puder.

Ouve se no interior, no escritorio, o alarme imperativo do telefone.

— Mãesinha! O telefone! — clama a filha, soltando as mãos do presidio das teclas.

— Eu vou lá, se quizeres... — oferece-se D. Catarina, marcando dolorosamente, com acentos alvos da cabeça embranquecida, o alvoroço flagrante da neta.

— Se queres... vou lá eu, mãesinha.

— Não. Estuda e deixa em paz o telefone! — E agradecida ao oferecimento da mãe, e solicitada licença á amiga: — Eu vou.

Toma o auscultador na mão nervosa. A campainha emudece.

— Está lá? Está lá? Não se ouve nada... Não distingo uma palavra... — acentúa, cançada de procurar a voz que lhe fala, o ouvido desorientado na confusão de ruidos que o perturbam. — Han? Ah!

Até que enfim! E'... é o pai? Ah, sim. E a mãe, como está?

...

— Nós, bem. Muito obrigada. Han? Mais alto, faz favor. Ainda não se ouve bem. Han? Ah! Agora sim. A Clarinha? Está a dar lição de piano. Está quasi no fim.

— Já acabou, mãesinha. Já dei lição — informa a filha, a seu lado, num alvorôço.

— Han? — inquire a mãe, o dêdo alçado sobre o nariz impondo silencio á filha. — Não ouviu... Ah... Digo eu... que a Clarinha está aqui... Já acabou a lição... Acabou a lição... Digo-lhe o quê?

...

— Que lhe mando muitos beijos. E á vó-vó! E á Mademoiselle — intromete Clarinha, fulgurante de ansiedade.

— Cale-se! — intima Isabel Maria, a mão no bocal, os olhos turvos, o coração oprimido. E outra vez ao bocal:—Não foi nada... Como? Digo-lhe que... Ah, estou a ouvir... Que tem a casa cheia de flores. Ouvi, ouvi... Para receber a princeza...

E a filha, não podendo conter-se, batendo palmas de alegria:

— A princeza... O vô-vô chama-me princeza!

— Clarinha! — repreende, a amargura a apertar-lhe as cordas vocais. E num esforço supremo:—Han? Ah, já aí vem o Rui, com o Teotonio. Ela é só mudar de vestido. Sim. E que me fale logo que aí chegue... Cumprimentos á... á mãe.

— Mãesinha! Mãesinha! — implora a filha, vendo-a pronta a deslígar. — Deixa-me dizer uma coisa ao vô-vô.

— Cortei a comunicação. Vais daqui a nada. Lá lhe dirás o que queres.

Seguem, emudecidas, vagarosas, para a sala de estar, recanto afavel, onde os moveis inglêses são claros e leves, quadra intima onde a luz do dia tem entrada livre. D. Catarina conversa com Livia, no *maple* da esquerda. A professora folheia uma revista, á espera da discipula e da mãe.

— Senhora D. Isabel Maria... até terça-feira — diz, levantando-se, simples de maneiras e de trajo, o sorriso a abrir a flôr dos labios.

— Até terça-feira — corresponde, a querer sorrir e o sorriso a resolver em esgar: — Clarinha. Acompanha a sr.ª D. Ermelinda...

Mal a professora transpõe a porta, feitas as despedidas, Isabel Maria abandona-se, quebrada, ao *maple* plantado á ilharga do piano.

— O que tens? — acode Livia, alarmada.

— O que é isso, filha? — glosa D. Catarina, de pé.

— Não é nada — suspira, desfalecida. Mas as lagrimas soltam-se-lhe dos olhos. Mas do peito irrompem-lhe os soluços.

E as duas, mãe e amiga, curvadas sobre os seus soluços, dobradas sobre as suas lagrimas:

— Isabel Maria. O que foi?

— Deram-te alguma má noticia ao telefone!

Aquilo pergunta-o a amiga. Isto clama-o a mãe. E reprimindo-se, e tranquilisando-as, ela enxuga as lagrimas, ela engole os soluços. Não. Não houve nada de novo. Nada lhe disseram de mau ao telefone. Pelo contrario. Fôra o... o avô da Clarinha, que lhe falara. A participar-lhe que já aí vem o Teotonio, com o Rui. Que espera a Clarinha, com a casa cheia de flôres. Só noticias boas, como veem. Está assim... São nervos. E' por causa da madrinha. Tambem pela injustiça do padrinho.

— Isabel Maria — suplica D. Catarina, dolorida. — Não exageres. A madrinha... diz-me o coração que melhora. O padrinho... ha de ser justo comtigo.

Mas Clarinha, que regressa de fóra, abeira-se da mãe — na arena dos olhos castanhos a dôr a brigar com a alegria. E encostando-lhe a cabeça ao seio, e passeando-lhe as mãos pela face, a voz um setim, a palavra uma penugem:

— Mãesinha... Não chores, não? Eu... eu tambem sou muito tua amiga.

— Veem? — comenta, rôsto e fala com endereço á mãe e á amiga. — A minha filha, a minha Clarinha, tambem... tambem é muito minha amiga!

O chôro rompe de mais fundo, o riso agora na cruzada infeliz de o vencer, o chôro vencendo o inimigo ao segundo assalto. E levanta-se, e pede que a deixem a sós uns minutos, e avança meio tonta na varanda.

Livia faz sinal a D. Catarina de que a segue de

perto. D. Catarina senta-se no sofá com a neta cingida ao peito.

— Isabel Maria! Tem paciencia. Confia no tempo.

Ela dobrara o cotovêlo da varanda, abrira a vidraça da extrema norte, encostara-se direita ao peitoril, recebendo em cheio a lufada aspera do vento — o cabelo a dançar, o corpete a enfunar-se.

— Olha que te constipas! Não faças loucuras!

— Deixa-me, Livia! Senão abafo!

A amiga deixa-a, de facto. Ah, os filhos! Pobre Isabel Maria! — observa, contristada. Essa é que é a fonte das suas lagrimas! Quere-os para si, e êles fogem-lhe para os avós. Porque se ela muito trabalha no fito amoravel de os prender ao coração maternal, os avós, á certa o pai, redobram por sua vez de mimos e seduções, na faina de lhes conservar o afecto semeado a tempo. Só os anos, sim, poderão ajuda-la a sobrepôr-se aos avós. Só a paciencia, não o duvida, logrará favorece-la no sentimento equilibrado dos filhos.

— Meu Deus! Que ventania! — solfeja Livia, domando o cabêlo irado, tomando o braço à amiga. Como ela insista em ficar, desce os olhos ás palmeiras e pinheiros espalhados em tôrno, a contorcerem-se como ebrios, a tiritarem como friorentos, sob os rumores e as bategas do vento e da chuva. Para alem do aro dos montes envolventes, ao norte, avulta o negro perfil da serra de Sintra. E a serra afigura-se-lhe gigante apopletico de furia, a face

inchada e negra de soprar para cá estes ventos demoniacos.

Um apito de locomotiva. De traz da curva alta do Estoril, em baixo, no rasgão da linha ferrea, enguia a torcer-se na fenda de rochedo, assoma o comboio fumegante.

— Isabel Maria. O comboio. Vem aí o Rui. Vamos.

Ela deixa-se conduzir pelo braço, a face maguada, os movimentos lassos.

VII

O *Sud* rola campos ribatejanos fóra, lambendo quilometros e saudando povoados. As sebes de canas, a vêr quem passa á beira da via, dão de cara com o monstro rolante e curvam-se em tremulas reverencias, e sibilam adeuses instantaneos : não é mais instantanea a visão do abrir e fechar de olhos. Os comboios descendentes, êsses, ao cruzarem na via dupla com o altaneiro senhor, que lhes corresponde á cortezia num *Deus os salve* rouco e sêco, quasi se reduzem a traços informes vertiginosamente esfumados no ar : não é mais curto o fulgôr do relampago cortando o céo.

A estação de Vila Franca, salvada pelo dragão em laconico estilo, é mancha branca que aparece e desaparece num repentino rumôr de rajada.

E aí vai o rio Tejo, já meio de aguas novas, com fragatas a beberem ás margens, e outras no veio da corrente e na faina da obrigação. Isto da direita — pois da esquerda, o que se vê, tudo a girar contra o

monstro, são terras de amanho crestadas pelas soalheiras estivais, vinhas vindimadas, melancolicos olivêdos, a vasta herdade Palha Blanco sob os pontos de admiração dos torreões conícos de afrancezada vivenda. E são ainda as belicosas linhas de Torres, cadeia de cêrros e colinas que guardam a campina horisontal dos ventos de oeste, e lhe oferecem as suas sobras em aguas de regadio, no graveto da lareira e na trave do lagar.

Olha. Agora o rio distancía-se da via-ferrea. E entre a berma da via e os choupos do rio pastam tranquilas manadas de touros bravos — bravos se os puzermos a sós com a fera humana; que no sossêgo da campina, em familia, não consta de maior mansidão nem entre as proprias hervinhas de pastío.

E' Livia, a morena e animosa Ruth que por amor da amiga desquitada do marido deixa o tecto dos seus e mete á seara alheia, quem segue na derradeira carruagem do *Sud*, a que se destina ao Porto, e recreia os sentidos na exposição de quadros rusticos que o comboio lhe vai mostrando. No *maple* fronteiro, ambas ás janelas da esquerda, senta-se Isabel Maria, de costas para a locomotiva, o negrume do trajo a dizer com o triste alheamento de paisagens e scenas campestres. E nos demais *maples* do salão, ás largas vidraças do lado opôsto, ás pequenas mezas do centro, acomodam-se passageiros dos dois sexos, estes amarrados ás colunas de jornais, aqueles a abrir e a fechar os olhos sonolentos, uns e outros, graves, silenciosos, enigmaticos como bonzos nos nichos do templo.

Só dois sujeitos em cabêlo, no sofá da extrema oposta, faiscas nos olhos, raios nos braços, trovões na bôca, clamam em temporal desfeito, que dura desde o Rocio:

— A sua republica é esta. Lama e lôdo.

— Alto lá! Esta não é a minha. Esta é a dos senhores monarquicos, que a contaminaram dos seus vicios!

Tan-tan, tan-tan — matraqueia o andarilho, sob o céo plumbeo, com silvos roucos, com novas rajadas.

Não pára na estação de Santarem.

Isabel Maria fitára o olhar vago na ponte metalica do Tejo — o Tejo outra vez *tu cá tu lá* com a linha ferrea, e sempre a trabalhar á sua dextra. Fitára os olhos, atravez das vidraças do lado contrario, mas quasi nem a vira, toda entregue á faina interior de exumar factos, de identificar pormenores, de acertar conceitos, de alinhar conclusões, os termos do seu direito na demanda que vai a julgamento. Tudo isso lhe será talvez pouco, advogada em causa propria, para obter sentença favoravel do padrinho, que a absolvição da madrinha tem-na por certa.

Da madrinha? Hesita todas as vezes que a chama ao pretorio, o seu coração, ha sete mezes flagelado e crucificado todos os dias, ora a insinuar, ora a assegurar que não chegará a tempo de lhe receber a benção final — por mais velocidade que o *Sud* ponha na marcha acelerada.

Pobre madrinha! Melhorára da pneumonia dupla

sofrida em Junho. Mas na dança de roda das estações aponta o Outono, o que vem depois do Verão, e traz por companhia as primeiras chuvas, os primeiros frios, as primeiras tosses — recoveiro da Morte, a encher os caminhos de folhas amarelas e os cemiterios de cruzes negras. E ao arrepio da sua chegada a constipação entra com a combalida senhora, e logo convida a pneumonia, que não tarda a reinstalar-se no seu logar.

Hum... Por mais que pretenda confiar-se ás suaves regras do optimismo, o pessimismo não lho consente — tal o pregão sinistro do telegrama expontaneamente despachado pelo medico de Vidago, tão outro do que lhe expedira em Junho, em resposta ao seu. Não irá a tempo, quem sabe? nem ao menos de lhe cerrar os nublados olhos amigos...

Sente-se infinitamente só no mundo — quasi sem filhos, cada vez mais inclinados aos avós; quasi sem mãe, cada vez mais tolhida de reumatismo — talvez sem a sua madrinha, devorada pela morte, á certa sem o seu padrinho, afastado pelo divorcio. Que a respeito de amigos, á excepção de Livia, faltam sempre onde o infortunio sobeja. E assim, Baltazar, o que teima em ser seu marido, na sêde e na fome de lhe explorar as comodas temporalidades, vendo-a só, não receia estôrvos, nem desafrontas ás ciladas e vexames que lhe faz padecer. Soubesse êle que ela tinha por si o padrinho, com a autoridade do seu nome e o prestigio do seu passado, e não se atreveria a pôr em jôgo o processo de interdição por demen-

cia — esse horrivel processo, que ao longo de Julho e Agosto fôra o maior tormento de todos os seus dias!

Se não era Livia, a amiga incomparavel, e o dr. Salgado, o diligente patrono, estaria a esta hora sepultada entre loucos.

Tudo isto vai expôr, e alegar, e documentar, de viva voz, na espectativa de resolver a inclemencia em misericordia — e na necessidade dum apoio seguro.

O *Sud*, que rasga o solo ora crêspo de chupados restôlhos, ora enrugado pela relha da charrua, com valas simetricas de espaço a espaço no aparente movimento de raios duma roda, vai agora por entre espesso arraial de sobreiros e oliveiras na dança do *Vira* em honra do pápa leguas. Só se detem no Entroncamento, a fim de tomar folego. São dois curtos minutos — o bastante para respirar fundo, e permitir aos revisôres, de mala a tiracolo, que desçam á fala com o senhor chefe da estação e acertem o sorriso pelo dos camaradas na telegrafia e nas facturas. E logo abala, *tan-tan, tan-tan*, gigante de possantes musculos escravo de duas miseras horisontais.

Mas a marcha torna-se menos veloz, porque a terra, de subito acidentada, no orgulho primitivo das suas virtudes e recatos, se não dá ao forasteiro na passividade da planura — antes se insurge contra o intruso que sem licença lhe devassa as intimidades.

Isabel Maria, alheia aos aspectos e transições da paisagem, soma os prós da sua presença no solar. O

padrinho não será tão duro que se recuse a ouvi-la. Admite que se obstine na indiferença pelas loucuras de Baltazar — os homens, ainda os melhores, buscam sempre a medida grande na aferição dos desvarios do sexo.

Concede que se mantenha refractario á indignação contra os esbanjamentos do prodigo — as pessoas de vontade energica julgam que para todas as acções nocivas ha a precisa reacção. Mas não ficará insensivel, mas não lhe regateará apoio moral, quando lhe mostrar em toda a sua monstruosa crueldade o primeiro salto de fera aos seus haveres, á sua razão, á sua vida — quando lhe fizer vêr que o processo de interdição por demencia lá continúa agora nos tribunais, e que precisa de opôr á contumacia de Baltazar o valimento de alguem da sua feição.

Tudo isso lhe dissera já em cartas. Mas uma coisa é lêr e outra ouvir.

Uma vez mais põe em scena o drama convulso, agora como em ensaio geral, visto estar marcada para o dia seguinte a sua representação diante do padrinho.

E cabeceando, e oscilando, em obediencia aos sacolejos da carruagem, vê-se em casa de Livia enfêrma, nêssa tarde de Julho, pavorosa e agitada.

Tem no ouvido a exacta voz da criada, que surge no quarto, que a chama á investida — dois homens, com ar de policias secretos, estão á porta da escada perguntam pela sr.ª D. Isabel Maria de Lucena.

Livia insiste em se levantar do leito, em a acom-

panhar á sala, para onde mandam entrar os homens suspeitos.

Ela segue a passo cauto, estranha ao golpe preparado, mas no seu secreto pressentimento. E tão forte é o pressentimento, que mal os sujeitos lhe intimam a ordem de os acompanhar á policia de investigação, na instantanea visão do perigo corre á sacada e grita por socôrro.

A êsse inexplicavel impulso deve a sua liberdade, a sua razão, a sua vida, pois por êle foi possivel recorrer ao telefone para o dr. Salgado, pois por acção dêle convergiram a casa de Livia as indignações que anularam a ida á policia e o encarceramento imediato.

Numa casa de doidos! — sepultada viva entre larvas humanas, viva para a morte e morta para a vida! Porque? Por procurar emancipar-se de odiosa tutela, por querer salvar os filhos da miseria!

— Isabel Maria. Repara — pede Livia, o seu instincto pictural na insaciavel recolha de formas e coloridos novos. — Estamos no termo de Chão de Maçãs. E o que isto parece... é chão de pedras. Pedras, mais pedras, uma furunculose geral no corpo doente da madre terra.

— Sim, é verdade... — diz, por dizer, as meninas dos olhos atraz da fina mão enluvada que lhes serve de cicerone, mas as potencias da alma ausentes na reconstrução da peça em ensaio.

O que faria o padrinho á noticia da clausura no manicomio — separada da mãe, afastada dos filhos, privada dos bens, sequestrada do mundo? Meteria a

Lisboa na cruzada de a restituir á familia, ao ar e á luz? Ou assistiria de longe ao suplicio, impassivel, deixando-a para sempre sepultada na sombra e no silencio?

Ela estremece e desperta á paragem do comboio.

— Albergaria! Albergaria! — matraqueia na gare mascula voz gafada de catarral.

E outra voz, esta de sadia toada feminina, num pregão com frescôr e musica de régas:

— Agua frêsca! Quem quere agua frêsca!

E' lépida e engraçada a sua dona. Rôsto sumarento de fruta temporã, o justilho de chita não esconde, antes acasala, os dois pombinhos mariolas que lhe debicam as ramagens da blusa, como a chinelinha de verniz apenas dá pousada aos dêdos do pé sem meia.

O *Sud* não se gasta em demoras superfluas, nem lhas não tolera a qualidade da obrigação. Tinha sêde. Parou para beber. Bebeu a grandes haustos, a tromba da grúa mergulhada na guela. De modo que, acabar de beber, e despedir de longada, a um adeus de assobio do senhor chefe, a outro adeus de vapôr do judeu errante, é uma e a mesma coisa.

Mas porque se reconfortou com a bebida, e porque começa a sentir, na base dos declives a que trepára com notório esforço, arquejando e suando, o odôr e a lindêsa das campinas fundeiras, das que tomam em Pombal o nome legítimo da cabeça do concelho, em Coimbra o de Coimbra, o de Aveiro em Aveiro, é apanha-lo agora na vertigem da descida.

Tan-tan, tan-tan, êle aí vai, jubiloso e acelerado, sem dar folga aos olhos para que se apercebam dos seres visinhos das paralelas — arvores, courelas e casais proximos fugindo do monstro em alucinante galope, as coisas do segundo plano deslizando em trote moderado, em chouto docil as mais distantes, e todas ao invez do alucinado, como se êle fosse eixo e motôr de vasto *carroussel*.

Nêste passo da viagem Isabel Maria está no segundo acto do seu drama. De casa de Livia, a quem a febre da gripe e os conselhos da prudencia não travam os nervos alarmados, teimosa em a acompanhar a casa dos seus, embora vá na companhia do advogado e da mãe, transfere-se para o Monte-Estoril. E é ali, quinze dias transcorridos, junto da mãe aflicta e apartada da sua assistencia, perto da filha inquieta e a ocultas da inocente, o advogado inibido de lhe ser amparo, que se desenrola a scena capital da macabra peça — os medicos legistas, e o juiz, e o curador dos orfãos, e o advogado de Baltazar e o escrivão do processo, e o oficial de diligencias nos papeis marcados na lei.

O exame á acusada de demente, permitido pelo consêlho de familia, o consêlho que êle clandestinamente aperelhou a seu gôsto, efectuara-se no segrêdo prescrito nos codigos.

Dos dois medicos peritos, o mais novo, com o nariz espêsso de suporte a lentes e aros de telescopio, em todas as suas palavras e obras lobrigava indicios de demencia.

Se ela argüia aquele processo de desumano, assestava as lentes nos olhos do colega, nos do juiz, nos do curador, nos do advogado, êste sempre de acôrdo, e dogmatisava, infalivel:

— Vejam v. ex.as. Está a fazer o seu delirio persecutorio.

— O' senhores! Pois eu não hei-de defender-me de tudo isto?

— Vêem?! E' claro. E' insofismavel. Até de nós precisa defender-se. — E os telescopios em seguida assestados na paciente: — Tambem nós a perseguimos, não é verdade?

Calava-se. Ele extraía da sua mudez apavorantes augurios. Falava. Ele tirava das suas palavras certezas documentais.

Depois o inquerito á sua memoria, êste providencialmente a cargo do juiz:

— Idade?

Dissera a idade.

— Em que dia nasceu?

A tantos de tal.

— Em que dia se baptisou?

Não se recordava.

— Alto! — intervem, de ôlho sinistro o medico dos oculos: — Falta de memoria. Evidente amnésia. Requeiro se consigne na acta que não sabe a data do seu baptismo.

— A ignorancia da data do baptismo não me parece sintoma alarmante — contrapôz o juiz, a humanidade a dealbar-lhe de doçura a vara de

julgador: — Eu tambem não sei o dia em que me baptisei.

— Requeiro que se pergunte á arguida, visto ser senhora ilustrada — volta o medico, fiel ao mandato do requerente — o nome das princezas com quem casaram os reis portuguezes da segunda dinastia...

— Izabel Maria — intima Livia, as pupilas enamoradas dos panoramas á vista dum e outro lado da carruagem: — Vê estes campos! Como são bonitos!

— Perdôa o meu silencio—suplica, desprendendo-se da teia que mudamente vai urdindo. E numa voz cauta, o busto dobrado, não vão ouvi-la os senhores e senhoras embalsamados á ilharga do seu *maple*: — Compreendes... tenho de relembrar tudo, de pôr tudo em ordem. É preciso que não me esqueça nada...

— Mas só um momento... Já estamos perto do Mondego... Olha a frescura dêstes campos, logo a seguir ás colheitas, tão diferentes dos campos de sequeiro do Ribatejo nesta época.

— É certo. Tudo vêrde, tudo a resumar frescura.

— Este nosso paiz é um indice de quantos paizes povoam o mundo. De Lisboa aqui, daqui ao Porto, do Porto para além, que sucessão e variedade de paizes!

O *Sud* corta a esta hora, sob céo a abrir o tesouro de setineo azul e o horisonte todo carregado de nuvens, a chã vergilíana que o Mondêgo passeia a seu modo, na calma bocejante de marido e mulher, provendo-a de fartas aguas e cumulando-a de saborosos frútos.

Daí a nada estaca em Alfarêlos. E outra vez em marcha, possesso da velocidade, chama a atenção, a mudez e a memoria de Livia para o quadro historico de Montemor-o-Velho — sobre o festo de outeiro, a poente, ao fundo da campina, a crista legendaria de evocativas tôrres e muralhas.

Izabel Maria, actriz e espectadora do seu proprio drama, agora a assistir á retirada das gentes da justiça, em seguida a ouvir o angustiado interrogatorio da mãe, é que nem dá pelo trovejante rumôr do trem sobre a ponte metalica do Mondego, nem enxerga Coimbra pousada na colina que femininamente se mira e remira nas aguas vivas do rio — a Universidade ao tôpo, de borla e capêlo, acocorada entre os hirsutos pintainhos que sobem e se atropelam no pilha do douto cibo maternal.

Felizmente o juiz movera-se pela justiça, lavrara sentença contraria aos interesses do requerente, que só nêssa altura, já á porta as ferias judiciais, podera ser citado para a acção de divorcio — e que, apezar de tudo, não desistia de a encerrar no manicomio.

Ao entrarem na Pampilhosa, onde o comboio se desdobra no que segue com destino ao Porto e no que continúa a caminho de Paris, teem noticia de que o *Sud* descendente, vindo das Espanhas, traz atrazo de hora e meia. É forçoso esperar a sua chegada para a condução ao Porto dos passageiros d'alem fronteiras.

Resignadas a esperar, descem ao restaurante da gare, onde lhes servem chá e torradas — são quatro

horas da tarde e não estarão no Porto antes das sete.

— E aqui vamos nós... Deus sabe para quê. Vou como num sonho. Serei recebida pelo padrinho. Não serei recebida? O telegrama era do medico. Encontrarei viva a madrinha?

— Has-de encontra-la viva, socéga...

Da Pampilhosa ao Porto o comboio não é o *Sud*, afinal, mas somente a sua cauda — o salão da saída de Lisboa e o *fourgon* — indo leve e andeiro como animal aliviado da carga.

Pelo que, nêste lance sob a luz monastica do entardecer, voando no senhorio das vinhas da Bairrada despojadas da sua riqueza em oiros e rubis, nem dá tempo a que lhes louvem as graças bucolicas, de repente já a contas com os suburbios cromaticos dos campos e ria de Aveiro.

As duas conversam no tom de confissão — fazem e desfazem vaticinios, concertam e desconcertam probabilidades.

— Lindo! Fantastico! — proclama Livia, quebrando a tecitura da conversa, a alma nos olhos, o espanto na expressão, olhos e expressão prêsos do estranho poente que desdobra o seu docel de purpuras e oiros sobre a campina estatica e sobre a rêde arterial de canais das liricas visinhanças do Vouga. — Repara Por traz das nuvens ha torres iluminadas. Ao fundo milhares de luzes. Parece uma procissão noturna. E' a procissão das velas em Lourdes.

Não é Lourdes, não senhor, que êste sol e êste

solo por nascença e por baptismo têm nome portuguez. Mas, se o estranho fenomeno vem aos céos um pouco mais ao norte, poderia ser o Bom-Jesus do Monte em noite de peregrinação.

Até o templo edificado pelas nuvens, em vez duma, tem duas torres, ambas de arestas enrubescidas por miriades de lampadas acêsas. E ao encontro das torres ao rubro, e subindo escadarias alumiadas por outras lampadas, segue o rio de fôgo dos peregrinos.

Daí a nada, porem, luzes de torres e lumes de escadarias começam a apagar-se por traz das nuvens. Arestas iluminadas e filas de velas vão-se dissolvendo, pouco a pouco, na massa crepuscular do horisonte. Veem-se pavios carbonisados com fios de fumo a subir. Enxergam-se opas vermelhas de sacristas nos panejamentos do fundo. As luzes rareiam — uma ali, além outra. E no espaço de minutos, de lez a lez, o horisonte é todo êle espessa cobertura de chumbo, com barras de metal amarelo nas arestas superiores.

Em baixo, no raso da campina, canais e canalêtes, que durante a peregrinação foram escarlates linguas de fôgo, são agora veios de carvão extinto entrelusindo na quasi obscuridade.

A terra boceja. O céo dá as boas noites. E para além da via já se não descortina senão tinta violacea desbotando na trama da planura.

O dragão ruge, fumega, rouqueja. Nas cercanias da praia de Espinho, rente á costa maritima. o horisonte acarvoado liga e confunde céo e mar. O céo

aparece tanto ao perto que o alcançaria um tiro de funda.

Ao contrario do exterior no interior da carruagem ha luz de sol. E lá cabeceiam nos seus postos os mesmos passageiros esfingicos, ao lado dos que entraram na Pampilhosa. E lá se degladiam os mesmos cavalheiros aguerridos do sofá, prégando, excomungando:

— Na republica individualista os homens criam se do nada.

— A republica não cria homens! Engorda manequins!

O Porto. Noite quieta. O comboio passa a exercitar acrobacias de funambulo sobre a corda bamba da ponte do Douro — com o rio, tinta negra, emudecido a dezenas de braças de profundidade.

Retarda a marcha, como na perturbação do abismo.

Isabel Maria, com o credo na bôca, recomenda-se aos santos domesticos. Livia, fóra da sensação do mêdo, desvanece-se no gôso do panorama — o rio de tinta correndo fundo entre alterosas colinas, a ponte pensil ligando pelas cumeadas a colina de aquem á colina de Além-Douro, onde pousa a casaria da cidade, escorregadia, crivada de constelações, sulcada de vias lacteas; e mais a baixo, a par do cais pontuado de lumes, a agua dormente, ali chumbo derretido, toda em colunas fosforescentes de foguetes subindo na escuridão. Isto junto ao cais. Que ao meio do rio toda ela é quietação de treva sulcada de busca-pés rabiando ao desafio...

Ao outro dia, manhã alta, noutro comboio, o *Directo* do Douro, Isabel Maria e Livia vão no caminho encantado da Regoa, onde se dobra para o caminho estonteante de Vidago.

Isabel Maria aproxima-se do têrmo da viagem e afasta-se dos preceitos da confiança. O padrinho toma-lhe a retina sob o traço duro das esfinges de deserto — impermeaveis á fraqueza, á dôr e á suplica. A madrinha, essa, ora é sombra muda entre velas e flôres, ora luz incerta que não chega a alumiar.

Por seu lado, a amiga, conjuga os verbos tonicos da fé de modo a escora-la contra o desanimo. E só ao vê-la crente ou esperançada sólta o ôlho faminto das prodigalidades da paisagem — enfeitiçada pela umbrosa região que o comboio percorre torcendo-se de gôso, furando tuneis, galgando viadutos, assobiando aos povoados. E' tudo vêrde na sucessão dos planos — montes e varzeas. As arvores galgam as encostas, as videiras trepam ás arvores. Nos campos de cultura, circundados de arvores que se abraçam ás videiras, ha mitologicas danças de roda em louvôr de Baco — sob a presença dos canóros povoados e casais de melhor trato com as leis da cristandade.

Os passageiros do *Directo*, ao contrario dos do *Sud*, são todos irmãos da mesma ordem — e muito amigos, mesmo os que nem de rôsto se conhecem. Os da esquerda sabatinam os da direita, os da Ermida confessam os do Pocinho — sendo primazes na

loquela um padre anafado, de volta e guarda-pó, e dois lavradores fidalgos do Alto-Douro.

— V. Ex.as são servidas? — oferece um cavalheiro afavel, lustroso de saúde, sorriso e merendeiro abertos á competencia do grego e do troiano.

— Muito obrigada. Não tenho apetite — escusa-se, agradecida, Isabel Maria.

— Almoçámos antes de saír do Pôrto — reforça Livia, na defêsa contra a prestimosa insistencia.

— Pois é pena. Haviam de gostar. O presunto é de Lamêgo. O vinho... da minha lavra. E tambem levo pão de ló de Margaride.

A falaceira crepita. Estes condenam as esterilidades da politica. Aqueles abençoam os primôres da colheita.

De subito, afastada a cortina alterosa do pendôr de estibordo, a vista mergulha inesperadamente no rio Douro, de que andava afastada desde a longinqua saída do Porto — o Douro torcido e contorcido no estrangulamento de esponjosa garganta, a resfolegar no seu leito de penitenciario por entre serranias imponentes como catedrais.

— A Regoa. Que lindo isto é! — clama Livia, em alvoraçada resposta á advertencia de Isabel Maria. — E eu desconhecia isto! Estamos no Paraizo!

Isto, o Paraizo, é o imenso anfiteatro da Beira e Traz-os-Montes, as opulentas montanhas de duas provincias cortadas pelo Douro e enrugadas de socalcos, com as videiras rainhas, mães dos vinhos reais — nesta era, Outubro em meio, as folhagens

rubras e palidas, rôxas e vêrdes, — fazendo cromaticas cascatas que se precipitam sobre o rio. O rio, aqui desoprimido, não estrangulando, espreguiça-se na areia, róça-se com volupia nos flancos da serrania.

Da via larga do Douro transitam para a via estreita do Córgo — liliputiano comboio que das baixas da região duriense trepa aos cumes dos planaltos transmontanos.

E lá vão trepando, agora no confôrto do comboio miudinho, que sobe aos zig-zags no flanco da montanha, que sobe cada vez mais no fito de vêr de mais alto o atrevido do Córgo, a espreguiçar-se lá ao fundo na dobra dos despenhadeiros. E' tal qual a rôsca dum saca-rôlhas a via torcicolada — e são destroços esfarelados de rôlha montes e monticulos abandonados ás margens.

Surge Vila Real — de cabeça erguida á prôa de navio fantastico, ancorado entre dois rios, espreitando as vagas de schisto e granito que rolam de horizonte a horizonte — a do Marão ao poente, ao norte a do Mesio. O comboio sobe sempre. Já se insinua, cobra rastejando ao meio de taliscas de fraga, atravez de negros rochêdos. Depois dá de cara com o vale uberrimo de Vila Pouca — e larga a corrêr, e precipita-se nas courelas e alfôbres ressumantes de mocidade.

— Vila Pouca... — oh, ela lá está, ao rez da linha, na frescura e colorida de abada de frutas.

Dois crédos rezados, na descaída do vale, apare-

cem as Pedras Salgadas, a trasbordar do vistôso açafate de parques e arvorêdos.

Logo adiante o Reigaz — a mata legendaria dos terrores antigos. A cobra afadigada torce-se e destorce-se, faz e desfaz laçarotes, morde os trilhos e silva ás vertentes, alcançando por fim a clareira donde domina a veiga e os hoteis do Vidago.

— Loivos! Loivos! — grasna modorrento pregoeiro na gare, onde a serpe se detem, cançada e estonteada do redemoínho da descida em caracol.

— Pronto. Chegamos — diz Isabel Maria a apartar dos demais os volumes de mão.

Um carregador apressa-se a receber os volumes á plataforma da carruagem.

— Não está por aí ninguem do Casal de Roriz? — inquire, citando o carregador.

— Saiba vossa Senhoria que está aqui o Antonio Melro — afiança, adiantando-se á informação do carregador, certo homem corpulento, que vem de chapéu na dextra e sorriso na bôca.

— Ah, o Joaquim. Como passou? E a Maria? Como está a Maria?

O Joaquim Melro, o chapéu de feltro sempre em reverencia, a bôca sadia sempre a sorrir, os olhos leaes como candeias acêsas, dá as noticias que lhe pedem, emquanto o carregador dispõe malas e caixas no asfalto, as duas viajantes já apeadas.

— E a madrinha? — inquire, retardada a pergunta por mêdo, ao primeiro silencio do caseiro.

— Saiba vossa Senhoria... — resfolega o homem,

a face um crepe funebre, os olhos duas candeias apagadas: — Saiba vossa Senhoria··· que expediu hoje, à hora do almôço.

— Morreu?

Ele cóça a grenha hirsuta e baixa a cabeça conturbada.

As lagrimas rompem dos olhos amargurados de Isabel Maria. Livia acode-lhe com o remedio da palavra e do gesto. E daí a minutos, Livia à vanguarda montada em gerico lépido, de andilhas e côlcha de chita ramalhuda, Isabel Maria a seguir, em cavalo de sela, nedio palafrem adestrado no serviço das damas, no couce o macho com as bagagens a cargo de dois môços de lavoura, o Joaquim Melro á frente da comitiva de varapau ao ombro, chouteiam emudecidos na verêda estreita que os conduz ao Casal de Roriz.

A madrinha morrera — mas Isabel Maria traduz por indicio de perdão o cuidado do padrinho em mandar á estação servos e cavalgaduras.

Já cortaram o termo de Oura, o Vidago agora escondido pelo toutiço crêspo de pinheiros do Monte Meão. Já contornam o Monte Meão, o hospitaleiro vale de Loivos, entre rudes montanhas, a dar-lhes as boas vindas no agrado de hortas e forragens. E ao dobrarem o cotovelo do monte, que lhes cortava a vista do casal, e a de Vila Vêrde mais para cá, pois Loivos está patente no regaço da serra do lado opôsto, nas alturas o cotovio tira da avena a canção do sol pôsto — emquanto o fumo de aldeias e casais anuncia a hora da ceia bem merecida···

VII

Abafava na camara ardente. Precisa de ar.

Isto diz Isabel Maria, com endereço a Livia — ao entrar no quarto que sempre lhe pertencera nesta casa, a luz violacea do candieiro de petroleo a macerar-lhe a carne e a carregar-lhe as olheiras.

Livia, como ela palida e olheirenta, como ela vestida de negro, lamenta-se tambem da falta de ar.

— Depois as rezas em côro, junto da madrinha... causam-me calafrios...

— Mas teem grandeza e solenidade.

— Meu Deus! Dai-me forças! — suplíca, abertas de par em par as portas envidraçadas da sacada, o ar renovando o ambiente espêsso do interior e arrepiando a chama mortiça do candieiro.

Elas respiram na sofreguidão de criaturas entaipadas em subterraneo e saem á sacada para respirar melhor — sacada de velho granito, de atalaia ao pedregoso caminho vicinal e ás fecundas chãs de lavradio regadas pela ribeira d'Oura.

— Não sei o que tudo isto me parece. Sinto-me num mundo desconhecido — observa Livia, os olhos na escuridão do vale, coalhado de sombra e de misterio, os ouvidos no vozear do côro, a que a paz noturna amplia as dimensões.

— E o que direi eu? Sufocada de dôr... e sem poder chorar! Nem á vista do cadaver da madrinha... Está tão bonita, não está?

— Está linda. Um marmore vestido de preto.

— E vês? Vês o padrinho? Estamos aqui ha cinco horas. Foi receber-nos ao cimo da escada por ti, claro. A mim... quasi não me dava a mão. E para lá está, na sala da biblioteca, com os amigos, sem mais dar sinal de si.

— Amanhã... Depois do enterro. E' verdade. Eu gostava de acompanhar a tua madrinha ao cemiterio. Queria seguir estas ceremonias até ao fim. E prestava-lhe essa derradeira homenagem.

— Pois sim. Vai ao cemiterio. Até me fazes favor. Eu... não posso ir. Não é dos costumes nestes logares. Vais tu... por ti, e por mim.

— Mas deixo-te só...

— Não. Fico com a Gracinda, a velha serva que já foi serva de minha mãe, e que me trata como neta. Tu tens visto. E esta sem querer saber se sou ou não divorciada. — E depois de curta pausa. — A divorciada! A leprosa do Senhor! Viste a prima Julia? Quando lhe disse, ha momentos, que estava pronta a auxilia-la no governo da casa... dificílimo num dia dêstes, mal me respondeu. E êle, que era sempre

tão meu amigo, nem para mim ergueu os olhos.

— Isabel Maria! Desculpa... Repara... O que será aquilo?

— Aquilo... o quê?

Lívia põe o dedo indicador de ponteiro á esquerda, revelando a distancia certos pontos luminosos na escuridão do vale, além, a agitarem-se, a moverem-se, estrelas errantes na cerrada e impassivel estagnação da treva—treva que nem as estrelas errantes, nem as janelas alumiadas de casais dispersos, nem a pardacenta mancha dos povoados fundeiros conseguem diluir.

— Ah. Já vejo. Aquelas luzinhas... tremeluzindo ao longo do caminho. São candeias acêsas. E' gente das aldeias proximas que vem velar a morta. Faz sempre assim: como a noite está escura e calma... alumia-se á luz de candeias.

— E' curioso!

— Não viste, na varanda do patio, a fila delas suspensa duma corda? Ah, não reparaste. São as candeias dos que vieram primeiro e que outros veem agora rendêr...

Emudecem, os sentidos na marcha vagarosa dos pirilampos voadores que se aproximam do casal crescendo de volume.

A larga veiga, murada de montanhas, mar môrto de tinta de Nankim, dorme a sono sôlto. Dois robles corpulentos, ao flanco norte do palacête, dormem tambem e nem sequer ressonam. Do lado oposto, solitario na escuridão, perfila-se o vulto esguio dum ci-

preste. E arvore aqui, arvore acolá, as mais recuadas tomando incertas formas de fantasmas a afogarem-se na sombra, não se lhes surpreende bocêjo de ramo, nem ai de folha morta ao caír na vala comum. Daí a impressão de que a austeridade das montanhas, formidaveis esfinges no deserto da noite, negras na base, plumbeas a meia encosta, os cêrros debruados de estrêlas, sob o vago esplendôr dos santos na penumbra dos altares, impõe ás coisas da planura êsta uniforme e funda mudez — donde sobem, mais nitidas, mais penetradas de melancolia, as vozes do contôrno, o trinado estridente do ralo, o plangente chocalho do sapo, o ladrar longinquo do cão de guarda, o uivar proximo do cão dos caseiros, o balar da ovelha no estabulo visinho, o *ram-ram* liturgico do côro na camara mortuaria.

— Que silencio! — respira Livia. — Quasi nos sufoca.

— A mim, em noites que não sejam de dôr, como êsta, enche-me de paz.

— Como me saberiam bem dez, vinte dias nêste silencio reparador!.. Claro... sem isto, sem o eco da morte nos ouvidos.

— A morte, neste scenario, com estas rezas, sente-se muito mais do que na cidade.

— Já tomei ar. Volto lá p'ra dentro. Podem reparar. Queres vir?

Isabel Maria hesita na resposta, de subito transida á invocação dos olhares repulsivos ou cominatorios das senhoras agrupadas junto da finada. Mas logo

reage contra si propria, saindo da sacada, seguindo a amiga, afirmando e aconselhando:

— Tens razão. Devo ir para a sala. Agora tu não vais. Vais-te deitar. Deves estar fatigadissima.

— Pelo amor de Deus! Nem fales nisso. Vou comtigo. E... com franqueza, não sou medrosa, mas não ficaria só no quarto.

Atravessam o amplo quarto, com dois leitos de docel e comodas de vinhatico, as quatro faces do tecto de castanho a tocarem-se quasi á altura do telhado.

Metem ao extenso corredôr, vagamente alumiado por candieiro de petroleo suspenso da parede, abundantemente acolitado de portas de comunicação de quartos e salas.

Cruzam com vultos trajados de luto, embiocados de negro. O rumôr das rezas cresce na medida dos passos adiantados.

A Gracinda surge dum dêsses quartos, ao senti-las no corredôr — o lenço preto na cabeça, o chale preto nos ombros, na mão o candieiro metalico de três bicos.

E dolorida, o busto dobrado, a face angulosa:

— A minha menina ainda a pé! E esta senhora, que veiu de tão longe! Porque não se vão deitar? A minha senhora... tem lá muito quem a ajude a subir p'ró céo.

— Não, Gracinda. Queremos estar mais algum tempo com a madrinha. E o padrinho?

— O senhor doutor... está lá p'rá sala dos estudos. Com os graúdos do Vidago, e de Loivos, e de Oura. Os outros falam. Êle ouve. Cô' aquele ar

de... de mata mouros, tratava a minha senhora... que nem corpo de rei. Queria-lhe mais... do qu'ás meninas dos olhos...

Elas dobram a porta ao fundo do corredôr, entram na sala de espera, fumacenta e lugubre, transformada em camara mortuaria. O tecto em masseira é céo turvo de nuvens. As paredes panejadas são estendedoiro negro de crepes. E a eça, ao centro, com chagado Cristo de marfim á cabeceira, com tochas de velas de cêra a toda a volta, lembra arca tumular na penumbra duma cripta — a morta, exposta no caixão aberto, a face exangue voltada a Deus, as mãos cruzadas sobre o seio, como estatua jacente de si mesma.

Das paredes, convergindo para o ataúde, em ondas concentricas, avançam sucessivas linhas irregulares de cadeiras, em que tomam assento os grados e os meúdos do concêlho e concêlhos adjacentes — o mulherio humilde das redondezas acocorado no chão. E todos, pequenos e grandes, na gravidade de ritual, no sussurro de levada, um a dar o mote, os demais a glozarem-no em côro, rezam agora a ladaínha Lauretana:

— Deus Pai celestial, tende misericordia de nós! — recita um homem calvo e gôrdo.

— Deus Pai celestial, tende misericordia de nós! — responde o côro.

— Deus Filho, Redentor do mundo, tende misericordia de nós...

A chama das velas palpita de quando em quando, de quando em quando soluça e espirra — o que pa-

rece acordar o cadaver no leito negro, debruado de lhama de oiro, sacudindo-lhe as palpebras, agitando-lhe os labios.

Isabel Maria, encostada ao braço da amiga, uns momentos quieta á entrada da sala, pede licença para avançar, caminha com dificuldade para o ataúde — e junto dêle cai de joelhos, e chora por fim, a face convulsa entre as mãos.

A ladainha rezada, logo o homem gôrdo folheia o seu livro de horas, o dedo indicador no movimento alternado de se banhar nos mananciais da lingua e de voltar a fôlha percorrida. E retomando a via da oração, anuncia chorôso, plangentemente recomeça:

— Novena das almas do Purgatorio. O' Senhor, meu Jesus-Cristo, eu vos adoro suspendido nêssa cruz, suportando a corôa de espinhos em vossa sacrossanta cabeça; eu vos rogo que êssa nobilissima cruz seja o escudo que nos livre dos ministros da vossa justiça. Amen. Padre Nosso...

O côro zumbe o Padre-Nosso, vozes graves e vozes agudas casadas e confundidas na urdidura espessa da melopeia.

A novena continua. O guia dos peregrinos a favor das almas penadas dirige-se de novo ao Senhor, na cruz erguido, nêste lance a contas com o fel e o vinagre dos pecados humanos.

Veem-se muitas mãos postas em suplica. São muitas as cabeças alteadas em extase. Mas a par dêstas e daquelas descortinam-se mãos que pendem, amortecidas, descobrem-se cabeças que vergam, sonolentas.

*

— Vá, menina, venha. Venha p'ró seu quarto...

— Não, Gracinda. Deixa-me estar aqui uns minutos mais. Estou aqui melhor. Lá dentro abafo, — alega Isabel Maria, lavada em lagrimas, encostada ao parapeito da varanda sobranceira ao patio interior, depois de acompanhar ao portão nobre o cadaver da madrinha, agora a caminho do cemiterio de Loivos, o caixão transportado a pulso por seis serviçais da casa, entre muitos padres das freguezias do concêlho, entre muitas gentes das terras circumvisinhas.

— Olhe que Deus Nosso Senhor bem sabe o que me vai cá por dentro. A minha secura é como que um nó no pescoço. Sempre perdi a minha segunda mãe.. que a madrinha da menina era a mãe de quantos pobres ha no mundo. Mas faço por engulir o chôro, p'ra não afligir ninguem...

— Deixa-me chorar, Gracinda. E Deus seja louvado, que já choro. Ontem... cuidei morrer afogada, emquanto não pude chorar.

Senhora e serva irmanam-se na dôr e na saudade, a serva fazendo o processo sumario das virtudes da defunta, a senhora carpindo a magoa de ter perdido tão grande amiga.

No vasto quinteiro, com muros espessos de fortaleza e largo portão de carro, os cavalos e jumentos vindos de longe ás condolencias do mortório, ao sol uns, outros á sombra, saboreiam pachorrentamente as rações de palha e feno; no previdente receio do couce fatal os porcos grunhem nas lojas, privados

da liberdade dos dias ordinarios, em comunhão com perús, galinhas e patos; e na ampla varanda, com o seu alpendre de telha mourisca, onde as pombas namoram, com o seu peitoril de balaustres de madeira, adornado a pingentes de cebôla, incessantemente passam homens e mulheres na labuta do jantar que os usos e costumes mandam servir a clerigos e leigos no regresso das exequias.

A's primeiras badaladas dos sinos da matriz, cujo dobre a finados enche todo o vale, Isabel Maria estremece, como a aviso inesperado. E a uma idea subita enxuga os olhos turvos, muda o rumo á conversa, ordena á Gracinda:

— Ouve. Vai vêr se o padrinho está só.

— Está só, está menina. Quiz ficar só... bem de certo p'ra desafogar.

Sem mais palavra ou cuidado, Isabel Maria mete direita á biblioteca. Tem de pôr de lado mêdos e tibiezas. Vai fazer-lhe companhia na primeira hora da soledade. A prima Julia não pode atende-lo, toda enredada nos preparativos do repasto funebre. Os amigos saíram atraz daquela que não mais voltará ao solar. É o momento melhor para se encontrar a sós com êle — dispondo-o assim para a conferencia do dia seguinte.

Bate de leve á porta cerrada. Ele, de dentro, indaga de quem é.

— Sou eu, padrinho... — responde, reprimindo os nervos.

— Abra.

Na meia luz do interior, as janelas semi-cerradas, mal enxerga o solitario. Baixo, solido arcabouço, calva luzidia, bigodes brancos, face enevoada, sobrecasaca negra, o anojado perfila-se ao topo da sala, á ilharga do *bufette* carregado de livros, entre estantes lustrosas de lombadas.

— O padrinho dá licença? Como está tão só...

O doutor Leonardo olha-a a fito, mais rigido e mais calado do que vulto bronzeo de tirano na penumbra de museu.

Isabel Maria desfalece, decisão e palavra amarfanhadas sob o pêso que rola da alta e rude montanha. Arrepende-se de ter cedido ao impulso de carinho. Argüe-se da ingenuidade de ter vindo de Lisboa na esperança de perdão.

Na soturna espectativa aviva-se o amortecido vozeirar dos sinos na distancia.

— Dlom! Dlom-dlom! — dobra o sino grande, no seu compassado clamôr de pranto.

Chorando com êle, os pequenos, mais faceis no dobrar, mais repetidos no clamar, respondem, soluçam:

— Dlam-dlam! Dlam-dlam!

— Dlem-dlem! Dlem-dlem!

São vozes que reboam, aflictivas e graves, carpindo os mortos na hora de trespasse, lembrando aos vivos a hora da justiça.

— Padrinho... — arrisca, adiantando dois passos, a vontade a impôr-se ao mêdo: — Porque me recebe... assim? Eu não sou uma criminosa! Eu não fiz mal a ninguem!

— Não fez mal a ninguem ? ! — interpela a montanha, a voz mais cheia do que a das torrentes no inverno : — Não fez mal... nem sequer aos seus filhos ? Já não falo nos outros... na madrinha, que levou a vergonha atravessada no coração ! Nem em mim, que já não sou ninguem, pois que a recebo nêsta casa.

Ela alteia a cabeça na sanha da desafronta. Mas curva-a sem demora na passividade do abatimento. Não, êste dia não se compadece com recriminações e desavenças — diz, o lenço nos olhos, a magoa na fala. O padrinho julga a com aquela severidade toda, porque não sabe toda a verdade...

— Não sei o quê ? — arremete, abeirando-se da argüida e realçando o libelo de acusador. — Sei o bastante para a julgar com inteireza. O resto... não conta no fôro da minha justiça. Sei... que não cumpriu nunca certos deveres de esposa. Sei... que ignorou sempre as suas obrigações de mãe. O que foi a sua vida de casada ? A frivolidade e o luxo ! O que era a sua vida de mãe ? O desleixo e a inconsciencia !

Pronunciada a sentença, que a paciente suporta sem protesto ou queixume, volta-lhe bruscamente as costas e continua o passeio interrompido.

E passeando, e responsando, parece ter lançado á margem a condemnada. Reata outra vez, porem, o solo da marcha e dos considerandos, dêsta vez na necessidade de pôr em oitava alta os juizos concertados em surdina.

— Fez algum dia — interpela, cominatorio — o que lhe aconselharam para mudar o marido, eleito contra a vontade da familia ? Nem um só dia, nem uma hora só. Antes ao contrario. Quando êle praticou o primeiro desatino de casado, longe de o chamar á ordem... a senhora deitou-se a chorar. Atraz do primeiro, vem o segundo. Depois o terceiro. Sua mãe alarma-se e pede-lhe que reaja. Eu, então em Lisbôa, vejo o perigo e prescrevo-lhe o remedio. A senhora nem obedece á mãe, nem ouve o padrinho. A senhora continua a chorar. Não tenta sequer atraí-lo ao bem pelos encantos da casa. Nada disso. E á quarta ou quinta loucura... a senhora volta-lhe o rosto, e a um mal responde com outro mal. Ele vai para o jôgo e as amantes. A senhora vai para festas e diversões. E os dois, por esta forma, em vez de construirem um lar, montam um manicomio...

E mais suave, a austeridade a aquecer-se ao bafo da emoção :

— Mas nasce a Clarinha. E eu disse para comigo. Ainda bem. Estão salvos. A Clarinha... vai ser o anjo da guarda dêsta gente. Enganei-me. O pai, contraíra habitos a que não quer renunciar. A mãe, cativa de mil frivolidades... até o leite nega á filha.

Isabel Maria, de pé, cabeça rendida, olhos contrictos, confirma as argüidas culpas num chôro abafado.

— E quantas vezes lhe pedi que mudasse de rumo ? — avança, o agro da severidade vencendo o tempêro da comoção : — Era caturra, era antigo. O que eu

era... era vidente. Eu via claro. A senhora lidava no escuro. Disse-lho dezenas de vezes: a mulher é a mestra do homem. O que êle não aprendeu no berço, só ela pode ensinar-lho no lar. Não quiz ouvir-me. Aí tem a sua obra...

Retoma o passeio, hieratico e mudo. Os sinos dobram ainda, mais pungitivos, mais soluçantes.

— Padrinho... — solfeja, incerta. — Ouça-me, por misericordia. O padrinho tem razão. Mas eu preciso que me escute. Hoje não. Nem eu posso falar, nem o padrinho ouvir-me. Amanhã. Preciso que me dê ámanhã uns minutos de atenção. Para lhe contar coisas que não conhece bem. Para lhe mostrar... que não sou tão má como lhe pareço. Para lhe suplicar que... que me perdôe, que me dê a mão...

— Han? Dar-lhe a mão, eu? — replica, de novo quedo, hirto de novo, na toada do *Dies Irae*. — Se queria a minha mão, ouvisse-me a tempo! Agora... é tarde! Eu não dou a mão a divorciadas! Eu não dou a mão a mulheres... que se afastaram de Deus para se aproximar do diabo!

Ela, até ali abatida como ramo decepado, endireita-se no aprumo do ramo que apenas vergou e logo retoma a posição natural. E a magoa a extravasar-lhe do coração, e o ressentimento a crispar-lhe o desagravo:

— Socegue, padrinho. Não o envergonharei mais. Bati-lhe á porta... na suposição de que nêsta casa estavam em vigôr, como dantes, as maximas de Cristo... que mandam perdoar até ás mulheres perdi-

das. Enganei-me. Vou-me embora ámanhã. E não vou hoje, para não o envergonhar por mais tempo, por já não ter comboio.

Isabel Maria lavra o seu protesto e sai com dignidade.

Daí a nada a Gracinda escancara a porta sem licença, anuncia em sacolejos de rebate:

— Senhor doutor! A nossa menina! Caiu no quarto, como morta!

— Morta? Ainda bem! E' de menos uma infeliz.

— Oh meu Deus, Nosso Senhor! — geme a serva trespassada de angustia: — Se aquela pobresinha tornasse a êste mundo, isto lhe bondava p'ra morrer outra vez, dêsta feita de desgôsto!

— Sai! — ordena o patrão, inteiriço, não quebrado.

Vendo saír a criada esbaforida, êle interroga-se á puridade. E antes que o decreto da consciencia revogue o quesito da compaixão, decide saír tambem.

No corredôr formiga o pessoal da casa e o de emprestimo, da cosinha para a sala de jantar, da sala de jantar para a cosinha, no transporte de louças e sobremêsas. A cosinha exala o odôr das viandas ao lume e o rumôr dos servos em azafama: — os servos alimentando o fôgo na lareira e no fôrno, para que o fogo adopte por legitimo o alimento das dezenas de bôcas esfomeadas pela caminhada ao cemiterio, e pelo cantochão das exequias, e pelas rezas do preceito — leitões de espeto, cabritos de cabidéla, perús recheados.

O doutor Leonardo, numa quasi rigidez agressiva, entra no quarto, onde o sol e o ar aceitam a hospitalidade das janelas abertas. Gracinda, auxiliada pela môça e forte Joaquina, tem já a sua menina estendida no leito, inerte e livida — a Joaquina borrifa-lhe o rôsto d'agua e queixa-se da sua sorte, a Gracinda fricciona-lhe as temporas e invoca o socôrro de Nossa Senhora.

Toma-lhe o pulso com indiferença. Sente-lhe o frouxo palpitar das arterias. Ah, está viva! — observa, para comsigo, outra vez a impassibilidade em luta com a comoção.

— Gracinda. Vais ao quarto das arrecadações. Abres o armario pequeno. E trazes o frasco de sais. Aquele que a... que a senhora usava contra as enchaquecas. Ouve, Joaquina. E tu dize ao Antonio que aparelhe a egua e vá já ao Vidago em busca do dr. Fialho. Já!

As serviçais metem submissas ao trilho da obrigação.

Ele dobra-se sobre a afilhada. Apalpa-lhe a testa fria, na perturbação do temôr. Põe-lhe o ouvido colado á bôca, na sofreguidão da ansiedade.

— A Gracinda! Que demora!

E os seus olhos ainda ha pouco agressivos, e a sua face ainda segundos antes impassivel, são agora pousada da dôr que se confessa e da ternura que se expõe.

— Isabel Maria! Isabel Maria! — cicia, tão baixo que mal se ouve, curvado para ela, a procurar-lhe na

face e no seio os sinais de vida, outro Pedro, na ponte do Cedron, de rastos no rebusco do sangue do Mestre, cujo amargo destino ignora.

E porque a criada não vem, e porque ela começa a aquecer, êle põe-se direito, ao lado da cama, a considera-la de frente. E' curioso! Nunca tinha reparado na coincidencia! Isabel Maria tem certos traços fisionomicos, o nariz, o jôgo das sobrancelhas, a curva do labio superior... até o ar de mulher de casa... da sua Matilde, nada havendo entre elas por comunidade de sangue! E até a mesma linha de perfil! E' tão notoria a semelhança... que por um momento, os olhos baços, as fontes latejantes, lhe parece ela, nos dias remotos da graça e da saude, a dormir, deitada no seu leito...

Ah, mas aqueles sinos!

— Dlom! Dlom-dlom! — soluçam ao longe, nos ultimos dobres, vaga de som rolando no mar extatico do vale, batendo a costa abrupta das montanhas.

Isabel Maria estremece e boceja. Ele curva-se de novo, como para perguntar se está melhor. Mas dos olhos cai-lhe uma lagrima, que se derrama na testa da rediviva. E limpando-lhe a testa, e redobrando de rigidez, e ausentando-se do quarto, Isabel Maria de facto a despertar do desmaio, a Gracinda de retôrno com os sais, ordena, taciturno:

— Dá-lhe o frasco a cheirar. E o dr. Fialho, quando vier, que veja o que é preciso fazer-se...

Livia, sentada á borda do leito, fala de manso.

Da sala de jantar vem o rumôr do ágape em mercê da morta. E das falas brandas de Livia desprende-se, limpida, a piedade pela desolação da amiga e o respeito pela intransigencia do padrinho.

Ele não a odeia, como ela supõe. A sua dureza não é odio, é amor — pois só nos ofende os sentimentos quem nos anda no coração. Homem de austeras convicções, aferrado á tradição da familia, — apavora-se diante do divorcio — que ha-de corroê-la e destrui-la, corroendo e destruindo a sociedade. E insurge-se, e encolerisa-se contra a ideia de que tambem o seu sangue colabora nêsse duplo trabalho de sapa. Sim. E' esta a sua preocupação maxima. E como sobrepõe aos interesses de cada um de nós, os interesses de nós todos, não olha aos desatinos de Baltazar, não ouve os agravos da sobrinha.

E noutro tom, Isabel Maria emudecida e concentrada:

— Vá, sossega. A'manhã hei-de falar-lhe. — Mas os olhos tristes animam-se-lhe de subita curiosidade. Lá fóra passa a musica rustica de guizos e chocalhos de rebanho na recolha aos redís. Ela levanta-se, propõe: — Queres vêr? E' um rebanho. Vem á janela. Sinto-me bucolica nêste meio. Como a veiga é linda! E que santa êsta gente!

Abeira se sósinha da sacada. O rebanho vem perto, numa nuvem de poeira — o cão de guarda á frente, a fazer de cornêta, lanzudo e pesado; o pastor, a seguir, em ar de comandante, de varapau ao ombro; e atraz dêles desdobra-se o batalhão pacifico de ove-

lhas e carneiros, cabeças baixas e corpos em cardume.

O sol já se deitou do lado de lá do Monte-Meão.

Ha ainda no ar a vaga claridade, meio luz, meio penumbra, dos olhos turvos de sono. O céo é abobada palatina de bôca em bocejo, dum lado e outro as gengivas laivadas de sangue — onde avultam os dentes negros das serranias. As serras, em volta, a da Padrela dando de beber a Loivos, mais á direita a do Reigás vestida do luto dos pinheirais, á esquerda a de S.ta Barbara, esta com o seio de fóra oferecendo a terra e céus o coagulo de leite de alva capelinha cimeira, como que se persignam, amodorradas, prontas a bem dormir a sua noite.

O vale, amplo esmalte vêrde, povoado de arvores estáticas, cortado pelos muros divisorios dos bens de ricos e pobres, exala um halito espesso, quasi nevoa, quasi sombra, que sobe e se estende no espaço. A ribeira de Oura lá segue o seu giro, mimosa de alfôbres, provida de pomares — os choupos das margens de guarda aos passos da inocente.

E no silencio universal, em que a toada dos guizos e chocalhos tem o som melancolico de gôtas de agua numa cisterna, em que as vesperas da cotovia derramam nas alturas dorídos trinados de despedida, o rumôr do funebre banquete, chega ao ouvido de Livia, e assume a expressão simbolica da vida a triunfar da morte.

XIX

— Foi sempre assim. A Isabel Maria não podia estranhar. O meu irmão é dos melhores corações dêste mundo. Mas fanatico diante dos seus principios — acentúa D. Catarina, queixosa dos bronquios e cativa do reumatismo.

— Não houve nada que o movesse — oberva Livia, tristemente. — O que eu lhe disse! O que eu lhe pedi! Respondeu-me, entre outras coisas: «O divorcio é um duplo crime. Contra Deus, por êle ofendido, contra a sociedade, por êle anarquisada. Procurar o bem no divorcio seria o mesmo que valêr a uma sangria abrindo mais as veias. Não. Não perdôo aos meus o que condeno nos demais». Era isto. Mais ou menos. E indignadissimo por Izabel Maria lhe aparecer de cabelo cortado... como as mundanas. Bem vê. O doutor Leonardo, vivendo na provincia, isolado no solar, não compreende certas modas.

— Quanto ao divorcio... a Isabel Maria havia de ficar eternamente amarrada a êsse monstro?

— Minha mãe. Fala mais baixo. Estão ali os pequenos. Não quero que ouçam falar mal do pai.

— Ela não fala mal do pai — contrapõe D. Catarina, em oitava baixa. Dizer a verdade, não é dizer mal. De resto, hão-de ser os proprios filhos a condenar o perverso, logo que alcancem o dom de discernir o bom do mau — acrescenta, os olhos fitos nos netos, que vieram com a Mademoiselle de casa dos avós paternos para assistir ao regresso da mãe, e que estão sentados ao fundo da sala, Clarinha a ler alto a *Historia do Macaco Malcriado*, Rui na fixa atenção do devoto á doutrina do catequista.

Isabel Maria, porém, que chegára na vespera, mais morta do que viva, assiste á conversa num meio alheamento de estranha. Já fizera á mãe o relatorio da sua viagem. E agora, emquanto Livia, que tinha ficado em casa dos seus, em Lisbôa, e nêsse dia viera ao Monte Estoril cumprimentar D. Catarina e recordar o que se passára, rememora impressões da região e comenta a intransigencia de Leonardo, ela debate-se na apertada rêde da crise moral que a ida a Trás-os-Montes lhe armára no fundo da consciencia. O padrinho não lhe surge, ao relembra-lo, na sinistra figura do carrasco na execução de sentença. O padrinho, hirto e inflexivel, apresenta-se-lhe á imaginação no cargo de pastor enfrentando o lôbo pertinaz. Simplesmente — o pastor fôra tardio na providencia. Porque a ovelha tresmalhada já não póde fugir á fatalidade do destino.

Porisso, como D. Catarina reedite os seus artigos

de culpa contra a intransigencia do irmão, Isabel Maria vem á barra, contesta:

— Já disse isto á Livia. Digo-to agora a ti, minha mãe. O padrinho, em parte, tem razão.

A enfermiça senhora olha-a assombrada.

— Não quere isto dizer... que eu torne atraz, e desista do divorcio. Era tarde, por mim, que já avancei demais, e por êle, que contraíu habitos nêsta altura incorrigiveis. Mas é certo. Pensando serenamente na minha vida, reconheço que não procedi bem nos primeiros tempos de casada. Não procurei contrariar as loucuras do... Baltazar. Se em vez de chorar, quando o vi praticar os desatinos que não tivera em solteiro, tento desvia-lo do mau rumo, fazendo por lhe despertar os bons sentimentos, talvez se evitasse o que se deu. E' o que diz o padrinho. e em parte tem razão. Pelo menos, se o não modificasse, eu ficava com todos os direitos pelo meu lado. Mas não. Confesso. Deixei-o á vontade, entregue a todos os ruins impulsos. Eu, por mim, entreguei-me demasiado á vida da sociedade...

— Ai filha, desculpa! concordo que te entregaste demais á vida da sociedade. Muitas vezes te censurei. Principalmente por causa dos pequenos... prejudicados com as tuas continuas ausencias de casa.

— Estou a paga-lo. Os pequenos... são o meu castigo.

— Agora que tu, — continua a mãe, pessimista — modificavas aquilo, fizesses o que dizes, não acredito.

E' homem que não ouve ninguem, que não faz senão a sua vontade...

— O pai é um santo. O primo não é mau rapaz... — insiste Isabel Maria, na defesa da sua causa.

— E a mãe? Sim, a mãe! Porque sempre ouvi dizer, e tu ouviste-o como eu, que foi a mãe, com os seus gastos, os seus desperdicios, que deitou abaixo a grande casa dos Lucenas...

Livia intervem na incruenta peleja. Quem sabe? pergunta, duvidosa. Talvez a acção salutar de Isabel Maria tivesse realisado milagres. Conhece varios casos que lhe abonam a hipotese. Homens gafados de todas as lepras do vicio... sãos e salvos por obra e graça das suas mulheres. O marido da Sediélos, por exemplo, a filha dos condes de Sediélos. Um estroina furioso, gastava tudo, tinha amantes, embriagava-se. E fôra a mulher, sem um movimento aspero, docemente, que transformara o lôbo em cordeiro. A Elisa Moreira, filha do general Moreira, casara com o maior estoira vêrgas da sua geração — o Santa Barbara, apelido que no caso parece uma legenda simbolica. O dinheiro só lhe servia para o mal — pois não o utilisava senão em actos vergonhosos. A Elisa empreendeu a santa cruzada de o libertar do jugo dos infieis — e aos poucos, hoje censurando, perdoando ámanhã, fez dêle o melhor dos maridos.

— Pois sim. Mas a Isabel Maria não fazia nada do marido déla com aquela sogra ao lado — objecta D. Catarina, irreductivel. — A dar-lhe os *amens* em

tudo, até nas maiores loucuras. Sempre contra a nora... até porque êle a insultou.

— Ora daí é que veiu toda a minha infelicidade — comenta Isabel Maria. — Casamento... apartamento, diz-se lá no norte. E é assim. Se eu caso com o Baltazar... e o aparto da mãe, indo para a nossa casa, só nossa e dos nossos filhos, as coisas tinham corrido de outra forma. Ai! Se os arrependidos se salvassem!

D. Catarina, que não crê em milagres a favor de relapsos, que não esquece torpezas da autoria do valdevinos, pergunta, inquieta:

— Já tornaste a vêr se está o advogado?

— Não, minha mãe. Se me disseram que só está às cinco...

— E são? — inquire Livia, o relogio chamado a contas. — Ai, quatro e um quarto! E tenho de ir á festa dos Pessôas.

— Não te esqueças, filha. Precisas não descançar sobre o caso da interdição.

— Não duvides, minha mãe. Apanhada de surpreza... era possivel que me fizessem internar no manicomio. Mas agora, com o dr. Salgado a fazer vêr a monstruosidade, com os nossos amigos a pedir por mim... porque eu vou dirigir-me pessoalmente aos velhos amígos do meu pai, não ha juiz capaz de consentir nêsse crime! E êle sabe-o. E se continua com a acção... é porque ainda acha pequeno o martirio...

— Oxalá tenhas razão... O que nunca deves es-

quecer... é que êle joga com o teu dinheiro e com as facilidades de certos politicos...

— Perdoem-me — diz Livia, de pé, pronta a saír. — Estava aqui muito bem, como sempre. Mas tenho de ir á festa dos Pessôas, á abertura das festas da estação.

— Estive lá comtigo no ano passado. Recitei até o sonêto á *Virgem*, do Antero... — lembra Isabel Maria, mais dorída do que saudosa. — Apresenta cumprimentos meus á D. Palmira. E ao marido. Ao filho... dá-lhe parabens por mim.

— Faz anos? — pergunta D. Catarina.

— Sim. São os anos do rapaz. E estou comprometida a recitar. Fiz essa solene promessa á D. Palmira, na ultima festa, em que não pude dizer nada. Sabes? — continua, agora vizando Isabel Maria. — Ainda tentei, ontem á noite, enquadrar em três ou quatro sonêtos as minhas impressões de viagem. Seriam êles os versos desta tarde. Não pude escrever coisa de geito. A fadiga, o sono, além disso as impressões ainda baralhadas, as impressões turvando as ideas, não me deixaram escrever duas quadras aproveitaveis. Fica para quando assentar toda essa poeira luminosa... porque vejo luzir na minha retina até as impressões tristes.

— Faze êsses versos. Podem dar-te uma excelente serie de sonêtos. A viagem no comboio. O trajecto a cavalo. O aspecto do solar. O enterro da madrinha...

— Tudo isso. Mas tenho de esperar... Agora tudo

isso está em noite escura... tenho de esperar que o dia amanheça.

Clarinha, com o livro na mão, e Rui a seu lado, ambos de pé e junto dos grandes, no momento em que Livia se despede das amigas, interroga, curiosa, intencional:

— E' na casa dêssa senhora... que a sr.ª D. Livia se encontra ás vezes com o paisinho?

— E'.

— Então, se lá estiver...

Hesita na revelação da incumbencia, os olhos fitos na mãe.

— O que queres que eu faça, se êle lá estiver?

— Quero que lhe diga que me viu... e que lhe mando muitos beijos, e ao vô-vó, e á vó-vó, e á Mademoiselle...

— Pronto. Não me esqueço. Adeus.

— E eu quero ir com a Livia! Quero ir ao vô-vô!

Isto proclama-o Rui, chorôso e imperativo.

— Não. O menino fica com a sua mãesinha — diz Livia, beijando-o, saindo, no receio de perder o comboio.

— Perdõa não te acompanhar lá abaixo, mas preciso domina reste menino — diz Isabel Maria á amiga, na saída.

— Quero ir! Quero ir! — grita o pequeno, correndo atraz de Livia.

— Rui! Para aqui! — ordena a mãe, num brado em que a dôr e a íra se empenham no mesmo fito. E porque êle não obedece, ela vai-lhe no encalço,

fila-o pelos braços, pede perdão á amiga, que lhe recomenda serenidade e paciencia, e volta com o filho á sala.

O pequeno bate os pés no soalho, num clamôr perricento e voluntariôso.

A avó chama-lhe feio por chorar assim.

— Pois não volta ao avô durante quinze dias! — declara Isabel Maria, a magoa a emergir á tona da severidade. — E se continua com perrice, fecho-o no seu quarto! Não sai de lá durante oito dias!

— Mãesinha. Não feches o Rui. O Rui não faz mais perrice — intervem Clarinha, conciliatoria.

Rui não cede, nem teme. Continua a bater no soalho a marcha do desespero, o pranto esganiçado e sacudido, os punhos cerrados nos olhos.

— Pois vou para o meu quarto! Não quero estar ao pé de ti! — clama, em vindicta.

Isabel Maria encara-o, a fisionomia inundada de magoa. Mas, em vez de lhe aplicar o castigo merecido, longe de o encarcerar ou de o molestar, prende-o nos braços, senta-o no colo, bebendo-lhe as lagrimas nos olhos, sorvendo-lhe os soluços na bôca, no intento amorôso de o conquistar, na ansia maternal de o reavêr — ela que o teve nas entranhas quere mete-lo agora no coração.

D. Catarina, com a Clarinha encostada a si, a mão afavel a semear-lhe a cabeça de caricias, resmunga, comenta:

— Sempre a mesma fraqueza! E' isto... depois queixa-se...

Na estação do Estoril entra no comboio uma dama alta e forte, tipo classico de Diana vestida pelos figurinos do Patou.

Ha um fremer de curiosidades, tal o das folhas do arvorêdo se o vento as afaga e beija, quando a deusa moderna, á busca de altar, pisa a coxia da carruagem. Acomoda-se regiamente na bancada dianteira áquela em que Livia segue no rumo de Lisboa.

Tem a péle clara de Céres, tem o pêlo negro de Juno — o pêlo cortado á *garçon*, a nuca rapada á navalha, a graixa do escanhoado a ferretear-lhe a epiderme. E é pena, que a linha, embora não obedeça ao modelado legal do decreto em vigôr, só pele e ôsso, aprimora-se no corte de natural elegancia.

Oh! Que horror! — emenda Livia, para comsigo, vendo-lhe levar a mão á nuca, e no dêdo o oiro farto e o bojudo diamante de anel de feira franca. — Nova rica!

Mas no comboio, que mal se ausentara da estação do Estoril, logo se detem a favor dos passageiros de S. João, entra agora o vulto herculeo dum sujeito rude de gesto e altivo de porte.

Fita os passageiros da vasta carruagem, toda em bancadas mimosas ao tacto, mercê de estôfos e molas — fita-os um por um, como se contasse rezes consignadas ao magarefe.

— Olha! A nossa poetisa! — apregôa, palavra, riso e andar disparados directamente a Livia.

Livia, a dos olhos miopes, as palpebras superiores descaídas ao geito de velarios no resguardo do sol e do calôr — tal qual a dos antilopes nados e criados na ardencia das regiões tropicais — sorri tambem ao familiar vocativo. E dando-lhe a mão para o cumprimento.

— Ora viva o nosso José Albino. Donde vem você? De casa dos Melos?

— Não senhor. De casa··· dum pária, dum primo funileiro! — acentúa, sentado já á beira dela, o comboio já em marcha, batendo as palavras com o estridor do martelo a folha do oficio. — Eu sou plebeu, como você sabe. Meu pai··· com muita honra··· era porteiro de S. Bento. Porisso, prefiro aos Melos os *Ninguens*, se os *Ninguens* precisam de mim. E o meu funileiro está na cama, escaldado pela febre! — Reforça o vozeirão oratorio, brada alto, acenando a certa cabeça que se voltara a absorver-lhe o verbo petroleiro: — Adeus, ó conde!

— E' interessante — insinúa Livia, no intuito de lhe baixar a temperatura declamatoria: — Você não faz senão gritar contra os aristocratas, e dá-se com todos êles

— Para os humilhar! Gosto de humilhar estes bonifrates.

Livia cala-se, no pudôr do companheiro, no mêdo da trovoada. Ele não se modera, porém. Antes rompe de nôvo, mais rude, mais altivo:

— E' o caso de eu viajar em primeira. Ainda no domingo me atiraram com primeira á cara. Viajo em

primeira... p'ra me divertir no jôgo do *pim-pam-pum!* — Descobre outro sangue azul ao fundo da carruagem clama a todo o vapor do sangue rubro: — Adeus, ó Albuquerque! A'manhã lá vou jantar a sua casa!

Mais caída do que corôa de arbusto ao rolar de enxurrada, Livia afunda-se na sua humilhação, anula-se na sua vergonha. José Albino não dá estiagem ao temporal. Ela fita os olhos nublados no exterior — no Tejo que se arripia da ligeira brotoeja da vaga, na mancha colorida da praia da Trafaria, que fica da outra banda do rio. Aí se aproxima a torre de Belem, senhora de alta nobreza, agora de luto pesado, desde que o arcaboiço burguez e o vicio do fumo do gasometro visinho lhe tiraram a vista para os *Jeronimos*. E só respira á vontade quando o comboio pára no Cais de Sodré — até que emfim, e ainda bem que o *rapido*, desde S. João, não conhecera das demais estações!

— Bonito, aquilo?

— E' um amor de mulher. E muito moderna.

E o interlecutor de Livia, no salão ressoante de vozes e fervilhante de formas, ensoberbesse as virtudes da mulher oxigenada e maquilhada que ali perto fumega pelas narinas o seu *bout doré* e traça a perna de fino recorte.

— Schiu... O Sabino vai recitar — anunciam dez, vinte arautos do rei da declamação.

De facto, junto do piano de cauda, esculpe-se a real figura ciclopica de Sabino, subida de ombros e

larga de espaduas — as mãos nos bôlsos das calças, as pernas lançadas em X.

E no sofrego silencio a sua voz lenta, com plasticídades decorativas, ora em cicios de folha, ora em bramidos de vento, imprime no ar o desenho melodico dos versos dum sonêto. E só no refluir do tercêto derradeiro, a mão esquerda sai do bôlso e adeja na curva do ultimo verso, e pousa amortecida no ponto final.

As palmas estrugem. Sibilam murmurios de louvôr.

— Por onde tem andado, que a não vejo ha mais de meio ano ?

Livia, de olhos fitos em Baltazar, que a desvia do comentario aos versos de Cesario e á dicção de Sabino, replica, intencional :

— Ha mais de meio ano, não. Estamos nos fins de Outubro. Vimo-nos...

— Bem sei o que vai dizer... — intercepta, tomando o assento da cadeira vaga junto da amiga de sua mulher. — Mas compreende. Quando disse que nos não viamos ha mais de meio ano, queria referir-me a vermo-nos como amigos.

— E ali, eramos inimigos ?

— Se lhe parece ! Livia não foi um inimigo. Foi o inimigo... que me inflingiu a peor das derrotas.

— E acha que fiz mal ?

Mais magro, mais palido, o fraque ajustado aos contornos masculinos, Baltazar hesita na resposta. Mas logo, recobrando decisão, dispara, energico :

— Muito mal. Porque... se não fôsse a sua inter-

venção funesta, a esta hora a situação entre mim e ela estava liquidada.

— Liquidada, como?

— Ela tinha desistido do divorcio. Eu tinha-a restituido a casa.

— Não é este o logar nem a ocasião para se discutir assunto de tão alta gravidade — insinua Livia, o zumbido cauto de preservativo contra ouvidos alheios. Mas mudando de tema, transmite-lhe as saudades da filha. E não deixará de lhe garantir, em remate, que a sua pobre Isabel Maria, cuja alma não tem senão o pecado incorrigivel da excessiva bondade, estaria a esta hora morta ou doida, se a providencia do Senhor não vem em seu auxilio. A Isabel Maria internada num manicomio!

— Ha-de ser internada! — afirma êle, certo e decisivo. — Ainda ha juizes em Portugal. O que é, senão doida, uma mulher que desfaz o seu lar, que larga o seu marido, por uma questão de capricho?

Livia castiga-lhe a memoria refrataria e o leviano juizo com a severidade dos olhos assombrados. E não reduz o castigo a formula sonora porque D. Palmira Pessôa, a dona da casa, a mordoma da festa, agil como um vime e risonha como um lampejo, se aproxima e lhe pede o cumprimento de divida em aberto.

— Já?

— Sim, já. Se isso a não contraría. Depois vai tocar o Cirne.

— Está um mimo, a sua casa — anota Baltazar, com reverencias na atitude e no dizer.

— Mimo... pelo encanto dos meus amigos.

— E que formosissimos crisantemos! — remata, indicando bizarro macisso de flôres exoticas e loiras que desgrenham as crêspas cabeleiras romanticas sobre o ebano duma credencia.

Livia segue para o pôsto designado aos que recitam. Apruma-se e espera. Daqui, dalém partem *schius* diligentes na obra e graça do silencio.

— *Os Naufragos!* Sonêto da minha autoria — diz a poetisa, a face concentrada, os olhos no vago.

Entra a recitar. Os dois primeiros versos soltam-se-lhe da bôca na intercalada palpitação de gôtas de agua caindo. Mas logo os seguintes se firmam no vôo, em languidos ritmos de noturno, em afaveis coloridos de emoção, toda a trama do episodio evocado transparente como o mais limpo cristal. E as suas mãos nervosas, e leves, que no principio vibravam presas á carteira, desprendem-se, esculpindo com nitidez o corpo de dolorosa, cingido ao filho, que se perde nos fundos tôrvos da desventura — a voz, no começo quasi um gorgolejo, agora facil, agora corrente, em esmorecimentos de incerteza e em fugas de imprecação.

A reboada das palmas estruge por segundos.

Baltazar levanta-se para ir ao encontro da festejada. E acompanhando-a, e felicitando-a, pede-lhe venia para mais dois minutos de conversa.

— Dois? Vinte, quarenta, os que quizer — afirma, o *lorgnon* alçado a dar vista dos afectuosos acenos e das palmas isoladas, á esquerda, á direita, que

a sua cabeça e o seu sorriso tornam com magnitude.

— Bravo! Excelente sonêto. Forma lapidar e larga visão — acentua um sujeito robusto e moreno plantado à margem da sua cadeira. E depois dela agradecer, e depois dela se sentar, sentando-se tambem, o sujeito requere: — Tenha paciencia, minha amiga. Quero a sua opinião. Quero que seja arbitro nêste pugilato. Antes do seu soneto, eu e aqui o Moura, discutiamos o *jazz-band*. Ele, indignado contra os nossos Pessoas, que não consentem o discolo nêstas salas. Que são antiquados, *botas de elastico*. Eu satisfeito por se me deparar um pôrto de abrigo contra a borrasca dos maus costumes. Ele, agora volta á estacada. Eu firmo-me no campo. Por qual de nós se decide a poetisa das *Orações ?*

— Por você.

— Por mim ? — inquire o Moura, o olho claro aguardando e a bôca desbarbada sorrindo.

— Não, pelo Barbosa. O Barbosa tem razão. Não ha o direito de pôr o marimbo a par do violino.

— Chamem-lhe o que quizerem. Alucinação ou batuque. O *jazz* é evohé de triunfo do hoje sobre o ontem. O *jazz* é o preludio da musica sinfonica de ámanhã — que verá no Wagner um menino de solfa.

— São uns barbaros, estes senhores modernistas.

— Somos do nosso tempo. Vemos a verdade e proclamamo-la alto. Sentimos a marcha e vamos com ela. Temos necessidade de criar o nôvo e por isso destruimos o velho. Não tememos a revolução...

que pode inicialmente perturbar certos valores de equilibrio... mas que é fatal como as estações, mas que será vital como as invernias.

O Barbosa chama-o á ordem. Nada de exagêros. Nada de messianismos. Concorda com o *jazz-band*. O *jazz* é o distico sonoro do diluvio universal — diluvio da Grande Guerra. Mas as turvas aguas do diluvio vão baixar ao leito aberto pela natureza. E o *jazz* será, sobre a frontaria da paz, distico apagado, distico morto — razão porque os Picasso, os Gascin, os Soutine crearam a pintura futurista, a côr aos berros, a linha aos saltos, a perspectiva aos encontrões, o *jazz* plastico, ámanhã o fossil do *jazz* batucal e o documento de estudo dêsta epoca carnavalesca. Concordo com a logica do *jazz* — éco estridulo das convulsões epileptícas dos nossos dias. Simplesmente — quero-o nos *Music-Halls*, seus pais adoptivos, não nas salas, suas adversarias de nascença...

— Livia... Ouça-me — pede Baltazar, estranho á contenda. — Não sei se lhe desagrada...

— Dão-me licença? — solicita, no endereço a firma dos pugilistas. E como êles defiram a petição:— Sou toda ouvidos.

— Tenha paciencia. Sei que você é a maior amiga de minha mulher... Minha mulher, sim, quer ela queira, quer não!

— Sua mulher! — observa Lívia, o *lorgnon* marcando a cadencia da palavra — sua mulher... e insiste em da-la por doida, a ela, cheia de juizo!

— Para defender os meus filhos. Para defendê-la

a ela propria... defendê-la das tentações, duma ligação ilegitima em seguida á declaração do divorcio, dum acto que a rebaixaria aos olhos dos filhos e a degradaria no conceito da sociedade.

— Não diga isso. Você sabe muito bem quem é a Isabel Maria. Que a Isabel Maria por nada dêste mundo descerá a diminuir-se no conceito dos seus ou dos estranhos.

— Pois sim — argumenta Baltazar, num sussurro de confidencia, num esgar de incredulidade. — Tudo isso é bonito como literatura. Como realidade... o futuro dirá o que é. Não — emenda, firme.—O futuro, só não dirá tudo, por eu estar disposto a contrariar a sequencia prevista dos acontecimentos. Porque, ha-de dizer isto á Isabel Maria... peço que lho diga e lho acentue como certo: — não chegará ao divorcio. Se falhar o golpe da interdição por demencia, tenho outros no arsenal de que lançarei mão a seu tempo. E em ultimo recurso, se todos esses falhassem, não hesitaria em a matar.

— O' meu amigo!... — comenta Livia, refreando os nervos, velando a expressão: — Ou eu estou doida, ou está doido você. Então você acha-se com o direito de matar uma mulher que lhe foge... por aquilo que nós sabemos?

— Insultei-a. E' verdade. Mas se ela não tem saído de casa, eu pedia-lhe perdão.

— E o resto? E o mais?

— Modifiquei-me depois da separação. Já não jógo. Deixei-me de aventuras...

— Silencio. Fazem favor... — reclama Barbosa, ao lado, o espaço já estrada aberta ao deslizar das canoras e melancolicas musas de Chopin.

O môço pianista Cirne, os dêdos tacteantes na função da vara magica dos bruxos de lenda, acorda-as sob a noite das teclas negras, sob o luar das teclas brancas, afagando-as como ninhada de passarinhos, largando-as como revoada de pombas. E quando as ultimas notas desfalecem, e as palmas lhe tomam a vez, Baltazar insiste, Baltazar assevera:

— Ou ela desiste do divorcio... ou eu lhe faço chorar lagrimas de sangue!

X

Mãe e filha, D. Catarina e Isabel Maria, a mãe couraçada de lãs, a filha em *robe* de sêda, acertam e concertam juizos ácerca da marcha da interdição e do divorcio. E acertando, e concertando, gozam o bom sol dêsse dia placido dos fins de Novembro — sol de inverno, tão grato á velhice que parecem amigos de infancia.

Não ha maneira de se chegar ao têrmo de qualquer dos dois processos. O de interdição está no inquerito da segunda testemunha — que não acaba mais. No de divorcio foram ouvidas seis testemunhas — apezar de propôsto ha quasi um ano. E por aquele caminhar, só o dinheiro a correr, quando derem por finda a jornada, terão o cofre vasio de valores e a alma cheia de cançasso.

— As leis são muito faceis... na aparencia — comenta Isabel Maria. — A gente pega na lei, e diz para comsigo: — faz-se isto, faz-se aquilo, e pronto. São dois dias, são dois mezes. Afinal, a gente entrega-se á lei. E não ha porta falsa que inesperadamente se não abra com o impedimento, para que se não

faça isto. E não ha alçapão de magica que imprevistamente se não escancare, com o embaraço á execução daquilo. De modo que, tudo quanto se nos afigurou facil de dias, arrasta-se ao longo de mezes, o que devia durar mezes consumindo anos.

— Minha senhora... o telefone — anuncia a criada, de touca e avental.

— Lá vou. O menino Rui?

— Anda na praia, com o Joaquim.

— Chega á praia e recomenda ao Joaquim que o não perca de vista. Não vá acontecer como na semana passada. — E erguendo-se, e indo atraz da criada: — Aposto que é o avô Lucena... a pedir-me que deixe estar a Clarinha uns dias mais. Mas não pode ser.

— Além de tudo... está a perder as suas lições — reforça D. Catarina. — E é uma pena. A mestra ainda me dizia um destes dias: nunca vi menina tão inteligente.

Emudecendo e concentrando-se, pois a filha seguira para o telefone, lembra-se da neta na ultima lição de historia, em exemplificações e comentarios superiores ao grau da sua idade.

Isabel Maria reaparece, o andar incerto, a fisionomia turva. Hesita ao sentar-se. Senta-se abandonada.

— O que foi? — inquire a mãe em sobressalto.

Não responde, antes abate a cabeça desolada e fita no chão os olhos sombrios. Só responde a nova pergunta, esta fremente de inquietação.

— Foi... o Baltazar. Ia morrendo dum desastre.

— Um desastre! Aonde?

— Quasi á porta de casa. O automovel bateu num candieiro. Partiu uma perna. Receiam-se lesões graves no torax.

D. Catarina, a face rosada de alvoroço, vai a dizer: — Foi castigo de Deus. Mas suspende o comentario á vista do abatimento da filha. Inquire, a meia voz:

— E quando se deu o desastre?

— Ontem á tarde, á hora do jantar.

— E o seu estado? Foi o teu sôgro que falou?

— Foi. Se ha o receio de lesões graves... é claro, o seu estado inspira cuidados. Fazem-lhe hoje a radiografia... Diz que só mo participou agora... na esperança de me poder poupar uma má noticia...

Mãe e filha calam-se, quasi no receio de se falarem, quasi no mêdo de se fitarem, agora ambas de olhos no chão.

— Mas... e mais nada? — arrisca D. Catarina, entre apreensiva e adivinha.

Sem erguer os olhos, sem clarear a fisionomia, Isabel Maria elucida:

— O pai... pede que vá ser a enfermeira do filho... Diz que o filho não fala senão em mim...

— E tu?

— Não! Não vou! — decide, sem hesitação. — Não lhe quero mal. Desejo que não tenha nada de grave. Mas não vou. De resto... não lhe faltam lá enfermeiras. A Maria das Dôres... A Mademoiselle...

— Sim. Tens razão. Depois... toda a gente sabe do divorcio. Toda a gente sabe da interdição.

— Não é pelos outros, mãe. E' por mim... que tenho ainda o coração em sangue — afirma, sacudida, nervosa.

O silencio recai na sala aconchegada e alagada de luz — o sol de visita ás pessoas, e aos moveis, e ao piano, os pedais do piano fulgurando na scintilação de lumes votivos sob a presença do visitante.

De subito, porém, como se obedecesse á chamada de voz vinda de fóra, Isabel Maria levanta-se e indireita ao corredôr.

— Onde vais?

— Ao telefone.

Sósinha na sala de estar, os pés a agradecerem a quentura do sol bemfazejo, que os agasalha no cuidado de pai para filhos, D. Catarina balanceia sentenciosamente a cabeça. Ah, não se ilude, não. Vai ao telefone... pouco importa para quem, na palavra a impôr-se de forte, a fraqueza a denunciar-se-lhe até nos movimentos. Ai, as mulheres, sempre vencidas pelo coração, por mais razões que tenham para se manter invenciveis pela dignidade! Emfim, Deus lá sabe! Castigara-o... porque aquilo reveste todas as aparencias de castigo divino. E talvez que o castigo tenha como consequencia final a aproximação dos que andam afastados, visto dizerem-no emendado...

Mas será possivel... que depois de terem andado tanto, em rumos opostos, tomem agora a marcha á rectaguarda no sentido de se reencontrar?

Isabel Maria volta á sala, no ar o alheamento do mundo exterior, no passo a incerteza do caminho a percorrer.

— Então? A quem falaste?

— Ao dr. Salgado.

— Mas... não percebo...

— Sim. Fui perguntar se sabia alguma coisa. Sabe tudo. Soube-o ontem mesmo. Diz que o Baltazar ficou muito mal tratado. Que as primeiras noticias foram até alarmantes.

— Porque?

— Dizia-se... que estava moribundo.

Calam-se outra vez, D. Catarina de olhos vagos na janela faiscante de sol; Isabel Maria, de pé, as pupilas vasias na jarra de Saxe pousada no piano.

— E então? O que decides? — reincide a mãe, na reincidencia a pressa de liquidar o incidente.

— Não sei... — Emenda logo, firme, inalteravel. — Enfermeira... não. Não lhe quero mal nenhum. Perdôo-lhe todo o mal que me fez, e até o que me quiz fazer, o pior. Se caísse em voltar... êle ficava autorisado a dar-me por doida quando lhe apetecesse. Mas vou lá mandar o Joaquim. Leva uma carta minha... Não quero falar-lhes ao telefone.—Hesita, como no ajuste dos projectos ás conveniencias:—Dirijo a carta ao pai. A informar-me do resultado da radiografia. A desejar as melhoras do filho. E a pedir que me mandem a Clarinha, que nêsta altura lhes deve ser estôrvo.

— Está bem, — concorda D. Catarina, atingindo

o motivo do seu mêdo pelo telefone. — E manda vir então a pequena.

Só depois de almoço resolve em definitivo pela embaixada do Joaquim, pela remessa da carta — que é breve, e interessada, não angustiada, pois submete os impulsos á medida das convenções.

Como já perto da hora do jantar, a noite a adensar-se, o Joaquim não tenha regressado com a resposta, nem com a filha, pensa em ligar para lá o telefone. Mas não, a filha é que tinha obrigação de se explicar.

Ah, é verdade! A Clarinha não pode falar de casa Tem de ir a uma *cabine* publica, ainda distante. Porque Baltazar, — nem se lembrava! — no intuito de evitar que a filha lhe fale com frequencia, não fizera deposito na Companhia dos Telefones para as comunicações extra urbanas. Devia ter sido essa tambem a razão, e não apenas a de a querer poupar á noticia, da demora do sôgro em lhe dar conhecimento do desastre.

E de repente, vendo a mãe aproximar-se:

— Minha mãe. E se tu fôsses lá a casa?

— Eu?!

— E então? Não digo por êle. Mas... pela pequena. Para trazeres a pequena...

— Não, filha. Não lhe quero mal, mas áquela casa não volto. Além de que... a minha saúde não está para comoções.

Joaquim chega nêste instante. Em vez da Clarinha, traz no bôlso uma carta dela. E traz tambem noticias do doente.

Fôra o sr. João de Lucena que o atendêra. Dissera-lhe que o sr. Baltazar está mal — e que só ámanhã os medicos podem saber o que êle tem...

Emquanto o criado dá contas, ora erradas, ora certas, da missão de que o haviam encarregado, Isabel Maria lê a carta da filha, a face a amargurar-se-lhe á medida que os olhos vão descendo os degraus da escrita.

— Joaquim. Sáia um pouco — ordena, terminada a leitura. E logo que o Joaquim desaparece: — Esta carta, evidentemente, foi escrita pela Clarinha, mas ditada pelo avô. Ouve: «Mãesinha do coração: Vem para junto de nós. O paisinho está muito mal. Só ámanhã se sabe o resultado da radiografia. Mas os medicos dizem que parece haver graves lesões internas. Se assim fôr, o que Deus permita não seja, o paisinho será levado para uma casa de saúde, onde tem de ser operado. O paisinho fala em ti muitas vezes. E no nosso Rui. Com o paisinho, e a avó, e o avô te peço, de joelhos, que venhas para junto de nós. E que tragas o nosso Rui. Tua filha, muito amiga, que te abraça e beija, Clarinha.»

— E então? — gagueja D. Catarina, a afogar o soluço, a esconder a lagrima.

— Não e não! — persiste, neste lance não a bater, apenas a declinar a negativa.

— Ouve, Isabel Maria. Se queres... fala-se á prima Josefina. Ela vai lá por ti.

— Esperemos. A'manhã se resolve. Vamos a vêr o que dizem os medicos.

Ao jantar não come duas garfadas de arroz e mostra-se alheia de todo aos actos do filho.

Levanta-se da mesa na intenção de chamar Clarinha ao telefone, de lhe dizer que espera o resultado da radiografia. Desiste do passo arriscado, na desconfiança da inflexilidade dos seus propositos a nova suplica da filha.

A' hora de se deitar ainda se debate na maré viva das hesitações. Em logar de se deitar, passeia no quarto, numa agitação febril. Não o quere ver mais, nem depois de môrto — monologa, a sós, para o fundo da sua consciencia alarmada. Dar-lhe-hia a vida, e a saúde, e até a felicidade, se a felicidade, a saúde, e a vida fôssem bens cativos da sua vontade. Mas, não o querendo ver mais, atormenta-a agora, acima de tudo, a idéa da filha, que não sabe, nem pode saber, dos agravos por ela recebidos do pai, e que ha-de julga la de pedra na inocencia do seu coração. Precisa explicar-lhe tudo, a enormidade das ofensas perpetradas, a imensidade das dôres sofridas, erguendo entre os dois, marido e mulher, muralhas mais altas do que as de todas as fortalezas do mundo. Ha-de explicar-lhe tudo, logo que ela esteja apta a medir a grandeza do martirio e a aceitar a necessidade da repulsa.

E o padrinho? Sim. Já por mais duma vez, atravez do violento conflito íntimo, o vulto austero do padrinho se lhe esculpira na imaginação, observando-a a fito, aguardando o resultado dos debates. Nêste momento ouve a sua voz grave, cheia de ressonan-

cias profeticas, perguntando se não é esta a hora de recomeçar, se não virá o castigo contra a sua contumacia.

— Não. Impossivel — murmura, interpõe.

A meia noite soluça no relogio grande da sala de jantar. Ela aproxima-se da janela do quarto, como na intenção de furtar a vista, mandando-a passear lá por fóra, á visão aflitiva do padrinho.

Mas, lá fóra, a vista afoga-se-lhe no mar negro da sombra — em cujo fundo vago alastra a forma fosforecente dos candieiros acesos na via publica, com o farol da torre do Bugio, á esquerda, a piscar o olho mortiço, ora verde de bilis, ora rubro de sono, com o farol do cabo Espichel, ao sul, a falar aos navegantes a sua lingua nervosa de relampagos cortados de sobrias intermitencias. Ouve mais nitida, mais impressionante a voz triste da noite. E afasta-se da janela, o rumôr noturno afigurando se-lhe o arfar dos seus proprios sentimentos em luta, e volta ao passeio no quarto, as suas hesitações e decisões batendo-se no inalteravel encarniçamento dos combates de morte.

— Ai, quem me dera dormir, descançar! — solfeja, as forças a atraiçoa-la.

Deita-se. Não dorme. E de manhã salta do leito, num alvorôço, ao ver surgir no quarto o vulto inesperado de Clarinha, ao saber o sôgro á sua espera na sala de visitas.

— Vai para o pé do vô-vô, filha, que eu não demoro.

— Sim, mãesinha. Eu vou.

Veste-se em minutos. Aparece na sala com naturalidade.

— Como está, Isabel Maria ?

— Assim... mais mal do que bem.

— E sua mãe ?

Dá noticia breve do reumatismo e das queixas da mãe, solicitando desculpa para a sua legitima ausencia — pois não póde levantar-se cêdo.

— E o... o doente, está hoje melhor ? — interpela, afogueada e gaguejante.

— Porque não diz o Baltazar ? Não, não está melhor. Compreende que se estivesse melhor... eu não viria aqui a esta hora.

— Mas... piorou de ontem para hoje ?

— Nada se sabe de certeza. E' preciso sujeita-lo ainda esta manhã a segunda radiografia, por nada se ter adiantado com a primeira. De certeza... só sabemos que está mal, que sofre horrores, que pede a mulher e os filhos a seu lado. — Ela baixa a cabeça, no abatimento de quem sente o pêso das responsabilidades. Ele continua : — Porisso lhe venho pedir, pessoalmente, não já que lhe vá ser enfermeira. Enfermeiras tem-nas êle, e dedicadissimas : a mãe, a Maria das Dôres, a Mademoiselle. Venho pedir-lhe só que vá vê-lo e encoraja-lo...

— Sim, mãesinha ! Tu vens comnôsco — reforça a filha, beijando-lhe as mãos.

— Não peço mais. A Isabel Maria vem comnosco. Faz-lhe a vontade, faz-nos a vontade. E

regressa depois a casa. Mas peço-lhe que venha já.

— Sim, mãesinha!

— ... porque do contrario... não sei se o encontrará vivo. Vamos. Responda-me.

Sem hesitar, olhos fitos, sacudindo a cabeça, como quem sacode de si um estôrvo ou uma prevenção, ela decide, ela afirma:

— Bem. Vou. Mas vou lá ter. Hei-de ir com minha mãe.

— Obrigado! — diz João de Lucena, a voz comovida, apertando-lhe convulsamente a mão. Levanta-se: — Eu saio já. Peço-lhe que leve a Clarinha e o Rui, porque êle quer vêr os filhos a seu lado.

— Só mais um instante — suplica ela, enigmática.

João de Lucena receia, porem, o retôrno das razões a oporem-se aos sentimentos. Declara a urgencia do regresso a Lisboa, por estar marcado para antes do meio dia o novo exame radiografico.

O sôgro a saír e ela a dirigir-se ao quarto da mãe, no andar a pressa do dorido em busca do balsamo, a filha sempre agarrada ás saias.

E encarando-a, e citando a, a aturdida senhora ainda no repouso da manhã:

— Sabes? Saiu daqui, agora mesmo, o meu... o avô dos meus filhos.

— Já sabia. Tinha-mo dito a Ana. Eu ia vestir-me. Está pior, o Baltazar? — interpela, inquieta.

— Creio que está mal. Vão fazer-lhe nova radiografia.

— E êle veiu insistir para que vás ser a sua

enfermeira. — E enternecida, estendendo o braço, chamando a neta: — Ai a Clarinha! Nem a tinha beijado!

— Não. Veio pedir-me só que vá vê-lo.

— E tu?

— Eu... não sei. Disse que sim, mas não sei. A não ser que venhas comigo. Preciso que me acompanhes, que me dês forças.

D. Catarina, o corpo debil da neta cingido ao leito, a sua alvoraçada cabecinha encostada ao seio, olha a filha com estranheza, replica com energia:

— Não, filha. Tu vais. Disseste que sim, vais. E' o teu dever.

— Vai, sim! — interrompe com implorativo acento a ansiedade de Clarinha.

— Eu não vou! — remata D. Catarina, inflexivel. — Jurei que não voltava áquela casa. Não torno com a palavra atraz.

Isabel Maria, atordoada, sentindo-se só na ressaca dos sentimentos contraditarios em pendencia, observa, olhar, gesto e voz despedidos á filha:

— Vamos. A Ana que vista já o Rui. O Joaquim vai comnôsco, leva-vos a casa do vosso pai. E eu fico em casa das primas Noronhas, à espera de que o Joaquim me vá informar do resultado da radiografia.

— Mãesinha! Então não vais ver o paisinho?

— Não insistas, minha filha! Porque se insistes, nem a Lisboa vou!

Vestem-se á pressa. Almoçam a correr.

Depois, no automovel, Isabel Maria ao lado da filha, o Joaquim á frente, com o Rui nos joelhos, rodam a caminho da cidade.

Dissera na verdade que iria visita-lo — pensa, reflete, em silencio. Mas puzera uma condição : havia de ir na companhia da mãe. A mãe recusara-se a acompanha-la. Não seria bonito, nem legitimo, entrar em casa dum homem de quem está separada, sem a mãe a autorisar a visita. Lamenta-o sinceramente. Fervorosamente intercede junto de Deus a beneficio das suas melhoras. O que não pode fazer, sem descer no conceito dêle, e da sua familia. e dos seus amigos, é voltar a uma situação de que fôra violentamente afastada. Se o amasse ainda... era possivel talvez o sacrificio. Assim, sacrificar-se só com a mira no reconhecimento do sôgro, nem sequer no da sogra, não levaria satisfação ao doente, não traria modificação á vida comum.

Bate nos vidros do carro, pergunta ao *chauffeur* :

— Sabe onde é a casa das senhoras Noronhas ? Ah, não sabe. Quando entrarmos na Praça de San'Ana eu indico-lha.

Vão na avenida arborisada de Algés. O céo fusco peneira cinza sobre o rio.

Liberto dos *electricos* e das carroças da rua da Palma, o auto arranca desempenado contra a calçada íngreme do Destêrro, para daí a nada respirar, sem ruido, na lisura do planalto de Sant'Ana.

— Francisco. Ali. aquela casa antiga, á direita — orienta, de dentro do carro.

Parando á porta das primas Noronhas, desce do auto, beija os filhos, intima o Joaquim:

— Até já! Não demore, Joaquim...

O auto avança. Ela puxa o botão da campainha. Ha que tempos não vê as primas Noronhas? — primas direitas do avô de seus filhos, sempre tão suas amigas como êle. E' até providencial o ensejo de lhes pedir perdão pelo involuntario afastamento.

A criada que vem á porta, velha de anos dilatados, ao abrir ilumina de regosijo os olhinhos vivos:

— Olha a sr.ª D. Isabel Maria! Já nem me lembra de a ter visto!

— E você, Jesuina, como tem passado?

— Eu, assim como assim, co'a graça de Deus.

— As primas, estão?

— P'rá senhora estão sempre. Faça favor de subir.

— Olhe, Jesuina. Diga ás primas que não estejam com ceremonias. Sou a prima de sempre.

Mete á sala de visitas, ampla, quadrada, de tectos apainelados, o rico mobiliario Luiz XVI a medir primazias com as tapeçarias orientais e com os quadros de mestres.

Senta-se, abatida, aniquilada, sem atinar com fresta por onde lobrigue o rumo a impôr á conversa com as primas, sem descobrir a justificação da sua visita, sem descortinar apêlo a seu favôr.

A Jesuina reaparece cinco minutos volvidos. Em vez de alumiada de regosijo, vem neste lance apagada de confusão. E gagueja, e informa:

— Enganei-me. Faça o favor de desculpar. As senhoras... diz que não estão.

— Não estão, as senhoras?! — sublinha, afogueada, aturdida. Põe-se de pé, carrega a viseira, declama ofendida: — Ah, a divorciada! Tem razão. Nem me lembrava. Adeus, Jesuina. Diga ás senhoras... que Deus lhes perdõe!

E desce a escada numa altivez serena e digna.

— E agora? — interpela-se, no torvelinho da situação imprevista, na luz inverniça da Praça ajardinada. E sem pesar prós, e sem medir contras, despede resolutamente para casa de Baltazar.

XI

— Está a dormir?

— Está. Adormeceu ha pouco.

A pergunta é de João de Lucena, que entrára no quarto do filho pé ante pé.

A resposta é de Isabel Maria, que vela o doente sentada na otomana a par do leito.

— O medico saíu bem dispôsto. Diz que a contusão no ombro deve desaparecer com mais seis ou sete dias de pensos. E que segue normalmente a fratura da perna.

— Foi o que me disse a mim. E eu bem vejo a marcha das melhoras. Vim ha oito dias··· acho-lhe uma diferença enorme.

João de Lucena, o pijama de flanela escura cingido ao busto, as barbas de santo patriarca a branquearem-lhe o peito, senta-se á beira da mesa.

— Já interrompemos a conversa por tres vezes — observa, a fala um zumbido de abêlha no seu labôr. — Vamos a vêr se não nos interrompem agora.

— E' possivel que não. Não devem vir mais visitas. A não ser a Maria das Dôres, que não deixa de vir por aí, apesar da invernia. Mas essa...

— A Maria das Dôres tem sido duma dedicação enorme pelo Baltazar. Nunca a julguei capaz de tais extremos de afecto. Era ela e a Mademoiselle... Não dormiam, não se deitavam, antes da chegada de Isabel Maria, sempre ao lado dêle... — Noutro tom, este paternal e afavel, sem deixar o sonido acariciante da surdina: — Ora, dizia eu, quando fui interrompido pelo medico e p'las Albuquerques: — Vê como não teve de se arrepender do seu rasgo de bondade?

— Pelo contrario. Sinto-me satisfeita.

— O Baltazar... não lhe regateia louvores. A Mafalda... emfim, tem um pouco de genio, mas está cheia de gratidão. Os pequenos parecem outros... são passarinhos que dos vendavais do inverno passaram aos afectos da primavera. Depois... o divorcio para quê, Isabel Maria? Eu tambem fui pelo divorcio, antes de lhe sentir os efeitos. Tambem o considerei indispensavel em certos casos graves. Julgava possivel que uma raça de extremistas, no paiz do tudo ou nada, usasse do remedio violento, moderadamente, como se usa na medicina do arsenico ou do opio. Afinal... veja o que está sucedendo. Em vez do uso, implantou-se o abuso. O divorcio é hoje moda — como a do cabelo á Ninon ou o bigode rapado. Ainda nem todos transigem com a novidade, mas é questão de vagar e tempo. Tambem a moda dos cabêlos cortados, tambem a moda das caras rapadas não

obtiveram de chapa o sufragio universal. Introduziram-se aos poucos, agora nesta camada, logo naquela, em todas por fim, as mulheres mais intransigentes carpindo-se de não terem sido as primeiras no abdicar, os homens mais intolerantes louvando-se por deixarem de ser velhos, embora em risco de representar de velhas. O mesmo se produzirá com o divorcio, os rapazes a disporem-se já ao casamento levando no bôlso o bilhete de ida e volta, as raparigas a dirigirem-se ao registo, á igreja, prontas ao desquite sob o menor abalo. E' a feira da ladra da familia. E' a falencia fraudulenta da sociedade. Todos os laços se desfazem, onde não ha o cuidado de os apertar bem, onde não se procura aperta-los melhor se de inicio foram mal dados. — Suspende o curso da catequése, a um bocêjo dorido do filho, que logo recai na ritmica respiração anterior. — Ah, minha filha! E então, esse espectaculo de todos os dias, por essa Lisbôa em delirio, nos teatros, nos bailes: as filhas dêste a ouvirem chamar seu pae marido duma mulher que não é sua mãe. E, pior, os filhos dêsta e daquela a ouvirem chamar sua mãe mulher dum homem que não é o seu pai!

— Faz calafrios, na verdade! — comenta Isabel Maria, a cabeça murcha, as pupilas crepusculares.

O sôgro faz a pausa de sensação. Lá fóra o vento e a chuva, rapsodos ambulantes de velhas idades, entoam em dueto a aria da invernia. A chama velada do candieiro electrico derrama no espaço a luz baça das tardes penumbrosas.

— Cuida que no meu tempo... anteriormente ao divorcio, não havia pendencias entre casados? — insiste, semeando no terreno arado pela dôr. — Terriveis pendencias. Mas a certeza de que a união concertada era para sempre... levava marido e mulher a suportarem-se, apezar de tudo, a afazerem-se pouco a pouco — chegando por vezes a encontrarem-se amigos os que se tiveram por inimigos. E outra coisa. Suponha a Isabel Maria que... decretado o divorcio, se dispunha a casar de nôvo.

— Deus me livre!

— Ninguem pode dizer... desta agua não beberei. De resto, isto é só em hipotese. Suponha que tornava a casar. Quem lhe garante que encontrava homem melhor do que o meu filho? Sim... porque bons, só os das outras, que se não conhecem por dentro. Os homens, minha filha, são tão parecidos entre si que só vista de lince distingue intimamente o loiro do castanho. Pessimamente educados, o natural egoismo masculino estimulado desde o berço, em vez de amputado ou temperado ao nascer, entre êste e aquele a diferença está quasi sempre no nome. Ora, se êles são todos... mais ou menos piores... se o casamento é o fim suprêmo, ou se quizer o mal necessario, ha só um caminho a seguir para a felicidade relativa na aliança matrimonial: — o dos entendimentos mutuos a favor da paz interna. E é a mulher, como centro da vida familiar, como fôrça maxima da casa, força que lhe vem do sentimento e da virtude, a quem compete para o caso o papel de

poder moderador. Assim, quando o homem erra, a ela compete, não corrigir, mas revelar o erro a fim de que fraco se emende. Quando o homem peca, a ela pertence, não castigar, mas hostilisar o pecado, a fim de que o pecador não reincida. Ela é a mãe — e o marido o primeiro dos seus filhos, e o mais precisado do tepido leite dos seus ensinamentos...

Isabel Maria escuta a doutrinação apostolica, em silencio, umas vezes achando bem, achando mal outras vezes. E sente a infinita magua, mais viva diante da respeitavel intenção do sôgro, de não poder amar de novo o marido, o pai dos seus filhos, aquele que ela desejaria tomar, de facto, pelo filho mais velho. Está ali, a seu lado, pronta ao sacrificio, capaz de tudo pela sua saude. Mas, por mais que chame o coração a oferecer-se-lhe, o coração não se digna ouvi-la, o coração não responde á chamada.

A dôr engrandeceu-a no moral, alumiando-lhe os olhos da alma. Reconhece-se muito outra do que fôra no principio. Quando escrevera ao padrinho, dois dias depois do regresso ao lar, a comunicar-lhe a bôa nova, a afirmar-lhe o plano da nova vida, — carta a que êle respondera com um beijo grande de reconciliação — dissera-lhe sinceramente a verdade. Esquecera os bailes. Renegára das festas. Quería viver, vai viver só para a sua casa, só para os seus filhos, só para o seu marido — estando disposta a propôr-lhe o instalarem-se em casa propria e o oferecerem esta aos pais, logo que o Baltazar melhore de todo.

Porque, travado já o processo de divorcio, no primeiro dia em que possa sair irá combinar com o advogado a sua desistencia definitiva. Sente, porêm, que faz tudo isto, que quere tudo aquilo, incluindo a colaboração dêle na sua vida intima, pelo raciocinio, não pelo sentimento. Pede ao coração que se pronuncie, que diga que sim, com o raciocinio. E o coração fica-se inerte, tal qual a pendula de relogio a que pretendemos dar corda, mas que tem a corda partida.

Baltazar mexe-se no leito, num largo bocêjo.

— Han? Parece que acordou — diz João de Lucena, o fio do discurso cortado na emergencia em que acertava a sabedoria do Gênesis á vida matrimonial: — a mulher, o verbo criador, fazendo o homem à sua imagem e semelhança...

Pestanejando e sorrindo, Isabel Maria ergue-se solicita, abeira-se do leito nos bicos dos pés. E ao vê-lo acordado, os seus olhos negros já a beijarem os olhos castanhos dela, o sorriso agradecido a ungir-lhe o sorriso afavel:

— Dormiste o teu soninho. Dormiste bem?

— Bem. Magnificamente. Bastava dormir à sombra do teu cuidado — acentua, apertando-lhe a mão, a face sombreada pelo tufo das barbas crescidas e pelo tom nevoento da luz do candieiro.

— Agora vais jantar.

— Tenho sêde.

— Queres Vidago? — pergunta o pai, enternecido.

— Sim, meu pai. Eu vou dar-lhe agua de Vidago

— diz Isabel Maria por êle, ou antes dêle, abrindo mais a luz, que põe em relêvo a cama joanina de pau santo, seguindo para traz do biombo de laca, que esconde dos olhos estranhos a comoda onde se alinham as unidades de combate da batalha meio ganha — frascos, garrafas, caixas, boiões.

Ao levantar a garrafa de agua de Vidago vê-se reproduzida no espelho secular, debruçado da comoda bojuda, que simultaneamente reflecte a cabeceira da cama do seu doente, a cabeça soerguida do seu marido — e tem a sensação instantanea, pela primeira vez desde que se encontra naquêle pôsto, de que emerge do leito comum, carne da carne dêle, alma da sua alma.

Ah, quem lhe déra que a ternura dêle por ela perdurasse, que realmente o seu corpo se tornasse o corpo dêle, que na verdade a alma dêle se fizesse a alma dela!

— Aqui tens a tua agua — diz, perturbada, a saír de traz do biombo, o copo a tremer-lhe na mão.

João de Lucena mobilisára-se já no intuito de auxiliar o filho a sentar-se no leito, não vá molestar a fractura da perna.

— Não é preciso, meu pai. Eu estou habituada.

— A Isabel Maria é uma valente — acrescenta Baltazar, agradecido. — Pode comigo ao colo.

— As mulheres, designadas por nós de sexo fragil, são afinal o sexo forte. No moral... o confrontarmo-nos com elas seria ridiculo. As mais fracas afirmam-se herculeas... em frente das nossas fragi-

lidades. E até no físico. Um homem, sob duas noites perdidas, é um farrapo a caír aos bocados. Uma mulher, queima vinte noites pela saude do seu doente, e não se sente do desperdicio.

— O pai é o D. Magriço dos nossos tempos — observa Isabel Maria, lisongeada. — Não faz senão bater-se pela sua dama.

— A minha dama... é a senhora verdade.

— Ah, já estás acordado... — intervem D. Mafalda, entrando suavemente no quarto, o vestido de lã a roçar-lhe o artelho, o cabêlo empoado a cobrir-lhe as orêlhas, a face palida a preguear-se de rugas: — Queres jantar?

— Pois sim, minha mãe.

— Eu vou dizer.

— Não é preciso — opôe D. Mafalda. — O Teotonio vem aí.

Preme o botão da campainha electrica. O Teotonio emoldura-se no vão da porta.

— Traz o jantar do sr. Baltazar. E previne a Mademoiselle.

— Os pequenos? — pergunta Isabel Maria á sogra.

— Estão com a Mademoiselle e com os filhos do visinho, do Almada, ao pé da costureira, na casa de trabalho. Teem lá feito coisas, o Rui e o rapaz do Almada! E pior fariam... se a Clarinha e a Joaninha os não metessem na ordem.

— Sempre as mulheres metendo os homens na ordem! — apostíla João de Lucena, desta vez em

tom de trovador, não em catadura de juiz. — E' a regra. Não falha nunca.

— Conforme... — suspira D. Mafalda, o agro da intenção a diluir-se no mel da reticencia.

Maria das Dôres surge providencialmente da porta aberta pela Mademoiselle — esta á frente do Teotonio, para o costume da ajuda ao serviço da refeição do enfermo. Vem sem agasalho, sem chapeu, que os deixou ensopados nas mãos da Judith.

— Ah, que chuva, que inverno! — clama, cumprida a ceremonia dos cumprimentos, compondo os cabêlos oxigenados, sacudindo as saias curtas. — Molhada da cabeça aos pés!

— Não viesses hoje, filha! — acode a tia, apreensiva.

— Foi uma imprudencia, com este tempo — acrescenta João de Lucena.

— Ao menos muda de vestido.

— Não me demoro. Não é preciso. O Luiz ficou de vir buscar-me ás oito horas. E são sete e meia. Fui a um chá a casa dos Perestrêlos. Era aqui perto. Não quiz deixar de vir vêr o Baltazar.

— Obrigado, rapariga! E's uma heroína.

— E viva o clima de Portugal! — investe, sentando-se á cabeceira do doente. — E' isto, esta delicia. Destas belezas não as ha na França, Mademoiselle.

A Mademoiselle, esguia e loira, a conduzir do taboleiro para o leito a sôpa que Isabel Maria vai servir ao marido, pisca o olhinho azul num sorriso de enigma.

Mas João de Lucena alça o montante e carrega com energia direito á sobrinha:

— Com que então, porque ha chuva e vento em dezembro, é mau o clima de Portugal?

— Em Portugal, meu tio, não ha nada bom... a não ser certos tios e tias, alguns primos e primas...

— Escusas de rebuçar a mão injusta sob o manto da ironia. Em Portugal não ha nada bom. E' êsse o criterio consagrado... principalmente pelo *snobismo* das mulheres, que se não guardam de desmerecer do lar e da familia, até na presença de estranhos.

— Ora o senhor meu tio! O arauto das virtudes femininas... a dizer mal das mulheres!

— Perdão... não digo bem nem mal. Faço-lhes justiça! — acentua, varonil. — Encareço-lhes as virtudes, sem deixar de lhes corrigir os defeitos. Acham *chic* considerar mau tudo quanto teem em casa... no receio de que as julguem a admirar o proprio por ignorancia do alheio. Clima? Não presta. Clima bom... o que elas gozaram no ultimo setembro em Nice — esquecidas de que setembro não é dezembro em parte nenhuma. Talento? Não temos. Só ha talento... onde ha letreiro exotico, mediante um Bénard ou um Reichmann — por mais indigerivel que seja a mixordia impingida sob tal rotulo. Industria? Não existe. E tanto que, para que elas adquiram por excelente a meia duzia de coisas bôas fabricadas entre nós, é preciso naturalisa-las de Lyon ou de Manchester. Praias? Uma desgraça. E assim, as nossas praias, embora sofriveis, são sempre pessi-

mas ao lado das estrangeiras, por piores que sejam...

— Meu Deus! Tanta coisa! O que ai vai, tio João! — replica Maria das Dôres, o riso a crepitar na chama da bôca pintada. — Bem sei onde te doi. Tudo isso... confessa, tio João... por eu ter dito ontem que as nossas praias se não podem medir com as de Biarritz ou de Ostende.

— Não se podem medir... na obra do homem. Conheço-as como as minhas mãos. Quanto á obra da natureza... onde está a que se mede com a Rocha, no Algarve? Qual a que suplanta os Estoris, aqui a dois passos? Ah, é certo. Lá o nú feminino é o geral. Aqui... é só das que nós sabemos.

— Ha mulheres honestas... que vão em *maillot* ao banho...

— Tambem os alcoices são frequentados... por homens honestos — observa sarcastico João de Lucena: — Honesto comerciante, digno funcionario, honrado cidadão, bom pai, bom marido, publíca invariavelmente o necrológio...

— Alto lá, meu pai, não condenes o nú feminino — intervem Baltazar, já servido do primeiro prato. — O nú feminino, longe de favorecer a imoralidade dos costumes, é o melhor agente publico da sua moralisação. A imoralidade está no uso e abuso do vestuario... o agente secreto da curiosidade. No momento em que vemos núa a mulher mais cubiçada, ela perde aos nossos olhos instruídos... pelo menos dois têrços do seu valor estimativo. Porque ficamos a saber como é por dentro.

D. Mafalda não acha graça nenhuma ao comentario heretico do filho — que Isabel Maria sublinha com um triste sorriso de concordancia, que Maria das Dôres corrige com um lento pendular de cabeça, a que a Mademoiselle opõe um esgar sensivel de nôjo. E' horrivel êsse costume das mulheres virem nuas aos olhos do mundo — acentúa a arripiada senhora. Está tudo perdido... sem excluir a velha fortaleza da alma feminina. A mulher já corta o cabelo, como o homem. A mulher já fuma, como o homem. Como o homem... já deixou de ser a guarda do pudôr...

— O teu criterio está errado, minha mãe — insiste Baltazar, contumaz: — O melhor socio do Diabo é o costureiro. A mulher deixará de ser a tentação, e porisso mesmo a perdição, no dia em que vier para a rua na simplicidade inocente de Eva antes da fôlha de parreira... mais nociva do que a maçã. Desde êsse dia de redenção definitiva... passaremos a olha-la com a naturalidade com que os outros bichos olham as suas metades.

O mundo está de facto perdido — apregôa João de Lucena, na tonalidade cava dos Eliseus no oficio. — Tudo o anuncia e o revela. E' a masculinisação das mulheres, ensaiando a scena das saturnais no Imperio. E' a efeminação dos homens, representando de comparsas na peça em que deviam ser actores. E' a confusão das unidades e a inversão dos valores. É o mau no logar do bom, o pessimo a escarnecer do sublime. E' tudo isto, somado e conjugado com a febre do luxo, com o delirio do prazer

com a alucinação da desordem — a dizer-nos que se aproxima a hora negra do Apocalipse, a asseverar-nos que nos abeiramos do sinistro vale de Josafat... Não ha duvida: — já se ouve o sussurro da torrente dos barbaros rolando sobre nós...

— Tem paciencia, meu pai! — objecta Baltazar, brandindo uma perna de galinha, meio esburgada pelo seu dente voraz: — Se continuas nêsse diapasão... ainda chegas a proclamar-me o Atila dêsses barbaros. Vejam: Atila banqueteia-se com os despojos da victima indefêsa!

— Não rias de coisas serias. Deus, quando quer perder os homens, ensandece-os. *Quos vult perdere*... Porisso os homens ensandecidos se riem da prudencia... cegos, incapazes de vêr ao longe. Porisso os homens loucos nunca evitam as catastrofes... surdos, por mais perto que ruja a tormenta.

— E ninguem vê, nem ninguem quere vêr — lamenta D. Mafalda. — O proprio Estado, que devia ser o primeiro a abrir os olhos...

— Como, tia Mafalda? — interpela Maria das Dôres, risonha? — Se o Estado procede sempre segundo as leis da Justiça, e a Justiça tem os olhos vendados!

— O Estado não faz senão comer-nos... no *roast-beef* do impôsto, na salada da multa, na sobremêsa da alcavala. Verdadeiro Ugolino devorando os filhos.

A discussão prolonga-se, os partidarios da direita á barra contra os partidarios da esquerda. E só arvoram a bandeira branca da paz á chegada do Teo-

tonio, que vem buscar a bandeja, que noticía o jantar pronto.

— Ponham-no na mêsa — ordena D. Mafalda, dando logo o exemplo do levante. E o discurso visando a sobrinha: — Vamos. Jantas comnosco. E se teu irmão não vier, o tio leva-te a casa no automovel.

— Acompanho-os á mêsa. Tomo qualquer coisa quente... a vêr se evito o constipar-me. Mas não janto, que me esperam. Estou admirada com a demora do Luiz.

— Qualquer coisa .. um serviço inesperado, a falta de *electrico* — observa João de Lucena, o pé em ordem de marcha.

— Os *electricos* são o tormento dos sem automovel. Só aparecem... os que não servem. — Despede-se de Baltazar, insinua, maliciosa: — E ámanhã... dispõe-te a ouvir o meu sermão de lagrimas, em desagravo da chuva e do vento de Portugal. Sinto-me convertida á fé do tio João.

— Anda, anda, que te desanco, judia! — ameaça o tio incruento, o passo na peugada da sobrinha.

Isabel Maria despacha-se no fim de todos, cumprida a tarefa amoravel dos ultimos cuidados em proveito do doente e marido — durante as refeições, como de costume, entregue á vigilancia da Mademoiselle, que se mantivera de pé, á beira da otomana, emquanto a senhora não sai do quarto, na mão alva a *Vida e Obras de S. Cecilia*, nos olhos puros a sêde das divinas nascentes da graça.

XII

No retôrno a casa, o automovel em moderado andamento, Isabel Maria revive em recordação os factos ocorridos no escritorio do advogado. Puzera ponto final no processo de divorcio — e isto embala-lhe a alma a um côro de aleluia. Por sua vez o advogado de Baltazar requerera na vespera a desistencia do processo de interdição por demencia — o que lhe segreda ao coração dias claros de serena ventura. Mas embora os seus dias se moldassem pelos da epoca anterior ao divorcio, embora as lagrimas de desespero viessem afogar as vozes de esperança, o seu dever é este, não outro. De resto, a estrada nova está aberta ao transito dos novos destinos: — será a mulher de casa, a mãe de seus filhos, a esposa sem imprevidencias. E se êle, que lhe afiançam transfigurado, reincidir nos antigos erros — deixará de ser a mulher, continuando a ser, cada vez mais, exclusivamente, compensadoramente, no lar comum, a mãe dedicada, a escrava do culto em mercê dos filhos.

Mudará de casa, com o Baltazar, com os peque-

nos — oferecendo aos pais do marido a do Campo de Sant'Ana. Já pedira ao dr. Salgado o favor de lhe saber duma vivenda em condições, nos suburbios da cidade, ou na linha de Cascais. O padrinho ha-de vir estrear com êles o dôce refugio que se tornou o maior sonho e a melhor promessa da sua vida — o sonho que começa a despertar dentro déla as velhas seivas adormecidas, a promessa que ha-de faze-la renascer na floração do seu amôr. Convidará os sógros a passarem temporadas junto dêles — a sógra volvida a visita, não a mandar de senhora. Convidará a frequentar-lhes a intimidade, apezar de tudo, a prima Maria das Dôres, com os pais, com o irmão. As primas Noronhas, como todas aquelas pessôas que a renegaram durante a acção de divorcio, êssas não as convidará mais. Assim como dispensará os serviços da Mademoiselle, cujos exagerados escrupulos de consciencia se lhe teem tornado pouco a pouco insuportaveis, cuja má vontade pelo seu regresso á familia involuntariamente manifesta.

O auto pára junto de casa. Ela desce do carro num sobressalto, sobe a escada num alvorôço. Vai levar a grande noticia ao marido, vai dar aos sógros a ansiada satisfação. Os filhos, sentindo-lhe os passos no corredor, acodem a recebe-la, chilream de alegria.

— Já estamos prontos, mãesinha. Já acabamos de almoçar, mãesinha. A vó-vó do Estoril já perguntou ao telefone porque demoravamos tanto.

— Onde estão os avós?

A Clarinha, no seu vestido de passeio, o chapeu na cabeça, os olhos em festa, diz que os avós estão á mêsa, á espera da mãesinha para o almoço.

— E o Ruisinho tambem quere ir ao Estoril... A Clarinha diz que o Ruisinho não vai... — alega o filho, agarrado ao casaco da mãe.

— Vais sim, meu filho. A Clarinha queria brincar comtigo.

E parando á porta do quarto do marido.

— Ouçam. Os meninos vão dizer aos avós que não demoro, que vou já almoçar.

Os pequenos correm a intimar o despacho recebido. Ela abre a porta do quarto, o casaco de peles desabotoado de alto a baixo, o chapeu de feltro enterrado até aos olhos.

— Pronto! — diz, entrando, rindo para o marido, relatando-lhe o ocorrido.

— E's um anjo! — afirma Baltazar, ao beijar-lhe a mão, sentado no leito, a face já desbarbada, a fisionomia já colorida.

— Não sou anjo... sou mulher, apenas; mulher... e mãe — acentúa, no gesto brando e na terna expressão o traço leve de intencional advertencia.

E Baltazar, iludindo a resposta, contornando a advertencia:

— O Salgado não opôs dificuldades?

— Nenhuma. Ficou de apresentar o requerimento depois de ámanhã, por ámanhã ser domingo.

— Se não *erra* precisa aqui... então vou *almoçarre* para *irre* com meninos ao *Estorril*... A

avó pediu que *restassem* lá até ámanhã á noite... — diz a Mademoiselle, a lingua a prender-se aos *rr* e á sintaxe, as medrosas pupilas a furtarem-se á policia dos olhos embuçados de Isabel Maria.

— Sim. Podem ir almoçar. E se o tempo compuzer e os meninos forem á praia, cuidado com êles. E estava mais ou menos decidido que ficassem lá até ámanhã á noite. A'manhã veem jantar a Lisboa, han? E' verdade: O sr. Baltazar tomou o remedio?

— Não tomei. Não estava bem dispôsto.

— Eu dou-lho... — oferece-se a Mademoiselle.

— Vá almoçar... que eu cá trato do doente — contrapõe, interceptando-lhe o passo, despindo a luva, indo para a comoda, por traz do biombo.

— Olhe, Mademoiselle... — requere Baltazar, pelo que ela se mantem no seu pôsto. — Faça cumprimentos á sr.ª D. Catarina... Diga-lhe que lhe peço mais uma visitinha...

Cala-se, sobre a predica rapida o hiato do silencio. Isabel Maria, a garrafa na dextra, o copo na sinistra, estranha êste silencio. Sem querer, ergue os olhos ao espêlho da parêde — e estremece de assombro, e julga-se em pesadêlo. Mas não, é verdade. A Mademoiselle abeirara-se do leito. Baltazar inclinára a cabeça para traz. E a bôca pecadora dela correra a morder a bôca passiva dêle num instantaneo beijo de despedida.

Deixa tombar a garrafa e o copo no chão. Atordoada, nos ouvidos uma cachoeira, nas fontes uma enxurrada, arranca de traz do biombo.

Afronta-os, hirta, enorme, fulminante — Baltazar engasgado, Mademoiselle aturdida.

E grita, e rouqueja, o braço estendido:

— Hipocrita! Desavergonhada! Lá fóra!

— Mas...

— Isabel Maria... — tenta contestar o marido.

— Já disse! — clama, avançando para a franceza: — Rua! Já!

Nêste lance os filhos rompem no quarto, no regosijo de prestar contas da missão cumprida. Dão de cara com a mãe desvairada, a arremeter contra a Mademoiselle, e a acusa-la com ira, e a expulsa-la com violencia. Agarram-se ás saias da condenada, escudam-lhe o corpo com os seus corposinhos trementes, clamam em dueto de chôro e de angustia:

— Não, mãesinha! Não faças mal á Mademoiselle!

Ela suspende os impetos de reevindicta. E sentindo os passos dos sógros no corredôr, e olhando os filhos cingidos á franceza, larga porta fóra, passa junto aos sógros sem lhes falar, mete direita á escada sem se interrogar.

O porteiro pergunta se precisa o automovel.

Não lhe responde. Ao meio da praça, á passagem dum *taxi* vasio, faz sinal ao *chauffeur*, manda seguir para o Monte Estoril, mergulha no carro numa prostração de derrota. Não sabe o que quere, o que vai fazer, o que ha-de fazer. Sabe apenas, e isto lhe basta para seu governo, que o coração se lhe despedaça no peito, louco furioso batendo com a cabeça

contra as parêdes da prisão. E que é tudo negro em volta de ela. E que em tôrno dela se despenham torrentes.

Entra em casa da mãe e nem aviso lhe despede. Enfia para o seu quarto desarrumado, atira o chapeu para um lado, para o outro o casaco. Lança-se de bruços sobre a cama, e finca os dêdos nas fontes, e crava os dentes no travesseiro.

— Isabel Maria! O que é isso? O que houve?— inquire D. Catarina, daí a nada, perdida no labirinto das conjecturas, a filha aqui, inesperadamente, quando esperava os netos que não veem, a inquietação a pulsar-lhe na voz, o olhar cheio de espanto.

Ela não responde, não se mexe, não geme, não soluça — inerte, aniquilada.

O quarto da desolada tem duas janelas viradas ao mar. A chuva e o vento, a ensaiarem a sinfonia do velho e relho programa, fazem das vidraças das janelas os timbales da sua orquestra. E as vidraças são tal qual carpideiras chorando e soluçando desventuras alheias.

Atravez das frinchas das portas semi-cerradas espreita a medo a luz baça da tarde inverniça. Tudo se amplia ou altera sob a desmaiada poalha crepuscular. O pranto da chuva e do vento torna-se mais desolado e mais fundo. O corpo ondeante da dolorosa, estendido no leito, corpo de madona, fiel á linha esbelta da juventude, mas na reveladora espessura das formas que conheceram a paixão e a aleluia da ma-

ternidade, ganha a extensão e o volume das linhas esfumadas de sombras. Os espêlhos biselados do mobiliario e adornos semelham placas foscas de chumbo. O esmalte das pratas e dos cristais mal transluz na gaze da penumbra. E o chapeu florido, a um lado, é vaso abandonado no chão. E ao outro lado, o casaco de péles, é bicho enroscado no tapête.

D. Catarina, mais alarmada pela mudez e pela imobilidade do que pelo drama que pressente nas profundezas dêste negro aniquilamento, sacode-a de leve, implora de manso:

— Filha! Isabel Maria! Mas fala! Ao menos dize o que tens! Olha ao menos para mim!

— Deixa-me! — gorgoleja por fim, sentando-se na cama, os olhos esgazeados, os cabêlos em desordem.

E como se quizesse furtar-se a inquerito impertinente, salta bruscamente ao chão, mete apressada ao corredor, dirige-se enigmatica ao escritorio.

— Onde vais, filha? O que vais fazer, Isabel Maria? — insiste a mãe, seguindo-a a custo.

— Ao telefone! — responde, desabrida.

Vai ao telefone, realmente. D. Catarina acompanha-a e senta-se perto. Ela pede ligação para o Central 6448. Ah, o telefone do dr. Salgado!

— Então, menina! — suplica, impaciente, em exortação á telefonista. — Ora, as troncas impedidas! Veja se me conseguem ligação. E' para assunto urgentissimo.

Bem. Obteem-lhe ligação. E o dr. Salgado está no escritorio. E' êle quem fala ao telefone. Han?

Pede-lhe que não entregue o requerimento desistindo do divorcio? Ah, é isso! Houve coisa grave entre os dois, entre ela e Baltazar, no proprio dia em que ela se pronunciàra pela desistencia...

— Minha querida! — reincide a mãe, levantando do chão o casaco e o chapeu, mal a filha volta aos seus aposentos. — Dize o que houve!

— Deixa-me! Eu endoideço! Eu fujo daqui!

E entra a passear, numa agitação de possessa.

Mas, como descobre a mãe encolhida a um canto, muito calada, muito triste, arrepende-se dos desabrimentos contra o unico amôr que se ergue a seu lado.

Abeira-se da magoada. Senta-se-lhe á ilharga. E mais submissa do que escrava, e mais humilde do que a terra, abre a reprêsa das lagrimas, dá curso livre aos soluços.

— Filha! Minha filha! O que é isso?

— Perdôa, minha mãe! E' que sofro muito! E' que nem sei o que faço. — E aos arrancos, e aos sacolejos: — Mas foi bem feito! Eu é que fui a culpada! Por tudo, até porque me submeti ao sacrificio. Por tudo, até por não querer acreditar no que me diziam. Só via o desejo de lhe perdoar a êle. Era toda crença na hipocrisia dela. A desavergonhada, que não queria nada com pecadoras! A hipocrita, que fugia á convivencia das divorciadas! Sempre com o nome de Deus na bôca... Sempre a lêr a vida dos santos... São estas as que desacreditam os santos! São estas as que fazem descrêr de Deus!

— Isabel Maria! O que estás a dizer? Tu blasfemas, minha filha!

Sacudindo-se e praguejando, ela não levanta diques contra a cheia do desabafo — enigmatica, incoerente, sem sequencia logica, especie de delirio em estado de febre, quasi desvario em crise de demencia. Assim, ora acusa a hipocrita que abusou da sua boa-fé, ora lembra os filhos que lhe preferiram a desvergonhada. Argüe agora a monstruosidade do marido, que lhe corresponde ao sacrificio com a mais vil das traições, e logo renega da sociedade que não cura senão de cinicos convencionalismos.

— Filha! Minha filha! Escuta! Sossega esses nervos. Tranquilisa-te um pouco. Falas depois.

Ela cala-se por fim, na fadiga da jornada, no estonteamento da vertigem.

— Isabel Maria... — acaricia maternalmente D. Catarina. — Deita aqui a tua cabeça. Isso. No meu ombro. E descança o teu espirito. Depois falarás...

Isabel Maria, quasi colada á mãe, como na hora misteriosa em que era hospeda das suas entranhas, a cabeça no seu ombro, o lenço a enxugar os olhos, a voz a procurar a calma, afiança-lhe que está mais sossegada, pede-lhe que a deixe contar tudo. E põe-se a contar, palavra por palavra, passo por passo, a ordem do raciocinio corrigindo a desordem da alucinação. Recorda a sua generosidade, perdoando, correndo a perdoar, ao sabe-lo doente, sem mais se doer dos tratos recebidos — para o que concorreram, inconscientemente, as pessimas primas Noronhas, essas

grandes senhoras que sentam á mesa semi-mundanas confessas, embora clandestinas, e não quizeram em sua casa a semi-divorciada, imaculadamente honesta...

— Mas... como foi isso? Ainda me não contaste.

Contos largos — acrescenta a dorída, erguendo a cabeça do afavel encôsto, prometendo desfia-los em melhor oportunidade. Continua, diz das noites consumidas a lado dêle, sem um queixume, sem um esmorecimento, como se o amôr a enchesse de forças. Evoca alguns dos seus movimentos de ternura, como no fito de apagar na memoria do carrasco as agonias sofridas pela vitima. Por ultimo, nêste dia, em seguida ao almôço, vai ao advogado para a desistencia do divorcio. Os pequenos deviam vir ao Monte, segundo o que se combinara, com a... com a *franceza* — sublinha ironicamente, a dôr a velar a face da ironia. E no seu retôrno a casa, os pequenos preparados para a visita á avó do Estoril, entra no quarto do marido na sofreguidão de lhe comunicar a bôa nova... a nova da desistencia consumada em principio, pois falára já ao advogado, para que não apresentasse o requerimento ao juiz. Entra no quarto, onde a *franceza* ocupa o logar que a sua ridicula parvoice, que a sua ingenuidade simploria confiadamente lhe outorgára...

— Ah! Foi a Mademoiselle! — corta D. Catarina, a chave do enigma na mão.

— Relato o que se passou no advogado — continua, sem se deter. — E o meu querido marido, o ar-

rependido de quanto me fez sofrer, o hipocrita de quem não devo separar-me, por isso ser um crime contra a familia e contra Deus, o senhor Baltazar de Lucena... em vez de me agradecer o beneficio, esquece tudo, tudo o que fiz, tudo o que acabava de fazer, deixa-me saír de ao pé do leito, e beija a franceza e a franceza beija-o a êle! Vi eu, no espêlho por traz do biombo, ela e êle, bôca com bôca, no beijo da despedida!

— Meu Deus! Que monstros! — desafoga a assombrada senhora. — Eu bem te dizia! Todos falavam dela com o Baltazar. Tu não querias acreditar. Porque é muito virtuosa... Porque é muito seria... São as piores...

Isabel Maria, a cabeça pendida, os olhos nublados, acrescenta, afiança:

— Mas tudo isso... é-me indiferente. O que me oprime, o que me consome, é a figura que eu fiz, correndo para ao pé do homem que tentou sepultar-me num manicomio! Ah, que ridícula, que idiota! E ela, a cinica, a incitar-me a saír de casa, a dar-me razão quando me queixava dêle! Era já a sua amante, todos o viam, só eu não queria vêr! Mas isto pouco importa. O que me tortura, o que me desvaira, é o final da scena — quando queria expulsar de casa a desvergonhada... os meus filhos, minha mãe, olha que foram os meus filhos! meteram-se entre mim e ela, não ma deixaram expulsar! A' mãe antepuzeram a infame!

D. Catarina, no primeiro instante mergulhada nas

sombras da indecisão, abre a seguir claridades matinais na espessura da treva. E' preciso vêr com calma, julgar com serenidade : — os filhos não lhe antepuzeram a criatura.

Não conheciam — e ainda bem que os não podiam conhecer por emquanto — os motivos da justa expulsão. Querem muito á mestrosa, pela convivencia permanente de três anos. Porisso, ao verem a mãe a expulsar a amiga — o traste da amiga ! — sem conhecimento das razões justificativas do acto justiceiro, alarmaram-se, é natural, correram aflitivamente a proteger aquela que a justiça castigava...

Isabel Maria ouve-a, sem contestar, sem pestanejar — quasi não vendo a mãe afogada na semi-obscuridade interior. E a voz da mãe, sussurrante e cauta, flue, arrasta-se, alteia-se atravez do ralho choroso do vento e da chuva contra as vidraças, atravez do masculino vozeirão do mar, furioso, se avaliarmos do seu genio pelo tom das suas apostrofes, contra a prisão perpetua de rochêdos e areais.

A Ana previne da chegada da sr.ª D. Mafalda e do sr. João de Lucena. Entraram para a sala de visitas.

As duas senhoras encaram-se atonitas ao anuncio imprevisto. A filha nega-se a aparecer-lhes. A mãe põe-lhe em relêvo a inconveniencia — principalmente por êle, por João de Lucena, sempre tão seu amigo.

— Bem. Faça-se a tua vontade. Mas vai tu primeiro. Deixa-me criar animo.

D. Catarina, instando-a a não se demorar, mete á sala de visitas, a passo claudicante, pois a ferrugem do reumatismo emperra-lhe o jôgo das articulações.

Na sala confortavel, mobilada á inglêsa, os ricos sofás dizendo com os tapêtes de preço, o lustre de muitos pingentes de cristal sorrindo á luz tiritante das janelas abertas, D. Mafalda e o marido levantam-se á sua chegada. Cumprimentam-se. Os de lá perguntam por Isabel Maria. A de cá informa que vem aí. Muito bem. Precisam falar-lhe com urgencia. Ah, este tempo ! Uma chuva horrivel. Um inverno como não lembra. Para quem tem doenças, então, o inverno torna-se um suplicio...

Isto é alegado e carpido, no silencio de espectativa, pela voz lenta de D. Mafalda, encasulada nas suas peles de lontra. O marido, na poltrona da esquerda, cara a cara com D. Catarina, na da direita, leva os olhos melancolicos de movel em movel, de quadro em quadro, e ordenha tristemente o alvo leite das barbas apostolicas.

Gemendo e sussurrando, esconjurado o inverno, D. Mafalda abre os alicerces do edificio que vai construir — a face arrepanhada de mal contido azedume, o chapéu de velario ao lume dos olhos. Não ha nada mais facil do que a calunia — insinua — mesmo a calunia involuntaria...

— Conhece a Maria Joaquina Mertola ? — inquire de D. Catarina, no julgamento como Pilatos no Credo.

Aí tem um caso significativo da calumnia involuntaria. O José Varziéla — o Varziéla, da familia dos Coutinhos de Castro — entra a espalhar que Maria Joaquina era amante do *chauffeur*. E afinal, porque publicava tal calunia o Varziéla, de mais a mais aparentado com os Mertolas ? Por isto, que parece uma denuncia a quem o vê desprevenido — e que é a coisa mais inocente do mundo : porque a Maria Joaquina, ao seguir seu marido no automovel, que ia noutro auto com certa actriz, perdendo de vista o carro do doidivanas, perto da Amadora, desmaiou de desespêro. Porque o *chauffeur*, que por ser mecanico não havia de ser de pedra, sentindo-a desmaiada, parou o carro e lhe prestou soccorro. Claro : o Varziéla passava no momento, vindo de Sintra. Viu a Maria Joaquina nos braços do *chauffeur*. Não sabia dos antecedentes. E daí··· a involuntaria calunia.

— Ora o caso do meu Baltazar e da Mademoiselle, que a Isabel Maria lhe devia ter contado já···

— Perdão, senhora D. Mafalda, a minha filha não me contou nada. E··· se me dão licença, eu vou saber se ela vem ou não. Estava um pouco incomodada.

Deferida a solicitada licença, D. Catarina vai ao encontro da filha. João de Lucena larga a passear na sala, humilhado na antipatica cruzada. D. Mafalda, ao começo no *pizzicato* de violino em concerto, logo no badalar de sinêta em capela, arrola o activo das desconsiderações da nora.

— A'pre ! E' demais ! Aqui ha meia hora··· e sem

nos aparecer! E ainda não se sabe se nos aparecerá! Estas burguezas endinheiradas... reduzem tudo e todos a trócos miudos.

— Não fales nêsse tom. Ouvem-te lá dentro.

— E' p'ra que me ouçam, que falo assim!

— Mafalda! Eu vou-me embora.

— E' isto! Sempre por ela... e contra mim. Chega a parecer que tens...

— Que tenho o quê? — interpela, austero na figura e alto na interpelação.

— Nada. Deixa-me. Não me amargures mais a alma.

Mas a porta do fundo torna a abrir-se.

E agora, ao flanco do vulto grave de D. Catarina, alteia-se a linha sobria de Isabel Maria — a palidez no rôsto, a dôr nos olhos.

— Já calculou ao que viemos aqui... — recomeça D. Mafalda, observadas as regras do ceremonial. E como a nora se mantenha em silencio: — E' por causa do que se deu esta manhã... A Isabel Maria... sem querer, enganou-se...

— Enganei-me... em quê?

— No que viu... ou por outra, no que julgou vêr.

— Minha senhora...

— Essa agora! Então.. já não sou sua mãe?

— Perdão, senhora D. Mafalda — insiste, a serenidade a regular o registo da palavra e do gesto: — Eu peço o favôr... de não me falarem no assunto. Não me queixo... a não ser de mim propria. Portanto não se fala mais nisso.

— Ouça-me... senhora D. Isabel Maria. Dou-lhe o tratamento, como vê, a que o seu tratamento obriga. Acabou. Não procurarei convence-la a voltar para o marido. Êssas coisas fazem-se pelo coração... não se conseguem á força. Até aqui muito bem. Agora quanto a não se falar mais no assunto... ha-de permitir-me que dê ás aparencias o seu justo valôr.

— Só uma pergunta — contraria Isabel Maria, o incidente a animar-lhe a expressão : — A senhora D. Mafalda... viu o que se passou ?

— Não vi. Mas ouvi o meu filho. Mas ouvi a Mademoiselle. E conheço-os bem. Eram incapazas, nem êle, nem ela, do acto de que os acusam.

— Quere dizer ? Depois de tudo... ainda sou caluniadora ? !

— Mafalda ! A nossa missão está cumprida. Vamos. Não ha mais nada a fazer.

— Não ! Trata-se do bom nome do meu filho. Trata-se duma menina... cuja honra me está confiada. Hei-de esclarecer a situação dos dois.

João de Lucena curva a cabeça submetida. I abel Maria dispõe-se a ouvir os esclarecimentos impostos. D. Catarina reprime-se para não explodir.

O que fôra, afinal, o grande crime do filho e da Mademoiselle ? — pronuncia D. Mafalda, voluntariosa. Baltazar não tinha tomado o remedio. Isabel Maria fôra atraz do biombo para lhe dar a roupa. Ao sentar-se no leito, Baltazar descompõe. E a Mademoiselle, coitadinha, ali, a seu lado, no receio

de constipação, debruça-se sobre o leito para lhe aconchegar a roupa ao côrpo...

— E' falso! Não foi assim! Ele já estava sentado quando cheguei de fóra — rebate Isabel Maria, nervosa, indignada. E logo, travando os nervos, dominando a indignação: — Mas está bem. Caluniei-os. Sou uma caluniadora!

D. Mafalda, iluminando o sorriso de suavidades de santa no seu altar, afinando a voz pelo diapasão dos afectos a confessarem-se, insinúa, murmura:

— Não. Não é capaz de caluniar. Nunca a tive nêssa conta. Mas enganou-se. E' o caso do José Varziéla e da Maria Tereza de Mertola, que já contei a sua mãe, que tambem lhe contarei depois... E tanto se enganou... era facil, de traz do biombo... que os pequenos estavam no quarto, e êles não iam beijar-se na presença dos filhos... E tanto se enganou... que até os pequenos se puzeram a favor da Mademoiselle, injustamente acusada pela mãe.

— Han? O quê? Os meus filhos... presentes?! Os meus filhos... a favor da outra e contra mim?! — geme, de pé, os olhos coruscantes de aflição, o rôsto turvo de assombro. E subitamente desfalecida, e infinitamente quebrada: — Sim. E' certo. Até os meus filhos foram contra mim. Deem-me licença. Eu retiro-me. Eu não posso mais.

— Nós saímos tambem. Temos de ir cuidar do nosso infeliz doente — replica D. Mafalda, levantando-se com o marido. E para D. Catarina, sucumbida e muda: — Como é a ultima vez que venho a esta

casa, se Deus quizer... não saio, sem lhe dizer uma coisa. Digo-lha diante de sua filha, para que me desminta, se puder. Sua filha não foi feliz com o meu filho? Ela diz que não...

— Mafalda! Prudencia! Vê o que fazes! — interpõe João de Lucena.

— Mas olhe que o meu filho — avança, imperturbavel — tambem não foi feliz com sua filha. Fez-se um estroina? Era um cordeirinho antes de casar. Desde a separação, está uma joia de rapaz... Fez-se estroina porque, sendo casado, era como se não tivesse mulher, sempre em casa dos outros. E agora mesmo, se fôsse verdade o entender-se com a Mademoiselle — que o não é, pois êle respeita o seu lar, e ela é das raparigas mais serias do mundo — ninguem lho podia levar a mal. Quem era que êle encontrava em casa, ao chegar de fóra, antes de se separarem? A Mademoiselle. Quem era que êle via ao lado dos filhos, dia e noite? A Mademoiselle. Quem ficou ao lado dêle...

— E' demais! Não consinto isto em minha casa! — arranca D. Catarina, cortando-lhe a palavra, vendo a filha a desfalecer.

— Tem razão, minha senhora! Isto não se fazia! Isto não se tolera! — confirma o marido, tomando-lhe o braço, levando-a a reboque.

E ela, altiva, triunfante, na saída:

— E' que as verdades... custam a ouvir!

Isabel Maria, meio tonta, meio emparvecida, fica-se de olhos angustiados, nos olhos abismados da mãe.

E como a mãe lhe peça calma e resignação, ela põe-se em marcha penosa para as bandas do seu quarto. E porque ela siga na mudez do confrangimento, D. Catarina vai a seu lado, a tecer-lhe confôrtos piedosos, a adoçar-lhe as agruras do caminho. E ao entrar no quarto tomba outra vez sobre o leito, desta vez num chôro sentido e ansiado como os soluços do mar.

— Que desgraçada! — comenta, desafóga. — E tudo... tudo por ter dinheiro! Por não ser pobre. Se fôsse uma pobresinha... sem eira nem beira... deixavam-na divorciar-se, não teria senão as suas culpas... talvez mesmo as suas proprias culpas lhe fossem diminuidas. Assim, ela é a culpada dos vícios do marido. Ela é a responsavel pela ligação com a desavergonhada... das mais serias raparigas do mundo! a que o não beijou, a que se debruçou, coitadinha, para lhe compôr a roupa no leito! E até, por não ser pobre, meteu em casa a mestra dos seus filhos, a que havia de expulsar de casa a mãe dos seus alunos.

— Filha. Sosséga. Que te importa o que diz a megéra?

— E' que... — reprime os soluços, fita o vago, arrisca, argumenta: — Eu propria, minha mãe, depois de a ouvir... eu propria me pergunto, se me não teria enganado.

— Sim, Isabel Maria. Se os pequenos estavam no quarto... se tu estavas atraz do biombo...

— Vês?! — repreende, amargurada, antes que ela

conclua a declinação da sua duvida. — Até tu, minha mãe! O que farão os outros? Mas vi, vi-a com a bôca dela na bôca dêle! Vou-lho dizer pelo telefone, hei de dizer-lho ainda hoje. Tudo mentira, desde a regeneração do devasso, até á explicação do sucedido! Os pequenos não estavam no quarto! Vieram quando gritei a expulsa-la! E não se puzeram a favor dela, não ficaram contra mim! Inocentes do que se passava... pediram misericordia a favor da infame!

Arfando e emudecendo, Isabel Maria range os dentes colericos, as mãos fincadas na cabeça. D. Catarina, por seu lado, aterrada, no receio do crescer da vaga de revolta, faz por chamar a bonança aos impetos do temporal, afiança-lhe que não põe em duvida aquilo que ela vira, convoca-a á paciencia e ao perdão das almas bondosas.

Os bramidos do mar, agora sem o acompanhamento do tamborilar da chuva nas vidraças, erguem-se, alastram num troar longinquo de batalha — e o sussurro do recuo da onda chega cá acima num estortoroso farfalho de gemidos. Parece que as aguas salgadas, que foram antes evaporação de hôrtos e florestas, que desceram das nuvens do céo, que correram os leitos dos rios, que rugiram no tumulto das cachoeiras, trazem de memoria todas as vozes aprendidas no fado da vida errante. Mesmo batidas pelo temporal, ululando os rugidos dos declives fraguentos, não esquecem a surdina das folhas, de quando foram orvalho nos arvorêdos, não ol-

vidam o cicio das espumas rendadas, de quando foram sangue dos moinhos. Assim, a cada rugido do leão, sucede, macio e ciciante, o rumor do arrastar de folhas no chão, o murmurio do correr de espumas atraz de espumas.

— Olha, Isabel Maria — preceitúa D. Catarina, afavel, sincera: — E' preciso reagir. Que te importa o que dizem os maus? Só tens que dar satisfações á tua consciencia... e aos teus filhos.

Ela estende os braços, faz um esfôrço, e sai do leito. Sim — concorda, observa para comsigo. E' preciso reagir. E'-lhe indiferente que lhe atribuam culpas alheias ou que lhe chamem caluníadora. Sim. E vendo melhor, parece-lhe que foi ela que o beijou a êle, que êle se deixou beijar por ela. Mas que importa? O crime é o mesmo. E não quere saber mais disso. Porque só uma coisa lhe doi, imensamente: é que os seus filhos... entre ela e a outra, se revelassem pela pecadora...

Já se não vê nada no quarto. Abre uma das janelas — precisa de luz, precisa de ar, para não acabar ás escuras, para não morrer abafada.

A chuva estiara. As arvores torcem-se, histericas, nos braços lascivos do vento. As nuvens marcham, pesadas, abrindo aqui e além misericordiosos rasgões por onde a pupila azul dos céos espreita risonha.

Ao poente, na linha rubida do horisonte, de todo môrto, todo ensanguentado, o sol desce á sepultura — semelhando a cabeça degolada do Baptista no

prato aureo da Salomé. E é ela que dança, á certa, por traz das nuvens, que redemoinha com o prato alçado á vista erotica do Tetrarca, pois as aguas, em baixo, estremecem, palpitam, vibram, ondulam, agitadas sob o pé ligeiro da nubil bailadeira...

XIII

— Não. Não ha estação de inverno que se ponha ao lado da nossa *Costa do Sol.*

— A *Côte d'Azur.*

— Estive na *Côte d'Azur* quatro vezes, no outôno uma, três no inverno. Em fevereiro... ao ar livre, nunca lá senti esta atmosfera de carinho. Parece que andamos metidas num regalo.

— Ora, em Nice...

— Ah Livia! Ingrata! Desnacionalisada! Nem em Nice, nem em Napoles mesmo. Nêste tempo... nunca senti este bafo de ternura. Lembra o halito das nossas mães... de quando nos cantavam coisas lindas ao ouvido. E a baía... olha a baía, lá ao fundo. E' o espelho emoldurado de sua grandeza o Céo Azul. E os campos... estes campos enfeitados de amendoeiras florídas — repara, não lembram meninas da comunhão, com os seus veusinhos brancos, com os seus vestidinhos côr de rosa?...

Isabel Maria e Livia descem dos altos da estrada de Sitiais, na descaída para o Monte Estoril, partilham o tepido sendal do sol amigo, respiram o ar

balsamico da costa vêrde, banham a vista enfeitiçada na baía azul — esta quieta, extatica, lampejante, toda rastejada de lustros de setim passado a ferro de engomar.

— E' a melhor epoca dos Estoris — condescende Livia, o *lorgnon* em riste: — Os Estoris, no inverno, são o jardim das delicias. No verão... contestas? são o horto das tormentas... por causa dos nordestes. Ah, confessas! Os Estoris e Cascais! Porisso se dizia dantes, na era em que não havia ainda Estoris, e a Cascais se vinha de berlinda ou liteira, só na epoca dos banhos, isto é — só no verão: — Uma vez a Cascais e nunca mais. Diriam... cem vezes a Cascais, e mais, e mais, se cá viessem no inverno, como nós.

— Vês? Agora estou de acôrdo — assina a amiga, sorvendo o ar em haustos de sedenta: — E isto afigura-se-me mais bonito... desde que me decidi a deixa-lo.

— Não deixas. Isso passa-te. Viste como êle, afinal, apezar de todas as virtudes da franceza, foi o primeiro a despedi-la, contra o voto da mãe. A carta que te escreveu, afirmando-se regenerado. E está, ao que toda a gente diz. Já não joga, já não frequenta clubs. Depois a vinda dêle aqui. Não o recebeste...

— Não o recebi, nem recebo! Depois de tudo o que se passou... Era preciso que eu fosse a ultima das mulheres!

— Mas se êle estivesse de facto arrependido e regenerado...

— Arrependido o Baltazar! Regenerado aquele homem! A franceza foi quem o beijou, na tal tarde tormentosa? Muito bem. Mas o que havia entre eles a autorisar êsse beijo? Isto em primeiro logar. Em segundo logar... eu conheço-o como ninguem. E já não posso vencer a repugnancia que estas coisas me causam. No fundo de tudo... só vejo o interesse pelo meu dinheiro! Não negues. E' assim mesmo. Disse-lho e faço-o... O juiz, ao lernos a sentença de divorcio, ouviu-mo dizer e não me censurou: — se continúa a perseguir-me com pedidos ou ameaças... pego nos pequenos e vou viver com êles para a Italia.

— Escuta. Estava com a ideia de te fazer uma pergunta, e não me lembrou mais. Quando lhe disseste isso na presença do juiz, êle não te respondeu... nada, além daquilo que me contaste?

— Nada... o quê? Não me recordo.

— Não te respondeu... que te faria chorar lagrimas de sangue, se persistisses na tua intransigencia?

— Não respondeu... Hum... Foi ha cinco dias. Se me tivesse dado êssa resposta, não me esqueceria. Mas a quem disse êle que fez êssa ameaça?

— Ele não disse que te fez a ameaça. Ele disse-me a mim, creio que o diz a todas as pessoas das suas relações, que a tua obstinação... te custará lagrimas de sangue.

— Compreendo-o... — anota Isabel Maria, retardando o passo, rindo com amargôr. — Convenceu-

se de que me não domina pela ternura. Experimenta vencer-me pelo mêdo...

— Talvez.

Engana-se. Entre matar-se ou transigir não hesitaria... matava-se. Lagrimas de sangue! Ainda por cima! Queria então o senhor Baltazar de Lucena que ela fosse apenas o docil instrumento dos seus caprichos e das suas imposições? Mentira-lhe ao coração e faltara-lhe ao dever — isto durante anos de casados. Separam-se. Em vez de se corrigir... e afirmam que se corrigira!... conserva em casa, junto dos filhos, e dos pais, a propria amante. Acontece-lhe o desastre do automovel. Ela corre a acudir-lhe. Ele, em vez de expulsar a amante á chegada da mulher, deixa que a mulher se cubra de ridiculo, confiando-o á vigilancia da santa desavergonhada. Mais: em vez de lhe fazer sentir, que o regresso da mulher a casa pôs ponto final nas relações com a amante, consente que ela o beije quasi na sua presença. E porque a mulher ofendida, na consciencia da sua dignidade, se solta das amarras vexatorias, se nega a toma-las de novo... cuidado! se não faz-lhe chorar lagrimas de sangue! Pois é por essas e por outras.., que não deve hesitar. O caminho está traçado. Pega na Clarinha e no Rui e abala com êles para a Italia. E que vá lá fazer-lhe chorar as tais lagrimas de sangue! Custa-lhe... por sua mãe, pelo avô dos pequenos. Custa-lhe pela sua querida Livia. Até pelo seu paiz... onde tantas lagrimas tem chorado, já não sabe se de sangue, se de fel. Mas precisa pôr-

se a salvo das investidas dos energumenos. Precisa fugir desta tôrpe sociedade, que frequenta simultaneamente a igreja e o bordel, que está com Deus e com o diabo, que se nega á divorciada inocente e pactúa com o divorciado criminôso.

Caminhando e escutando, Livia interrompe-a na necessidade de pôr á margem cauta advertencia.

— Talvez não devesses preveni-lo das tuas intenções...

— Ora, que tem isso ? Os filhos pertencem-me por sentença. São meus de direito. Hão-de ser meus de facto: — Detem-se um instante, sorri, alagada de comoção, acentúa, penetrada de confiança: — Viste lá bocado, ao sairmos ? Como o Rui abraçou e beijou a sua mãesinha ?

— Vi ! Vibrava de ternura. E' inteligentissimo. Tão pequenino... e parece querer compensar-te das violencias do pai.

— Ah, minha amiga ! E' que aquela atitude dêles a favor da mestra, que na ocasião me desvairou de dôr, que hoje lembro sem magoa... considerando-a natural consequencia do êrro comum de egoisticamente confiarmos á arte de estranhos os primeiros cuidados do amôr de mãe... êssa punhalada abriu-me os olhos, ou acabou de mos abrir. Tens sido testemunha do que venho fazendo no afan de conquistar os meus filhos...

— Se tenho !

— Tens visto o que faço, a exaltação amoravel em que o faço... a ponto de minha mãe me chamar

excessiva. O Rui está quasi conquistado. Já não prefere o pai e os avós de Lisbôa á mãe e á avó do Estoril. A Clarinha ·· êssa tem custado mais. Mais velha, mais aferrada á convivencia do pai, dos avós, não a tenho ainda por mim, na medida dos meus desejos. Mas hei-de conquista-la tambem. Pelo menos... hei-de torna la tão amiga da mãe como do pai, e da avó do Estoril como dos avós de Lisbôa.

As conveniencias mandam-lhes guardar a conversa para casa, pois estão já no povoado, na rua que se precipita do Alto de Palmela e vai morrer ás bordas do mar — entre graves vivendas á antiga e casinhas *coquetes* á moderna, as modernas e as antigas no meio de arvores familiares.

— O jardim começa a sua hora de encanto — observa Isabel Maria, na travessia do jardim da *vila* materna. — Não sei viver sem arvores e flôres.

— Flôres querem-se com flôres···

Ela não comenta o madrigal, a voz sonora dobrando em gorgeio á porta de casa:

— Rui! Meu filho! Senhor D. Rui! — Como ninguem lhe responda, grita mais alto, na subida da escada interior: — Rui! Meu amôr! — E apreensiva, no corredôr deserto do primeiro andar: — Ora esta! Parece que não ha viv'alma nêsta casa! Joaquim! O' Joaquim!

— Talvez ainda estejam na praia.

— Ana! — grita de nôvo, mais forte.

— Minha senhora... — diz de lá do fundo a criada, tarda no passo e pêrra no responder.

— O menino Rui ?

— O menino Rui... não sei, minha senhora.

— Êssa agora ! Então não veiu ainda da praia ?

— Não obtendo confirmação nem negação, apreensiva sob a toada enigmatica da criada, sobe á sala de estar, no fito de se esclarecer com a mãe. Mas D. Catarina, estirada no sofá, as palpebras inchadas do chôro recente, á aparição da filha baixa a cabeça e esconde a face.

— Mãe. O Rui ?

Não tendo resposta, aflitivamente interpela :

— Onde está o meu filho ? Caíu ao mar ?

D. Catarina, os olhos congestionados no chão, jura que não caíu.

— Mas onde está ?

A mãe volta a chorar, engasga-se com os soluços. A filha vai ao encontro da criada, brada em ansias de agonia e de terrôr:

— Ana ! Onde está o menino ?

— Sim ! Onde está ? — reforça Livia, no tom e na expressão o alvorôço da amiga.

A criada gagueja :

— O menino... não sei. O Joaquim é que foi vêr se o apanha. Levou-o o senhor Baltazar.

— O senhor Baltazar ? ! Levou-o ? Para onde o levou ?

O Joaquim viera com o menino da praia. E vai ela, que estava por acaso no jardim, pede ao Joaquim que o deixe ficar a seu lado, emquanto a senhora D. Catarina não chama.

— E depois ?

Depois, o menino põe-se a brincar ao pé do portão. Ela, á beira dêle, regalada de o vêr na brincadeira. Nisto, aparece um automovel. O senhor Baltazar desce do carro. Pega no menino... assim, como quem o quere beijar. Salta para o automovel com êle ao colo. Ela grita pelo Joaquim...

— Ladrão! Bandido! — acusa, uiva Isabel Maria, de relance no segrêdo do mais que não diz. Mas cairía de costas, desamparada, se a amiga e a criada lhe não amparam o côrpo ferido de vencida.

Sentam-na numa cadeira. Banham-lhe os temporais.

Ela reage daí a nada. E agora surda às observações da mãe, alheia aos informes da criada, aquela a edifica-la na prudencia contra as cegueiras da excitação nervosa, esta a noticiar que o Joaquim e o Francisco saíram no automovel atraz do senhor Baltazar, Isabel Maria decide:

— Já. Um carro. Vou a Lisbôa.

— O carro, foi nêle o Joaquim...

— Um carro de praça! Não demores dois minutos! — Dirige-se á mãe e á amiga: — Vou ter com o pai do infame. A segurança dos meus direitos de mãe... está garantida pela palavra de honra do sr. João de Lucena.

Emquanto a Ana não vem com o carro, ela entra no quarto *toilette*, a fingir de serena, a serenidade a atraiçoa-la.

Quasi se não despede da mãe.

Vai calada, amarfanhada, sentindo-se uma vez mais vitima de si mesma — da lealdade que pozera nas declarações contra as arremetidas de Baltazar. E aí tem, nitido, flagrante, em movimento, a acomete-la de frente, o projecto das lagrimas de sangue. Tirára-lhe o filho, violentamente, talvez a propria filha — arripia-se de horrôr ao pensa-lo — para a castigar da sua justa intransigencia, ou para a forçar á capitulação e á passividade. Mas não. E' impossivel que lhe tenha levado os filhos... o que seria um abalo excessivo para o avô, prêso pela palavra de honra á segurança dos pequenos.

Pelas alturas de Paço de Arcos encontra o seu carro e os seus criados de retôrno. Ah, já não apanharam o carro do senhor Baltazar e do menino! A pressa de Baltazar em fugir... surge-lhe no traço vigorôso de irremediavel certeza.

Toma o seu carro — pagando o de aluguer, aceitando a companhia do Joaquim, que póde servir-lhe em emergencia dificil.

Livia pede-lhe que não desanime. O pequeno está em casa, com o pai, com os avós. Ele quiz apenas obriga-la a ir lá a casa... a vêr se assim a convence.

— Não. Nunca! Cada vez mais irredutivel! — Cambía de tom, lamenta dolorida: — A minha cabeça! Nem me lembrei. Podia ter telefonado ao doutor Salgado para que fôsse à policia.

— O' filha, não! Isso dava em escandalo. Verás... não ha de ser preciso.

— Depressa, Francisco! — ordena ao *chauffeur*, os nós dos dêdos de despertador nos vidros do carro.

Acaba de declinar a sua ordem, porém, e o motôr afrouxa de celeridade, e o carro pára de repelão, em frente das cancelas corridas da passagem de nivel.

— Que massada! Nem de proposito! E' tudo por êle e contra mim. Já não encontro o meu filho.

— Encontras. Sossega. Tem esperança.

O comboio apita e ruge, na velocidade peculiar aos rapidos, na rota descendente de Cascais.

— Depressa! — repete, mal as cancelas desempedem a via ordinaria.

— O Baltazar viu tudo perdido... — insinúa Livia, como fêcho de raciocinio estabelecido em silencio. — O divorcio decretado... Os filhos entregues á mãe... E joga nêste momento a ultima cartada.

— Mas perde. Juro-to! Prefiro morrer... a desistir.

Quando o carro se detem, junto do portão de casa, ela salta ao passeio, na leveza de felino no rasto da presa.

— O senhor Baltazar? — pergunta ao porteiro, que se perfilára, surprezo.

— O senhor Baltazar .. saíu de manhã, não o tornei a ver.

— E o menino Rui... não estará lá em cima?

— Que eu saiba... não está, minha senhora.

— Vês? — geme para Livia, desalentada.

— Podia ter entrado... sem que êle reparasse

Sobe apressadamente, a amiga atraz dela. Depara-se-lhe o Teotonio no corredôr. E logo dispara, ansiosa:

— O menino Rui ?

— O menino Rui... está p'ró Estoril.

Despede direita á sala de trabalho. Ao lado da costureira, D. Mafalda, de roupão de flanela e oculos de tartaruga, vistoría o acabamento dum corpête de seda.

— O que ? Por aqui ? — interroga, espantada, as meninas dos olhos ao parapeito dos aros superiores dos oculos.

— O meu filho ?

— Qual ?

— Qual ? O Rui.

— O Rui ?! O Rui... está em sua casa.

— Não está... — lamuria, desalentada. — O senhor... Baltazar de Lucena... tirou-mo... fugiu.

— O meu filho tirou-lho e fugiu ? Não... aí deve haver engano.

Ela esquece a costureira, renega das conveniencias, arvora a sua indignação, indaga do paradeiro do filho.

D. Mafalda, blindada de aparente tranqúilidade, cita-lhe a prudencia por amor dos estranhos. Não lhe regateia razão, embora lhe receite calma e senso. Porque, se é de boa mãe procurar o seu filho, é de bom conselho lembrar-se de que Baltazar, pai do seu filho, não ia buscal-o por mal. Tinha saudades... O pequeno já não vinha a Lisboa... ha mais de duas

semanas. Foi busca-lo, na necessidade de o ter ao seu lado. E antes da noite... êle o reporá ao lado da mãe.

— Mas a sr.ª D. Mafalda tem a certeza d'isso? — inquire Livia, a esperança a espreitar por traz da mágoa.

— Certeza, certeza... não tenho. O Baltazar não me falou no assunto. Eu digo o que penso... por conhecer bem o meu filho.

Sentindo os passos do marido no corredôr, D. Mafalda propõe a transferencia para a sala de visitas. Não está certo o recebe-las aqui... pede perdão do á vontade do seu trajo.

Quasi esbarram com João de Lucena, em alaridos de espanto pela vinda de Isabel Maria a sua casa. A que deve a feliz surpreza? Ah, a Clarinha anda a brincar no jardim, aproveitando o belo sol de Fevereiro. Mas o que é isto, afinal? O que a trouxe por cá?

Esta pergunta é já formulada sob o frêsco mitologico do tecto do salão nobre, onde desabrocham florações de ninfas em ritmos de dança.

E sentando-se, e carpindo-se, ela esclarece:

— Estou numa aflição enorme. O Baltazar fugiu com o Rui, no automovel. Para onde? Não sei. O sr. João de Lucena deu-me a palavra de honra de que podia confiar os meus filhos ao pai...

— Ouve, João — intercepta D. Mafalda, por sua vez o marido de olhos esgazeados no imprevisto da noticia: — O Baltazar andava ralado de saudades

pelo pequeno. Já o não via... nem êle, nem nós... ha uns bons quinze dias. Ora se ela é mãe, êle é pai... E como não ha divorcio capaz de riscar do coração aquilo que Deus lá escreveu... com as saudades, foi buscar o filho, foi dar com êle o seu passeio de automovel... e a esta hora deve tê-lo repôsto em casa da mãe.

— Mas... como foi isso? Não percebo nada...

Livia, sentindo Isabel Maria afastar-se da scena e dos seus personagens, informa João de Lucena, relata-lhe a cronica do rapto.

— Dão-me licença? — pede Isabel Maria, de pé. — Precisava de ir ao telefone.

— Ora êssa! Está em sua casa... — observa D. Mafalda, afectuosa. E arteïra, adivinhando: — Quere falar talvez para o Estoril, para casa...

— Quero.

— Daqui... não pode. Bem sabe. Ha muito que não temos deposito. Só duma *cabine* publica.

— Tem razão. Nem me lembrava. — E sondando D. Mafalda, e profundando-lhe a expressão: Diga-me. O Baltazar... não me teria roubado o Rui?

— Roubado... com franqueza... O meu filho não é nenhum ladrão.— Afaga-a e absolve-a em palavras suaves, acrescentando: — Sim, eu perdoo-lhe. Vejo que está aflita. Porque, compreende... mesmo que lho tirasse, não lho roubava. E' pai. E se ha uma lei a dizer que o filho pertence á mãe, essa lei é dos homens. Pela lei de Deus... os filhos são de quem lhes tem mais amôr.

— Mafalda — arremete o marido, em brusco golpe contra a prédica virtuosa: — Dize. Sabes alguma coisa? Eu... nada sei.

— Nem eu. Nada de positivo. Sei apenas que êle andava ansioso por vêr o filho. Parece-me, porisso, que o foi buscar para o vêr.

— Senhora D. Mafalda! — suplica, abatendo-se, humilhando-se: — Se sabe do Rui... diga-me tudo. Tire-me dêsta angustia!

— O' minha filha! Eu não sei! Já lhe disse!

— Tu compreendes, Mafalda... — insiste João de Lucena, descrente da sua apregoada inocencia. — Eu não estou para abalos dêstes. Êstes abalos matam-me. Se sabes do pequeno... dize onde está!

— Isso ofende-me, João! Eu não brinco com coisas serias. Tenho a certeza de que o nosso Baltazar não lhe tirava o pequeno. Diz-me o coração que o levou outra vez a casa da mãe. E mais nada. E não digo mais nada.

Isabel Maria levanta-se, enervada e não convencida. Despede-se. Vai saber se o filho está ou não no Estoril. Depois diz para cá. Sim, o senhor João de Lucena póde ficar tranquilo. Não, agora não quere vêr a Clarinha. Tem mêdo dos nervos. Se o Rui já estiver no Estoril, manda por ela, para a vêr, para a beijar...

— Adeus. E vá certa d'isto... — assevera D. Mafalda, a voz um fio de mel, o sorriso um alvôr matutino: — Eu só quero o seu bem.

Lá fóra nega-se á *cabine*. Tem mêdo do que quere saber. Manda rodar para o Monte Estoril.

Não fala. Não se pronuncia. Mas no rôsto convulso lateja-lhe a duvida e a inquietação.

— A minha cabeça! — monológa, a meio caminho: — Podia ter ido ao advogado. Podia lá ter mandado o Joaquim.

— Não ha-de ser preciso. Ele já deve estar em casa.

— Deus o queira! Deus te ouça! Eu endoidecia... se mo levassem.

Sobe a escada a chamar pelo filho.

A Ana surge, encolhida. A Ana comunica, dorida:

— O menino... ainda não veiu.

— Não veiu ?! — solfeja, em desvairo. E tomba para o lado, em pleno corredôr, numa gargalhada convulsa, os nêrvos quebrados, as articulações pêrras, os olhos cerrados, a bôca escancarada.

— Estou pronta, minha mãe. Vamos ?

— Espera um tudo-nada. E' muito cêdo.

— São oito horas. O comboio parte ás dez. Daqui a Lisboa gastamos uma hora e minutos.

E dizendo, e trafegando D. Catarina acerta os retoques finais do vestuario.

A filha, encostada á porta do quarto toucadôr, o casaco vestido, o chapeu enfiado, a malinha na mão, olha tudo em volta numa melancolia de incerteza e de saudade — na febre e no mêdo de saír do abrigo materno.

No que se transformára a sua triste vida ! Desde que resolvera solucionar a sua crise domestica pelo divorcio, e mais de dôze mêzes iam transcorridos, as situações amargas sucediam-se sem intervalo sensivel. Os insultos de Baltazar. A interdição por demencia. A morte da madrinha — de cuja responsabilidade o padrinho lhe averbava uma quota parte. O regresso a casa do marido, disposta a perdoar. A scena do beijo da Mademoiselle, e as angustias que dela resultaram. A declaração do divorcio, que o juiz apressára, indignado contra as violencias do arguido. Por fim . . . a ultima brutalidade, o golpe de *apache* do rapto do filho, que por pouco a não matava . . .

— Vês ? Estou pronta. Só mais um instantinho. Ai, esta perna direita ! Não me deixa mexêr.

Isabel Maria não a ouve, ou se a ouve não lhe responde. Que dia horrivel, êsse, o do rapto do filho ! Não o evoca sem arrepios. A sincope no retôrno a casa. A volta alucinada a Lisbôa. A comoção do advogado, que fizera intervir no caso a policia, sem consequencias favoraveis. A inquisitorial afabilidade de D. Mafalda na presença das suas explosões de angustia e de revolta. A noite pavorosa de crença e de descrença. A crise de coração que lhe ia custando a vida . . .

Ah, não se morre de dôr ! Porque, se a dôr matasse, ela tinha morrido nêssa noite.

— Vês ? Não gastei mais de cinco minutos.

— Sim, minha mãe. Compreendes . . . póde haver uma *panne* no caminho. E' bom irmos com tempo.

— Por mim . . . é que se não espera . . .

Seguem de braço dado, a filha amparada á mãe. Os criados formam á porta do jardim. Mentira-lhes — dissera-lhes que ia passar uns vinte dias de convalescença numa casa amiga do Ribatejo. A Ana despede-se, plangente e lacrimosa. O Joaquim deseja-lhe saude e breve regresso.

A manhã, docemente feminina, touca-se de azul e veste-se de flôres. O céo é campo imenso coalhado de hortensias floridas, que o sol soberbamente passeia a seu gôsto. A terra é amarrotada toalha vêrde, dêste vêrde leitôso de Abril, ainda humido das entradas maternas, toda ela pomposamente enfeitada de gemas naturais.

A baía, á direita, ao rez da colina, é liso tapête de desenhos e coloridos raros, de extremo a extremo pontuado de lantejoulas, a oferecer-se á quilha e á prôa dos trasatlanticos em demanda do Tejo.

E Isabel Maria aí vai, ombro a ombro com a mãe, na derrota de enigmaticos destinos.

O divorcio é porto de abrigo dos mal casados — tantas vezes lhe tinham dito. Na crença do proverbio, mal casada ... rema no sentido do abrigo necessario. E como o mar bravo da vida de casada era bonança, afinal, se lhe punha em confronto o mar tormentoso do pôrto de salvamento!

Não quereria voltar ao principio. Reconhece que é demasiado tarde — e bem alto lho significára a tentativa frustrada de reconciliação do ultimo Dezembro. Mas doi-se de não ter pesquizado outro rumo, na hora propria, em beneficio da paz geral. Porque, embora

sofrêsse muito no trato com o marido, não faria sofrêr por ela e com ela as outras pessoas da familia. E sempre conservava a sua casa, os seus filhos, e as bôas graças de Deus, e as falsas estimas da sociedade — tudo perdido agora, pois não há forças que a obriguem a tornar para traz.

Julgava êle que raptando-lhe o filho a obrigava a transigir. Dissera-lho claramente, abertamente na carta escrita de S. Sebastian, em vesperas de passar á Suiça com o pequeno, quatro dias depois de lho ter levado do Estoril. Fôra-o buscar ao Estoril... na necessidade de lho tirar quando confiado á vigilancia materna, em respeito á garantia da palavra de honra do avô desde que se encontrasse sob o tecto paterno. Levára-lhe o Rui e refugiara-se com êle no estrangeiro, em primeiro logar para se convencer de que o filho não era só dela, mas dêle tambem. Em segundo logar... para lhe sacudir o sentimento, para lhe mostrar que nunca mais o veria se insistisse em não querer o pai junto de si.

Confessava-lhe as loucuras anteriores ao pedido do divorcio. Não negava o beijo da Mademoiselle naquela manhã de agonia. Mas jurava simultaneamente o seu arrependimento por tudo quanto fizéra, pelas dissipações e orgias que perpetrára, pelo beijo que na ocasião não provocára. E estava disposto a ser, sob o seu perdão, o marido que quizera ter sido sempre...

Novamente mulher de Baltazar, do homem que não soubéra senão mentir, mentir ao amôr, mentir á dignidade, mentir ao devêr!

E estremecendo, e reprimindo-se, Isabel Maria sacode nervosamente a cabeça.

Não. Até o seu corpo sensivel o repele, arrepiado de nausea. á lembrança do inevitavel contacto.

Não desistirá, apezar de tudo. E vai ao encontro do raptôr, clandestinamente, armada das sentenças dos tribunais, confiada nos papeis do Ministerio dos Estrangeiros, na esperança de que as autoridades de Genebra, onde Baltazar se fixára com o filho, ha dois mezes, lhe façam a devida justiça.

Se falhar esta derradeira tentativa, pois todas as demais caíram e se pulverisaram inuteis, morrerá de dôr, enlouquecerá de desespero, mas não se submeterá ao arbitrio do delinqüente sentado na cadeira de juiz...

— Não sei o que me parece—observa a mãe, segunda vez quebrando o silencio. — Ires assim sosinha, por êsse mundo de Cristo...

— Oxalá êle seja de Cristo.

— A minha doença! Não ia senão servir-te de estôrvo.

— A tua... A da mãe de Livia. Porque se a D. Conceição não adoece... a Livia ia comigo. Deus não quere. Quere que seja eu só a afrontar as iras do leão.

— Ele, em Genebra, não tem os amigos de Lisbôa. E toda a gente diz: — com as autoridades da Suissa não se brinca.

— Veremos. Deus vá na minha companhia.

Calam-se de nôvo. O auto, aos solavancos, navio m onda sôlta, corta a rua de Pedrouços, rasga por

entre casas ladeadas de muros e jardins empenachados de palmeiras.

Depois é Belem. E aqui, na luz formosa da manhã, o mosteiro dos Jeronimos ergue ao céo, na fuga dos pinaculos, na floração dos cogulhos, no arco iris das arquivoltas, o côro mistico das eternas ansiedades humanas.

A dela é tão grande! A Senhora de Belem, padroeira dos que se afoitam aos mares largos, lhe deite a sua benção piedosa...

De Alcantara arrancam para as Necessidades, e sobem á Estrela, e descem a Campolide.

— Estamos na estação... — diz a mãe, os olhos postos na arcaria do aquedúto das Aguas Livres.

— Parece que sou eu quem vai praticar um roubo. Nêstes cuidados todos... para que êle não seja prevenido. Mentindo a criados e amigos... Vindo tomar o comboio á estação de Campolide num automovel de aluguer... E eu sei lá se o não previnem do proprio Ministerio dos Estrangeiros...

— Tem confiança em Deus. Ele ha-de proteger-te.

O carro pára. Isabel Maria apeia-se e ajuda a apear a mãe — emquanto o *chauffeur* entrega a um carregadôr os volumes de mão.

Avançam no rumo da *gare*, D. Catarina apoiada á filha.

— Olha! A Livia! Chegou antes de nós.

De facto, Livia, o casaco de peles a avolumar-lhe o traço esguio, fita-as atravez do *lorgnon*, marcha ao encontro das recem-chegadas.

— Viéste muito cêdo!

— Ha dois minutos — contrascena a amiga, na repartição do beijo de afecto por mãe e filha.

— E aqui estamos... com os cuidados de quem vai praticar crime — suspira D. Catarina dolorida. — E eu sei lá se alguem conhecido nos viu vir para aqui!

— E se visse? — diz Livia. — Toda a gente sabe que o *Sud* não pára em Campolide. Ninguem supõe que a Isabel Maria vá á Suissa no comboio mixto...

— Que massada! Num carroção até ao Entroncamento!

— E ainda esperas pelo *Sud*, no Entroncamento, quasi uma hora.

— E' verdade — atalha Isabel Maria, ligeira no falar: — Não deixes de ir ver a Clarinha. Bem sei que não te esqueces. E fica assente, han? Escreves-me...

— Escrevo-te para Genebra, posta restante, em nome de Madame Ribeiro. De lá dizes-me telegraficamente o hotel em que te hospedas...

— Isso mesmo. Tomaste bem conta.

— Escrevo-te todos os dias. Todos os dias te dou noticias da tua mãe e da Clarinha.

— A Clarinha! Como a vi ontem, ao despedir-se de mim! Disse-lhe que nos não veriamos por quinze dias, pois ia descançar um pouco na herdade dos Patricios, na Golegã... e foi como se nos despedissemos até ao dia seguinte. Para ela, o maior de todos, é o avô. Depois do avô... a avó. Depois da avó... o pai. Isto por não se atrever a falar na franceza, que eu

vejo bem no fundo da sua saudade. Entre o pai e a avó põe o irmão. A mãe... está no fim do rol.

— Não é bem assim.

— E' assim mesmo. Reconheço-o. Não me revolto. E' a minha obra.

D. Catarina, numa mudez confrangida, concorda com a doutrina da filha, e passeia os olhos distraídos pelas coisas do contorno: — em frente, no tôpo da colina, o antigo colegio de Campolide; a Penitenciaria a espreitar-lhe ao flanco; mais abaixo, e mais á direita, o asilo dos Velhos; a mancha da casaria do bairro nôvo a precipitar-se da colina sobre os arcos do Aquedúto.

Isabel Maria lamenta não ter noticiado a sortida a João de Lucena — sempre tão leal na sua defêsa? Mas receára um descuido involuntario, que desse a suspeita da verdade a D. Mafalda, cumplice do rapto, e que porisso logo preveniria o filho.

— O comboio... — anuncía melancolicamente D. Catarina, de olhos tristes na bôca do tunel.

Elas voltam-se para o tunel, donde vem um silvo rouco de locomotiva. A bôca hiante e negra, com o silvo do vapôr, bafóra o fumo do carvão. E atravez da nuvem de fumo entrevê-se, e avulta, e arranca o cabeçalho herculeo do monstro.

O carregadôr sobe-lhe os volumes de mão para uma carruagem de primeira.

— Adeus! — soluça a mãe, abraçando-a, beijando-a. — Escreve. Telegráfa.

— Telegráfo de Paris.

— Adeus, minha Livia, — gorgoleja, ela e a amiga num só bloco, num só abraço, num beijo só.

— Partida! Partida! — intima voz roufenha.

Quando o trem rola, pesado e arquejante, Isabel Maria, o lenço na dextra, os olhos cheios de lagrimas, soluça, recomenda:

— Cuidado com a Clarinha! Deem-me noticias.

— Adeus! Vai tranquila...

XIV

— Uma carta de Isabel Maria — diz Livia, face a face da mãe, na mão o sobrescripto volumôso conduzido pela criada na bandeja.

— Teria encontrado o pequeno?

— Hum... Se fôsse isso, telegrafava.

D. Conceição, sustendo sobre o regaço o milágre de renda dos seus dedos meio encarquilhados, fica-se á espera, a curiosidade nos olhos esquecidos do trabalho, a fadiga no rôsto castigado pela ultima doença. A filha, que ao piano procedia á revisão de certas expressões intimas de Grieg, mergulha a vista e a atenção nas laudas de papel timbrado e numerado.

«Minha Livia.

«Outra vez! O Baltazar desapareceu outra vez com o pequeno! Venho de Biarritz. Acabo de chegar a Pau. Tomo a pena para te dizer que venho repousar, que desisto de reavêr o meu filho. Levou-me outra vez o meu Rui, não sei para onde, nem o quero já saber. Não verei mais o meu querido pequenino,

que o malvado me roubou, saltando sobre todas as leis divinas e humanas.

Não sei como não endoideci êsta tarde, minha amiga! Sinto ainda na cabeça a zoeira dum turbilhão. E ao mesmo tempo sinto-me pequena como se me reduzisse a nada. Isto é horrivel, minha Livia! Tu não o podes compreender em toda a sua grandeza dolorida... porque só a maternidade nos dá o sentido dêstas agonias. E' horrivel e brutal. Não ha nada mais triste do que ser mulher. Só com a dôr das mulheres se brinca, como êle está a brincar com a minha grande dôr — êle, e os que o protegem, e os que o aplaudem.

Perdôa-me. Eu não sei o que digo. Eu não sei o que escrevo. Sei apenas que ainda tenho vida no coração para o arrastar nêsta desgraça. E que a minha cabeça não estalou, porque é preciso que continue a sofrêr.

Adeus, minha amiga. E' quasi noite. Continuo ámanhã. Vou vêr se repouso. Vou deitar-me, que não posso mais...»

— Mas... o que é, Livia? — inquire D. Conceição, vendo-lhe levar o lenço aos olhos chorosos.

— Pobre Isabel Maria! Devendo ser tão feliz, é tão desgraçada! O Baltazar desapareceu outra vez com o pequeno. Deixa-me lêr. Depois lês tambem.

E baixando os olhos á carta, e amarfanhando o lenço na mão, retoma a interrompida leitura.

«Pau. Julho, 21-1925-á 1 da tarde.

Vamos lá, minha amiga. Não endoideci. Sinto cá

dentro os ponteiros certos... nêste relogio que vai registando a sucessão dos sentimentos e das ideias. E porisso continúo a minha carta, agora calma, agora inacessivel á dôr, porque só os fracos sucumbem, e eu considero-me cada vez mais forte.

Na primeira parte dêsta carta não te expliquei nada, não te disse coisa nenhuma. Solucei apenas. Apenas me desgrenhei. E verificando-o lucidamente, nêsta hora calma da manhã, deixo-a ir assim, pois não quero esconder uma unica das minhas fraquezas aos teus olhos amigos.

Escrevi-te de Paris a participar que seguia para Bayona, logo que recebi o teu telegrama dizendo da estada dêle em Biarritz.

Estava em Biarritz, com o pequeno, na verdade. Mas como em Genebra, e depois em Ostende, alguem o preveniu da minha chegada a Bayona a tempo de tomar novo rumo desconhecido. Não levo a melhor na lucta com o demonio. Cá fóra, como aí dentro, êle dispõe de fôrças superiores á lei, á moral e á humanidade. O remedio é desistir. O remedio é esperar. O remedio é conformar-me.

Não posso mais, minha filha. Êsse homem é um demonio invencivel, invencivel e escarninho, que jurou retalhar-me o coração aos pedaços, que o vai retalhando pouco a pouco e gosando a sua tarefa sinistra. Não sucumbo, não me dou por vencida, mas desisto de luctar. E queres vêr? O que se deu dêsta vez em Bayona, parece-se imenso com o que se deu já em Ostende.

Fui ao consulado portuguez. O consul tinha saído. Em logar dêle encontrei um sujeito empomadado, envernisado, viscôso, que, examinados os meus papeis oficiais, reconhecendo-me divorciada, desde logo me julgou... bôa prêsa.

Ah, minha Livia! E' êste um dos aspectos aflitivos da nossa duvidosa situação. Sinto-o cada vez mais. Somos tidas e havidas por terreno baldio... onde não se guarda defêso ao adiantar do pé!

Uns afastam-se de nós — outros aproximam-se demasiado. Ninguem cura de averiguar das causas do divorcio, nem uns, nem outros. E se aqueles nos humilham incondicionalmente, pela infracção ao preceito rigido da indissolubilidade, êstes abordam-nos despidos de venia ou delicadeza... porque devemos ser faceis como arvore sem dono. E os proprios funcionarios do Estado, do mesmo Estado que instituiu o divorcio para reabilitar a mulher, ao que se dizia nos nossos jornais, são os primeiros a medir as divorciadas... pelo estalão das desavergonhadas.

Nós, as divorciadas, sujeitas a tal regimen, formamos uma casta á parte, para a qual não ha a consideração do mundo religiôso, nem o respeito do mundo profano.

Perdôa êstas delongas, minha Livia. Preciso desabafar comtigo. Não imaginas a impressão de desconfôrto moral que o reconhecimento dêsta verdade me tem causado.

Afinal, o sujeito do consulado e das pomadas, convencido de que não sou tão... *divorciada* como

precipitadamente me julgára, mudou de modos e de palavras.

Onde havia afabilidade, pôs rispidez. Onde estava o sorriso, engatilhou a ironia. E por fim declarou-me... que não era da sua alçada o meu caso, que só o senhor consul, daí a três dias, no regresso de Paris, poderia encaminhar e resolver.

Encerrei-me no hotel de Bayona. Dei nome supôsto. Nem te escrevi... imagina! com mêdo de que me conhecessem pela letra! O nosso consul regressou ao seu pôsto ao termo dos três dias. Mas, aos primeiros passos no rumo da solução desejada... foi informado de que o senhor Baltazar de Lucena tinha saído de Biarritz, na ante vespera, sem deixar rasto do nôvo destino!

E aqui estou, minha amiga, nêste deserto, nêsta tortura, abandonada a todas as ciladas da crueldade, só porque sou mãe, só porque quero o meu filho!

E' horrivel, minha Livia! Quando o desespêro é maior, e me turva a fraca razão, chego a revoltar-me contra a memoria de meu Pai — do involuntario autor da minha desgraça, porque me deixou bens terrenos. Fôsse eu pobresinha como as mendigas das nossas ruas. E não estaria a queimar-me nêsta fogueira. E até poderia ser feliz na minha humildade...

Ah, espera. Vieram agora trazer-me um telegrama do consul de Bayona. Pede-me que vá falar-lhe imediatamente. Já não fecho hoje êsta carta. Vou saír de automovel. Se fôr o que suponho... telegrafo-te. Nossa Senhora me valha! Adeus. Até àmanhã.»

«22, ás 11 da manhã.

Voltei de Bayona ante-ontem mesmo. Mais arrastada do que nunca. Não ha nada para nos quebrar as energias como subirmos de subito aos cimos da esperança e de subito despenharmo-nos nos fundos da desilusão.

O consul de Bayona cuidou ter encontrado a pista do meu carrasco. Enganou-se. E eu... caí das nuvens.

Regressei a Pau, nêssa mesma noite, mais amarfanhada do que um trapo. Numa grande ansia de chorar, e com os soluços prêsos na garganta, e com as lagrimas a escaldarem-me a cabeça. Deitei-me tarde. Não dormi um minuto. Não consegui almoçar. A fôrça que me estrangulava a garganta para os soluços a estrangular-ma contra o alimento. Levantei-me da mêsa e fui sentar-me no terraço — a varanda da contemplação, lançada para os Pireneus. Que maravilha de panorama, minha Livia! Os Pireneus, ao longe, recortados em picos brancos de neve, especie de dentes cariados na base, as corôas alvissimas dia e noite a morderem o céo. Das alturas da serrania a terra desce para nós em sucessivos planos, em escala regular, os mais proximos a abaterem-se aos nossos pés. O arvorêdo adensa-se desde os mais recuados, vem por aí abaixo até aos mais proximos. E campanarios e povoados a assomarem dali, a espreitarem dalem. Como eu desejava que estivesses aqui comigo, minha amiga! Tu e a minha filha, e a minha Clarinha, de que não tenho noticias desde o dia 10. E

arvoredos, e campanarios, e povoados, tudo se queda a ouvir as vozes do Gave — o rio de aguas de neve, que segue lá ao fundo, a torcer-se, agarrado á colina da cidade como menino ás saias da mãe.

Nada disto, nem a vista da cordilheira, nem as graças do Gave me tranquilisava a alma. Eu queria chorar e não tinha soluços no peito, e não tinha lagrimas nos olhos.

Resolvi ir a Lourdes, falar á Senhora, suplicar-lhe coragem, pedir-lhe o meu filho, ou ao menos o consôlo de poder chorar.

Sou divorciada! — disse, apreensivamente, para comigo. Mas não, a Senhora de Lourdes, Mãe dos aflictos, vê-me por dentro e por fóra e porisso não me repudiará.

Meti-me num auto. Fui por êssas estradas, formosissimas estradas, no seio vêrde do vale, ao lado das aguas do Gave, sob tuneis frondosos de arvores — pois aquí, o camponez, não tem, como aí, a arvore por inimiga. E ia tão certa da misericordia da Senhora, que os mesmos picos nevados, de aparencia tão rude, carinhosamente me abençoavam.

Entrei na cidade — e não calculas, Livia! A' impressão da misericordia sucedeu a do terrôr. Muita gente, muito peregrino, muito curioso — a multidão a comprimir-se ao longo de ruas e avenidas. E eu, agora, cheia de mêdo, na angustia de que algum dêsses peregrinos me conhecesse e gritasse a plenos pulmões:

— Olha, a divorciada!

Eu, encolhida no carro, abatida de encontro á capota, como se de facto já ouvisse êssa voz de esconjúro, ia respondendo, ia observando:

— Perdão! Eu não sou a divorciada! Eu sou... uma divorciada. Diferente da maioria, porque não pequei e porque sôfro por todas as pecadoras!

Claro. Tudo isto era nervosismo. Ninguem ali me conhecia, nem gritariam tal coisa embora soubessem do meu estado.

Subi á basilica. Lancei-me de joelhos. Ergui as mãos. Levantei os olhos. Falei á Senhora — pedi-lhe a restituição do meu Rui, a Ela, Mãe amantissima, que tanto sofreu por lhe tirarem o Filho amado!

Parecia-me... não era ilusão, Livia, juro-te que não era!... parecia que me dizia que sim, com a cabeça, com os olhos, com os labios, as mãos tremulas sobre o coração.

E nem assim pude chorar! Tinha a garganta sêca. Tinha as palpebras abrasadas.

Da basilica passei á gruta. Ajoelhei outra vez. Rezei outra vez. Supliquei outra vez. E nada!

Fui ás piscinas. Assisti aos banhos — áquele auto de fé em que as aguas milagrosas se convertem em labaredas de graça.

Depois foi a procissão do Santissimo. Ah, espera. Já me esquecia. Houve um milagre numa das piscinas. Uma rapariga italiana, que tinha uma fistula na mão esquerda, metendo a mão na agua tirou-a sã e escorreita, Não imaginas o delirio dos devotos, os gritos de entusiasmo, as lagrimas de comoção!

E os meus olhos enxutos, e a minha garganta sêca, e o meu coração oprimido!

A procissão do Santissimo é o maior espectaculo da minha vida. Milhares e milhares de pessoas — religiosos, peregrinos, visitantes. Centenares e centenares de enfermos — em macas, em carros, pelo braço de parentes, ao arrumo da caridade.

O cortêjo imenso, com pendões, emblemas, habitos religiosos e fardas militares, saíndo da basilica, desdobrando-se pela cidade, vai de nôvo á basilica atravez da explanada central. Os doentes estendem-se ao longo da explanada, faces ansiosas, bôcas abertas, olhos no céo.

Tudo canta, peregrinos e enfermos, tudo suplíca, tudo clama, tudo grita, tudo chora! Eu sinto-me irmã dêstes enfermos, sou o mais misero dos enfermos, e suplico tambem, e tambem clamo, e tambem grito na ansiada mudez da minha alma.

E então sim, pude chorar com êles, chorei por minha vez! Que grande alivio, minha Nossa Senhora! Eu vô-lo agradeço, ainda agora, a alma e o coração ainda no consôlo dêsse banho salvadôr!

E como eu, nêssa hora grande, me senti arrependida do que fui! E como eu, nêsse instante magnanimo, me senti humilhada pelo que não fui! Se nêsse instante, se nêssa hora a Senhora de Lourdes faz o milagre de me restituir aos dias anteriores ao casamento, e logo á vida de casada, eu seria a mais sensata das mulheres, eu seria a mais cuidadosa das mães.

Arrependi-me das frivolidades a que sacrifiquei a casa e os filhos... os meus filhos, o meu Rui, a minha Clarinha. Humilhei-me por não ter visto a tempo o meu papel dentro do lar. Dei razão a todos os meus acusadores. Ao padrinho, que lá esteve ultimamente em Lisbôa, com minha Mãe. A' D. Mafalda, que continúa a argüir-me de responsavel pelas loucuras do filho. Pedi perdão aos meus filhos pela situação de orfãos a que os condenei. Pedi perdão a Nossa Senhora pela condição infeliz a que reduzi a Mademoiselle — pois foi por mim, concordo com o Baltazar, que êle fez da mestra dos pequenos a sua amante.

A' noite, ao voltar a Pau, pela estrada nêgra, sob as arvores cerradas, eu vinha a arder de febre. Baralhavam-se-me nos olhos as luzes da procissão noturna das velas, com as luzes dos povoados da estrada e do vale. Trazia no craneo, sussurrando, latejando, a tropeada do desfilar dos peregrinos e a toada da musica dos córos.

Como na noite anterior, não dormi um minuto. Ainda não almocei. Quer dizer — escrevo-te sob a insonia de duas noites e o jejum de dois dias.

Lívia! Por Nossa Senhora! Vê se o Teotonio descobre onde estão agora! Ou fala ao avô dos meus filhos! Que me diga onde se encontram. E eu estou pronta a perdoar tudo, e estou disposta a esquecer tudo!»

«23, ás 4 da tarde.

A minha criada de quarto, com a enternecedora

delicadeza dêsta gente do Bearn, veiu bater-me á porta, e convencer-me a almoçar.

Sabe a manjar dos céus um afecto mesmo anonimo, numa crise como a minha, longe, tão longe de todos os nossos!

Comi qualquer coisa. Dei um passeio a pé.

Estou mais sossegada. Porisso, mais calma, posso julgar melhor.

Não digas nada, afinal, ao avô dos pequenos — já quasi me não atrevo a escrever... dos meus filhos. Êste assunto, resolvido com tal precipitação, tinha todo o ar duma abdicação forçada. E desde êssa hora eu ficava amarrada de pés e mãos aos caprichos do senhor Baltazar de Lucena. Não perguntes tambem coisa nenhuma ao Teotonio. Isso só serviria para me amargurar novamente a existencia. Com as protecções de que êle dispõe cá por fóra, á custa do que é meu, não conseguiria arrancar-lhe o filho dos braços.

Pronto. Desisto dos direitos de mãe e de ofendida. Regresso a Portugal, e verei os meus filhos, se me entenderem digna de os vêr. Não os verei mais, se assim julgarem conveniente. E nem protesto. E nem discuto.

Estou tranquila, minha amiga. Nem mais quero falar nêste assunto. Basta de lagrimas. Basta de lamentações. E' êste o meu destino. Que o destino se cumpra.

Fez-me bem o passeio sob a sadia tranquilidade do parque de Beaumont. Ainda não tinha ido ao parque. Quasi não tinha visto ainda a cidade.

O parque de Beaumont, com os folhêdos tôdos fresquinhos, e muito lustrosos, pois não passou um mez sobre à festa que os vestiu de nôvo e do melhor, deu-me uma sensação de alivio intimo e de paz interior que lhe ficarei a agradecer pela vida fóra. Eu ia com o coração a arder nas penas do purgatorio. E arvore daqui, e arvore dalí, todas a darem-me sombra, todas a dizerem-me carinhos, foram apagando as chamas, e derramando balsamo nas chagas abertas, e espalhando consolações onde havia só magoas. E' verdade, Lívia. Em poucos minutos, eu, que entrei no parque a contorcer-me de dôres, achava-me melhor, quasi feliz na minha desventura. Sentei-me na relva — uma relva macia, como se fosse feita de fios de sêda. Nunca vi relva tão linda. Olha que na sua dôce verdura até os guerreiros das estatuas tomam graças de pastores. O proprio d'Artagnan no seu marmore, em toda a parte tão arrogante, ali afigura-se-nos zagal, de espada á cinta, a velar pelos seus cordeiros. Sentei-me á vontade, por estar deserto tudo aquilo. E passei em revista os dias atrazados. E fiz as minhas contas com a sorte. E verifiquei que não posso considerar-me inteiramente desgraçada, visto que ainda tenho a minha Mãe a meu lado, que ainda tenho comigo a maior das amigas, que ainda não conheci fome de pão, que sou ainda o que sempre fui. Não tenho os meus filhos. E' Deus que assim o quere. Nós não devemos querer senão aquilo que Deus manda. E conformei-me, como vês. E dei os braços á cruz na simplicidade com que os daria

ao meu filho, se o meu filho viesse ter comigo, nêste mesmo instante.

Nós não somos nada no mundo para além dos designios do Senhor. Querermos forçar êsses designios, é querer o impossivel. Vejo-a agora lucidamente. Porisso me resignei. Porisso não falo mais no meu caso.

Adeus, minha Livia. Vou mandar ao correio êsta longa, êsta interminavel carta. Deves recebe-la... hoje é têrça, o mais tardar na sexta de manhã. E no domingo, querendo Deus, estarei contigo. Tenciono saír no *Sud* de sabado. Previne, portanto, a Clarinha Quero vê-la á chegada. Previne minha Mãe. Não posso estar a escrever-lhes. Devo chegar das sete para as oito da tarde. Adeus. Os meus afectos para todos. Até domingo. Da tua, sempre tua,

Isabel Maria.

P. S. Espera. Não sei bem se saírei no sabado ou no domingo. A'manhã digo de certeza, pelo telegrafo. Ora tu recebes êsta carta na sexta. Vê se consegues falar logo com o Teotonio E se êle te disser onde está agora o Baltazar, com o pequeno, comunica-mo ainda, em telegrama urgente. Quero ao menos saber, ao retirar-me da França, por onde anda o meu querido filho.

Tem paciencia, minha Livia. Faze mais êste sacrificio, o ultimo, pela tua pobre Isabel Maria. Não é por nada do que julgas, crê. E' só pela necessidade

de acompanhar em espirito o meu Rui, que não espero tornar a ver.

Tua, *Isabel Maria*.»

— Lê, minha mãe — diz Livia, numa tristeza de magua e de indignação, fazendo entrega da carta.— O Baltazar lá tornou a desaparecer com o Rui. Êsse homem, é abominavel!

— É homem. Quere a toda a fôrça evitar a confirmação do divorcio. Porisso lança mão dêssa arma... que vê bem ser a melhor.

E tomando a carta na mão tremula, e compondo os oculos no nariz afilado, D. Conceição concentra-se sobre as aguas vivas do rio da desventura, ora a despenharem-se em convulsões de cachoeira, ora a atrazerem-se em fadigas de reprêsa.

— Ouve, Livia, — comenta, uma lagrima triste saíndo a passeio pela sua face de dorida, no têrmo a sôfrega leitura: — Eu, se fôsse a ela, ao chegar a Lisboa, alugava ou comprava uma casa, mobilava-a a meu gôsto, desistia do divorcio, e escrevia-lhe a dizer: — Acabemos com isto. Vamos a viver em paz com os nossos filhos. E talvez, fóra do veneno da sógra, como êle afirma, e toda a gente diz que se regenerou com o divorcio...

— Regenerou-se... Olha, minha mãe: Tu não ignoras o que sempre fiz no esfôrço de a convencer da regeneração do Baltazar, na esperança de que viésse de facto a regenerar-se, com o tempo e os costumes. Mas não creio que esteja regenerado, quem

procedeu com a Mademoiselle como nós sabemos, quasi na cara da mulher, e no momento em que ela tudo esquecera para lhe valêr na doença!

D. Conceição declara que não se constituí, nem nunca se constituiria defensôra do cavalheiro. Antes estivera sempre, no decorrêr dos acontecimentos, por sua activa acusadôra. Mas nem defender de surda, nem acusar de cega — é preciso acusar ou defender com os olhos e os ouvidos jogando na pendencia. Ele consentira, ou não evitára que a sonsa da Mademoiselle o beijasse quasi na cara da mulher? Lá voltam á mesma. Sempre a mesma coisa. Não o nega, nem nunca o negou. E' preciso considerar, porem, para medida exacta do delíto, o que são certas mulheres desde que se lhes dê confiança. O Baltazar não contesta, confessa até que ela fôra sua amante... dos dias em que a Isabel Maria o abandonava em casa, tão completamente, oh se abandonava!...

— Abandonava-o em casa! Tambem tu, minha mãe? — atalha Livia, decidida e magoada. — E êle? Não a abandonava a ela? Pior: não jogava o que tinha e o que não tinha? Não queimava o dinheiro dos filhos e a dignidade de todos na fogueira das suas loucuras?

— Perdão. Escuta-me. Tudo isso é verdade. Mas não é isso, que constituí passado anterior ao divorcio, o que temos de discutir. O que se discute... é o passado posteriormente á separação. A Mademoiselle... era o caso da Mademoiselle que nós estavamos a apreciar... ficou em casa com êle,

sob o pretexto de olhar pelos pequenos quando fôssem aos avós... E' êle proprio que se condena agora por ter consentido nêssa situação, explicando-a... tu ouviste-o como eu... pela necessidade dum pouco de ar feminino no momento em que o seu ninho caía em ruinas. Foram êstas, até, julgo eu, as suas proprias palavras. Ora, muito bem. Dá-se o desastre do automovel. A Isabel Maria corre a casa. E tu ouviste o que êle disse, e que estava pronto a dizer na presença da Mademoiselle, se a Isabel Maria tivesse querido ouvi-lo. No dia em que Isabel Maria corre a casa... o Baltazar aproveita o ensejo da francêza ficar a sós com êle, e diz-lhe que está tudo terminado. Ela chora. Dá-se por convencida. No entanto, sempre que Isabel Maria a deixa junto do marido...

— Como disseste isso, minha mãe! *A deixa junto do marido!* As mulheres são sempre pelos homens. Até tu, minha mãe, estás toda por êle! Ela confiava na hipocrita, acreditava na sua santidade, não duvidava da sua moralidade...

— Aí está. Confiava demais. Era tôla... Que se queixe da sua tôleima... E não sou por êle. Tenho-to dito dezenas de vezes. Sou pela justiça.

— Senhora D. Livia — intervem a criada, plantada á porta da sala. — Chamam ao telefone. Com muita urgencia.

— Lá vou. — E na venia devida á mãe, e erguendo-se do piano. — Dá-me licença. Não demoro.

D. Conceição retoma o fio alvo de espuma da

renda que se lhe enovéla no regaço, reconduzindo ao pretorio, na surda intimidade da sua consciencia, a triste demanda em julgado.

Não. Não é por êle nem contra ela. E' pelos dois, a favor da tranquilidade comum — e da felicidade dos filhos, escorraçados do lar, um lá por êssas terras longínquas, outro em Lisbôa, mas separado de pai e mãe. E se avulta as faltas dela, só o faz na mira de conseguir que a amiga da sua filha, de quem é tão amiga tambem, levante as fraquezas proprias em abôno dos delictos do ex-marido.

Oxalá ela volte no proximo domingo, que ha-de dizer-lhe tudo isto, a vêr se os dois se conjugam de nôvo, agora fortalecidos pela experiencia e acalmados pela adversidade.

Livia, reentrando na sala, os olhos abrasados de estranho lume, a face aquecida de purpurino fulgôr, aproxima-se da mãe, dispara, em surdina:

— Grande novidade!

— O que é?

— Nem de proposito. Se vissemos isto escrito em novela, atribuiamo-lo á fantasia inverosimil do novelista. Está em Lisboa o Baltazar e o Rui! Chegaram precisamente nas vesperas de Isabel Maria!

— Em Lisboa?!

— Schiu... Não fales alto. Não vá alguma das criadas ouvir. Disse-mo agora o Teotónio. Chegaram hoje de madrugada, de automovel, muito em segrêdo. Nem D. Mafalda os esperava. E não demoram. Três, talvez quatro dias. Vou já telegrafar a Isabel Maria.

— Sim ! Que venha ! Póde ser que tudo se remedeie.

— Até já. Não ha tempo a perdêr. Vou ao Correio Geral. E' mais segúro.

E quando Livia desaparece, na geira caridosa da bôa samaritana talhada nos moldes das Escrituras, a mãe, baixando a cabeça sobre os flócos de renda, tirando um suspiro de esperança, profetisa, murmúra :

— Aí está. Nossa Senhora de Lourdes faz-lhe o milagre...

XV

As janelas escancaradas por toda a casa fazem lembrar bôcas abertas na asfixia do calôr — á espera do ar que não circula, que por sua vez parece desmaiado no espaço, sobre a vaga ardente da estiagem. E como o dia vai dar a alma tisnada ao Criador, e como a sala de jantar fica na parte do predio sujeita ao nascente, aquela que o sol trabalhára desde o nascer á maioridade, é na sala de jantar que os seres vivos da fornalha familiarmente aguardam a chegada de alguem muito do seu interesse e esconjuram a alta febre do Junho moribundo.

— A lua cheia... — anuncia Livia, os olhos miopes na fumarada livida do horisonte.

— E' verdade! E é como se viesse tambem abrazadinha de calôr. Vem tão corada! — observa D. Conceição, no encosto da mêsa erguida, o lenço a recolher os mananciais da copiosa fonte do suor.

Isabel Maria, do lado opôsto da mêsa, á beira da bôa amiga, quasi nem leva os olhos pensativos para o rôsto vermelhusco que de facto assoma do oriente, afogueado pelas ardencias da canicula.

Tendo cortado o curso dos conceitos e dos vaticinios acerca da situação dolorosa de Isabel Maria, D. Conceição de nôvo lhe rasga vasante, mostrando quanto a felicidade no lar, para ser fixa e verdadeira, exige o sacrificio de certos impulsos de altivez ofendida, á afinada harmonia das contemporisações e dos entendimentos — em que a mulher, por mais fraca de fôrças exteriores, tem a seu cargo o exemplo da regra a observar.

A lua sobe vagarosamente no céo empoeirado de cinza, as ultimas brazas da combustão diurna a arderem na extrema rubida do horisonte.

Alteara-se de traz da colina de Nossa Senhora da Penha de França, com as suas araucarias e pinheiros a servirem-lhe de acolitos na lenta subida, com a sua igreja e a sua tôrre a assistirem em extase á gloriosa ascenção. E é tão esmorecida a luz que desce das alturas, que nem se distingue se é ainda a do ultimo olhar do sol ao morrer, se é já a da vista turva da lua no acordar.

A criada, de bandeja na dextra, pede licença e entrega um bilhete.

— O dr. Salgado — diz D. Conceição.

— Ah! ja veiu! — glosa Isabel Maria, de pé ao pronunciar-se.

— Deus o traga em bôa hora.

E adiantando-se, e animando-se, ela segue de guia aos demais na direcção da sala de visitas — de janelas tambem abertas, na fruste espectativa do halito frêsco da noite.

— A que horas chegou V. Ex.ª ? — interpela o advogado, cumprimentando a cliente e as hospitaleiras amigas.

— Cheguei ás nove horas da manhã. Arrazada de tôdo. Com mêdo da que no *Sud* viésse alguem das minhas relações, que me visse, e até sem querer me denunciasse, fui toma-lo a Irun, e só saí da minha *cabine* em Vilar Formôso. Aproveitando a confusão da visita alfandegaria, desci da carruagem, deixei partir o comboio, e almocei no restaurante — onde tive de esperar um auto requisitado á Guarda. E aí sigo eu, pelas excelentes estradas das Beiras, pelas horriveis estradas da Extremadura, até Santarem, onde passei a noite. A's primeiras horas da madrugada meti a Lisbôa. Cheguei ás nove, amarfanhada, esfarrapada . . .

— O que uma mãe sofre pelos filhos ! — suspira D. Conceição amarguradamente.

— Soube logo que o Baltazar se demora até depois de ámanhã. Puz-me em comunicação secreta com o avô dos pequenos, atravez da minha grande Livia. Ele deve estar a aparecer. Ficou de vir ás nove e meia, como disse ao sr. doutor pelo telefone. O que não sei ainda, o que ninguem ainda me disse, foi o que trouxe S.ª Ex.ª a Portugal . . .

— Não filha . . . — contrapõe Livia, a aceitar do leque florido de cravos aquilo que a canicula lhe nega. — O sr. João de Lucena, embora se não explicasse bem, deixou-me perceber que veiu tratar de questões de dinheiro.

— Mas não deu a certeza...

— Veiu tratar, na verdade, de questões de dinheiro — confirma o dr. Salgado, seguro na informação. — Não o quiz dizer a V. Ex.ª pelo telefone... porque o telefone não merece demasiada confiança. Ao saber que o divorcio vai ser julgado na Relação, convencido de que será confirmada a sentença da primeira instancia, prevendo qualquer contratempo financeiro, veiu assegurar-se contra uma falta súbita de recursos. Mas não tem saído de casa, no receio de se denunciar.

— Já sei.

— E de casa tem dirigido as operações com o Banco Aliança.

— Quanto á policia...

— Não, sr.ª D. Isabel Maria. Não fui á policia. Como me disse que o sr. João de Lucena está pronto a colaborar comnôsco, que vem mesmo a esta conferencia, achei preferivel o tentarmos fugir ao escandalo.

D. Conceição apoia os considerados pacifistas do excelente patrono, e lamenta que o sr. dr. Salgado só em circunstancias dolorosas lhes dê a honra da sua visita. Da outra vez viera acudir á pobre senhora que o marido pretendia enclausurar no manicomio. Dêsta vez da mesma forma corre a acudir-lhe, agora no intuito de lhe restituir o filho.

— E' a nossa função no mundo, minha senhora. Somos... ou devemos ser os enfermeiros dos feridos nabatalh a da vida.

A batalha da vida! — acentúa Livia, em sentido

monologo. Que formidavel batalha! Uma fraca mulher em lucta com milhares de sêres, com milhares de pessoas, com a sociedade inteira, êsta a bater-se sob o comando dum homem forte!

Isabel Maria, em concentrada mudez, estranha a demora de João de Lucena. Prometera comparecer ás nove e meia. A pontualidade fôra sempre nos seus habitos uma divisa heraldica. São quasi dez e meia — e nem comparecera até agora, nem justificára o atrazo ao telefone.

O predio fronteiro, de cara para o nascente, visto de cá tem a real aparencia de fornalha ao rubro — os azulejos chispando fôgo, as vidraças flamejando chamas. E' que a lua cheia, no seu rubôr de encalmada e de caminhante, encharca de purpureas fosforescencias o esmalte do azulejo e os vidros das janelas. E as paredes escorrem lume, que vai descendo, lentamente, á semelhança da lava espessa dos vulcões. E as vidraças faúlham labaredas, que vão crescendo, pouco a pouco, tal qual as das crateras em actividade.

— Só estou com mêdo de D. Mafalda — observa Isabel Maria, no lance escutando o plano do dr. Salgado a favor da posse do Rui. — Era preferivel que eu lá não fosse.

— Nêsse caso... Mas tem mêdo, porque?

— Ela vê-me e logo se enfurece. E' capaz até de convencer o filho a resistir. Ao passo que se por mim fôsse, por exemplo, a sr.ª D. Conceição.. — Sacode a cabeça e o mêdo, acentúa, viril: — Tem

razão. Devo ser eu a receber o meu Rui, a reclamar a minha Clarinha! Quero os meus filhos comigo! Vou usar dum legitimo direito!

D. Conceição tempéra os assomos legitimistas de Isabel Maria lembrando docemente a conveniencia de sanar em vez de irritar, de compôr em logar de indispôr ..

Ela apresta-se para a replica — que o anuncio da chegada do sr. João de Lucena lhe afoga na garganta. Levanta-se deligente e segue ao seu encontro. Reaparece na sala ao lado dêle, alto de pernas e morigerado de carnes, a face mais chupada, os olhos menos luzentes, só as barbas patriarcais na alvura pulcra do costume. Isabel Maria, cingida ao seu braço, vem já a inquirir do Ruisinho e da Clarinha... — Perdoem-me V. Ex.ss a demora — requer, interceptando os informes á mãe dos seus netos: — Teve de ser, bem contra minha vontade. Apareceram dois amigos á hora do jantar. Eu estava a vêr que nem podia saír de casa...

— Não ha mal. Até estivemos entretidissimos a discutir o caso que nos reune aqui — interpõe D. Conceição, confirmada pela filha e pelo dr. Salgado. — E o calôr? Que me diz ao calôr de hoje?

— Horrivel! Isto... nos fins de Junho. Quando chegar Agosto... morreremos queimados. E eu, que já não respiro bem no frio, no calôr sinto-me em permanente asfixia.

— Está mais magro, realmente — observa o dr. Salgado.

— Mais magro ? Estou na espinha. Meu caro doutor... não são os anos e os achaques que me trazem caído .. São os desgostos. O horrôr dêsta vida... Os filhos para um lado, os netos para outro. Um desassocêgo contínuo. A incerteza de todos os dias.

Sentam-se. Isabel Maria volta a colher novas dos filhos. Quer saber se a Clarinha está mais alta e se fala dela. Indaga depois do Ruisinho... se perguntou já pela sua mãe, se já quiz ir á avó do Estoril.

O dr. Salgado, prestadas pelo avô as contas da afectividade dos netos pela mãe e avó materna pede licença para entrar no tema que os reune em conselho de familia. De resto, deve começar por uma afirmação que o coloca á vontade diante da figura veneravel do sr. João de Lucena : — não vem a esta sala na qualidade de patrono da sr.ª D. Isabel Maria. Vem apenas no papel de amigo da sua cliente. O patrono traz só a lei por escudo, com os seus imperativos mandatos. O amigo traz numa das mãos o alvitre conciliatorio e na outra o conselho persuasivo. E' nos termos da amizade, e só nêstes, que no momento põe a questão em litigio.

— Muito bem — concorda João de Lucena, afagando as barbas. — E' por declaração semelhante tambem que eu defino a minha atitude no conflito a resolver.

Faz uma pausa, como que na solícita conferencia dos pêsos a colocar na balança de Salomão. Mas

logo retoma a palavra, marcando a relêvo a sua posição entre os dois litigantes. Sua nóra — pede que lhe consintam o uso do familiar vocativo — está a um lado. No lado oposto vê o seu filho. E a sua nóra não poderá dizer que na pendencia entre os dois o coração recto alguma vez se lhe inclinasse a beneficio da voz do sangue.

— Nunca! Tenho-o encontrado sempre a bater-se por mim — acentúa Isabel Maria, com energia.

Batera-se sempre pelo oprimido e contra o opressôr. Muito bem. Ora, vê chegado o dia em que o opressôr, lavado de maculas, pede misericordia. Sim. E' preciso falar claro. O Baltazar ha muito se regenerára. Regenera-se na visão intima do mal perpetrado e na convivencia dolorosa das vicissitudes provenientes da separação. Deixára o jogo e o mundanismo em seguida ao pedido de divorcio. A franceza... afiança-o sem temôr de desmentido... quando do regresso da esposa a casa, não era já na sua vida senão a cinza dum fôgo môrto. E tanto que fôra êle o primeiro a sacudir êssa cinza... castigando assim a criatura do abuso que motivou o segundo rompimento. Regenerára-se a ponto de se converter em modelar nas regras da economia. E tanto que as suas despezas no estrangeiro, com êle e o pequeno, não excedem as da mais cuidadosa governante.

— Mas, sr. João de Lucena...

Erguendo e agitando o escudo da mão aberta contra a palavra do dr. Salgado, êle pede silencio a beneficio do seu pensamento.

E qual é o seu pensamento ? E' este: se o filho se regenerára, se o filho sente a necessidade do lar reconstruido e feliz, porque não ha-de ser êsse o tema a discutir no consêlho da familia agora reunido ? — como tão acertadamente definira o sr. dr. Salgado esta reunião de parentes e amigos das partes em litigio.

Tentara-se o divorcio. Estava visto e revisto, em face dos ensinamentos dos factos, que do divorcio não viera sequer a tranquilidade para qualquer dos desavindos — sendo antes a desgraça de todos, a começar nos filhos, a acabar nos avós. Os agravos da autoria do Baltazar são grandes ? São enormes. Porisso mesmo — maior é a humilhação do pecador e mais belo será o generoso perdão. Porque, se os factos passados se sobrepuzessem ás afirmações presentes, então seria melhor apagar das obras de misericordia a que manda perdoar aos que erram. E isso seria pior do que o inferno — onde só não ha a clemencia por não ser possivel o arrependimento. Depois... deixem-no pôr a questão com sinceridade e independencia : — a vida, observa a menos os sentimentos pessoais, regendo-se de preferencia pelos deveres morais. Se assim não fôsse... o pobre não respeitaria os bens do rico ; o faminto não consentiria nas abundancias do farto — o pobre e o faminto obrando contra o farto e o rico em nome das suas proprias necessidades e miserias. E no enanto, nós verificamos, como regra sancionada por costumes e leis, a fôrça moral dominando o senti-

mento pessoal — e o faminto confinado por êssa fôrça nos limites de sua pouquidade, e o pobre conformado resignadamente no respeito pelas circunstancias. Meus amigos: e tem de ser esta a lei reguladora de tudo e de todos. Fóra dela não ha vida, porque a vida não vinga nos excessos do tumulto. A vida só é possivel quando corre apertada entre os diques erguidos pelo dever. Abatidos êsses díques... tudo se destroi, perde-se tudo. Vida dispersa... vida perdida. Vejam a agua, utilidade e belêsa confiada ao leito natural ou sujeita aos diques artificiais, devastação e ruina quando sai do seu leito ou rompe os seus diques. Posta a questão sobre os salutares principios da razão e da equidade, vamos ás soluções de equilibrio...

— Desculpe-me. Eu não quería interrompê-lo. Mas... — obtempera Isabel Maria, a surpreza na face, a hesitação na voz. — Não percebo bem. Os deveres morais teem de sobrepôr-se aos sentimentos pessoais. Sim. Concordo. Mas... faltei eu, por acaso, a êsses deveres ?

João de Lucena, que não viéra a terreiro em som de guerra, que ao contrario pretende sôbre êle firmar a paz, ensaia despacho que não molestando a interpelante, não agrave os principios. Nêste intuito responde, esclarece:

— O que eu disse... não se entende com a Isabel Maria e abrange-nos a todos, damas e varões. Ouça-me, por favôr. E não interprete a mal o que eu disser, porque eu só quero o seu bem. O sentido

vulgar das minhas palavras, é êste: — temos de suportar, muitas vezes, certas situações dolorosas, em consequencia dos grandes males que resultam do pequeno bem ilusorio da sua eliminação. E' o caso dos laços do matrimonio, que não devemos desatar, só porque nos apertam demais...

— Perdão, senhor João de Lucena — contrapõe o doutor Salgado, no fito de meter a conferencia ao rumo prescrito. — Se V. Ex.ª mo permitisse... propunha que se tratasse agora, antes de mais nada, da entrega do filho á sr.ª D. Isabel Maria. Discutir nêste momento as vantagens ou desvantagens do divorcio, é complicar, não é resolver a situação em causa.

— Estamos de acôrdo. Simplesmente: as minhas considerações visavam a justificar a condição que ponho em jôgo para a entrega do pequeno.

— Ah! Põe uma condição! — observa Isabel Maria, agora mais magoada do que surpreza. — Mas só aceito esta: — a entrega imediata... sendo eu obrigada a ficar com o Rui em Portugal.

— Ouça-me. Não se exalte. Não estou aqui senão para trabalhar pela sua tranquilidade. Eu entendo que todo o arrependido tem direito a ser perdoado. O Baltazar é hoje um homem consciente das suas responsabilidades. Parece-me justo que a Isabel Maria lhe perdôe as culpas passadas.

O doutor Salgado intervem com a garantia e o penhor de sua honra profissional: — liquidado êste incidente, a regeneração do ofensôr de pé e á

vista, será êle perante a ofendida o patrôno da reconciliação requerida.

Livia aprova o douto alvitre. D. Conceição acha o apropositado e excelente. E cita Isabel Maria a fim de que declare o seu voto.

Sim, declara-se pronta a perdoar... no dia e na hora em que o perdão seja possivel. Porque, ela não duvída da palavra leal do avô dos seus filhos. Ela não duvída mesmo da sinceridade atual da conversão do pecador. Do que duvída .. e esta dúvida legitima êle proprio a criou... é de que a conversão seja duradoura. E deixem-lhe reeditar o caso da franceza. Foi êle o primeiro a castigar a desavergonhada? No entanto... negou, a principio, aquilo que os olhos dela claramente viram. Bem sabe... era o pudôr de confessar o que estava por traz daquêle beijo. Era a necessidade de não expôr a criatura ás penalidades da imediata justiça. Tudo isso é bonito como defêsa. Mas, para ela, de certo, de inegavel, ha só a evidencia alarmante dos factos em exposição. Depois, precisa de pôr em fóco esta verdade: — êle, que se arrependeu dos seus excessos, que porisso lhe reconhece o direito a argüir-se de ofendida, nunca procurou sanar-lhe com emolientes afaveis as feridas abertas pelas mãos crueis. Ao contrario, para cada ferida em aberto, só no cauterio encontrára remedio. Ao divorcio... responde com a interdição. Ao impulso de revolta contra o caso da franceza... corresponde com o rapto do filho. Ah, sim. Pretendeu falar-lhe uma vez. Se o desejo de lhe falar, porem,

fôsse grande, voltava segunda vez. E nêste momento, pretendendo refazer o lar destruido pelas suas más obras, ainda quere, o orgulhôso, sempre o orgulho masculino a imperar de senhor! assinar a paz sem se dar por vencido!

— Tem razão — afirma a mãe de Livia, o lume da sinceridade espertada a arder nas pupilas escuras: — E' êsse o sistema de todos os homens... desculpe-me que lho diga, senhor João de Lucena. Fazem o mal e a caramunha. Mas creio bem que o senhor Baltazar vai proceder como deve. Que vai mostrar pelos seus passos certos o necessario arrependimento...

— E se mostrar? — interpela o velho Lucena, de rôsto para Isabel Maria.

— Se mostrar... ninguem mais do que eu deseja, com a paz da sua alma, o sossêgo de tôdos.

Pronto. Ele, que vinha disposto a impôr condições, aceita as condições impostas pelos presentes. O seu Baltazar vai adoptar como proprias as pégadas do filho prodigo. Mas antes de mais nada, o que é preciso, é começar pela entrega do Rui á mãe, afim de que o Rui não volte para o estrangeiro, afim de que a reconciliação póssa efectuar-se. Claro — se Isabel Maria perdoasse sem prasos dilatorios, a solução do problema não tinha dificuldades. Chegava a casa, dizia ao Baltazar que trouxesse o pequeno, que a ofendida estava pronta á reconcíliação... e tudo correria ás mil maravilhas. Assim, não podendo dizer-lhe da entrega preliminar do pequeno,

porque êle não veria no facto senão um expediente para o desapossarem do filho, é forçado a tomar por outro caminho. O Baltazar não tem saído de casa, não tem saído dos seus aposentos, no receio de tudo e de tôdos... pelo que, desculpem-lhe o rapido parentesis, êle, pai do sequestrado, estranhou deveras o saber-se cá fóra da sua chegada a Lisbôa. Bôa policia, não ha duvida. Fica para depois a decifração do enigma ? Está certo. Como veem, todo se empenha em facilitar, não em complicar. Ora, justamente no dia seguinte, quinta-feira, às duas da tarde, o Baltazar tem de ir ao Banco Aliança afim de ultimar os negocios que o trouxeram a Portugal — negocios tratados até aqui pelo procurador, a unica pessôa estranha no segrêdo da chegada. Não póde deixar de se resolver o caso imediatamente, porque na sexta, no *Sud*, tenciona voltar ao estrangeiro. Porisso, no dia seguinte, o sr. Dr. Salgado vai lá a casa, ás duas horas, com Isabel Maria. Convem que isto se faça estando êle ausente... para evitar conflitos e discussões. O pai se incumbe de lhe dar a noticia no regresso a casa, e de lhe moderar o animo com a certeza dos beneficios proximos. O senhor doutor Salgado reclama a entrega do pequeno, em nome da lei. E êle mesmo o entrega, como é do seu dever.

— Mas... e a senhora D. Mafalda ? — inquire Isabel Maria, no terrôr da mãe de Baltazar.

— A Mafalda é avó, como eu sou avô. Tem sentido muito a falta do neto. Pelo que, a ideia de que

o neto ficará ao alcance dos seus braços e dos seus beijos, bastará para que aprove o que vamos fazer. E se não a mêto na conjura... é só no cuidado de evitar qualquer involuntario deslise.

— Nêsse caso... tudo combinado e acertado, V. Ex.as permitem-me que me retire. E lá estaremos ámanhã, ás duas em ponto... — remata o doutor Salgado, já de pé, já de mão pronta ao ritual da despedida.

— Eu saio tambem. São horas de recolher — diz João de Lucena, a largar a cadeira e a limpar o suor. — Mas, antes de saír, deixem-me fazer uma pergunta a Isabel Maria. — E baixando a voz, e dirigindo-se á interpelada: — Sua mãe já sabe da sua chegada a Lisbôa?

— Não.

— Ah, está bem. Então... até amanhã, ás duas horas, nada lhe diga. Porque... se ela o sabe, a Ana percebe-o logo. E sabe-lo a Ana ou sabe-lo o meu filho... é uma e a mesma coisa.

— O quê? A Ana?!

Sim, a Ana foi quem entregou o pequeno ao rapto, como foi a denunciante da partida de Isabel Maria para o estrangeiro. Ocultára-lhe tudo, a ela e aos demais criados? Dissera-lhes á saída que ia descançar em casa duma amiga do Ribatejo? Pois sim. Mas a sua arguta espionagem é que se não deixára iludir. E quanto tirava da desprevenida simplicidade... de Isabel Maria, primeiro, depois da senhora D. Catarina, tudo comunicava a Baltazar, sem

demora, atravez de agente de ligação seu visinho do Estoril...

Isabel Maria e Livia benzem-se, confundidas. O que é a ingratidão do bicho humano! Porque êssa delatôra, a Ana, nunca tivera tratamento de criada na casa que servia desde menina. Antes sempre fôra tida e havida por pessôa da familia. E ao lavrar a sua sentença condenatoria, Izabel Maria lembra-se de Teotónio, o amigo fiel, por seu lado o guia dos passos déla no clandestino encalço de Baltazar, e por amôr de quem está em vesperas de recobrar o filho perdido. Não os irmana, porem, no secreto julgamento. Porque a criada, a Ana, operava na delação com mira em recompensa e fazendo mal. Porque o criado, o Teótonio, obrava por fidelidade desinteressada e no intuito do bem geral. Ah, mas a delatôra infiel seria expulsa logo que não houvesse estôrvo á publicação da sentença!

XVI

Isabel Maria, que ficara a conversar com a amiga até tarde, depois da saída de João de Lucena e do doutor Salgado, — na revisão dos dias agitados da Suissa, da Belgica, da França — agora, só no seu quarto, não consegue chamar a si o sôno rebèlde.

Tudo a preocupa, tudo a alvoróça. Imagine-se que tinha escrito á mãe a dizer-lhe da sua chegada! A Ana logo o sabia — e aí largava a Ana a dar o alarme, e Baltazar a fugir. Isto consome-a como se de facto tivesse prevenido a mãe, como se na realidade a criada estivesse no segrêdo dos deuses.

Outra coisa que lhe fere o coração inquieto e lhe sacode os nervos fatigados. João de Lucena afigurára-se-lhe frio e hostil, contra os velhos habitos. A' despedida notára-lhe mesmo certo tregeito de mau humôr que nunca lhe conhecera. A amiga, a querida Livia de sempre, procurára apagar-lhe da memoria a sombra pressaga — afirmando que êssas impressões não eram senão fantasmas criados pelos logicos impulsos da sua imaginação sobressaltada. Mas vira certo, mas sentira de verdade. E compreende demais

as causas da inesperada atitude. Não lhe bastava o ter perdoado uma vez, sofrendo a recompensa mais afrontosa — dissessem-lhe o que dissessem na mira de lhe atenuar o significado brutal. Queria que perdoasse outra vez ainda, certamente para de direito lhe poder ser dado no manicomio o logar que se esforçaram por impôr-lhe à força.

Sim. E o que fizera até ali Baltazar de molde a legitimar o perdão? Viéra requerer-lhe audiencia, ao menos no arrependimento da palavra contricta, no geito de a vencer pelas fraquezas da sensibilidade condoída? Despojára-se altivamente dos bens temporais que eram pertença efectiva dela, vivendo na renuncia e na abnegação de tudo quanto fôsse propriedade alheia? Chamára os filhos a preceito, apontára-lhes a mãe dorida, incitára-os a serem-lhe consôlo? Não, nada disto — e tudo bem ao contrario. Molestava-a e vexava-a, em vez de a captivar e render. Segurava na mão ávida os rendimentos que não lhe pertenciam, denunciando ser êsse o seu maior cuidado. E os filhos, longe de os aproximar do imaculado carinho maternal, dêle os afastava como de precipicio perigôso.

Está arrependido — dizia-se ha uns poucos de mezes. E' nada o dizerem-no, apenas. Está regenerado — afirmavam pais, amigos e conhecidos. A regeneração dos pecadores não tem sinal publico no registo da palavra ou da escrita, por serem os factos os seus unicos fiadores.

E se o pai de Baltazar, chocado pela intransigen-

cia déla ao plano de reconciliação propôsto, denuncía ao filho a sua presença em Lisbôa e a jornada da tarde proxima?

Revolve-se no leito a este álerta do espirito desassocegado. E então, pelos olhos em febre, na flagrante movimentação de figuras correndo na tela do cinema, passa-lhe repentinamente a visão de Baltazar preparando as malas, despedindo-se dos pais, tomando um automovel, seguindo com o Rui a caminho da fronteira.

Ouve até o arfar longinquo do automovel. Sente mesmo o roncar afastado da buzina.

Que horrôr de vida o destino lhe preparára! Sim, é melhor perdoar, pôr ponto final nêssa luta de represalias em que as suas forças sucumbem.

As palavras de João de Lucena, as suas nobres e firmes palavras, apagam-se-lhe na memoria como chamas sem combustivel. E no logar dêssas palavras de confiança, cinza e fumo, só ficam duvidas e receios.

Abre muito os olhos no escuro do quarto, as portas das janelas cerradas, como se abri-los fôsse alumia-los. O silencio torna-lhe maior e mais dolorosa a sensação de abandono. A escuridão e o silencio produzem-lhe a sensação de agonia de se estar afogando no fundo duma cisterna — onde já nem a si propria se enxerga, onde já nem sente a sua forma material.

Apenas vem em seu socorro, de longe a longe, a tira-la da sombra, a arranca-la ao silencio, trazendo-o á tona de agua, oferecendo-lhe a taboa de salvação, o instantaneo entreluzir dos farois dum

auto na rua, o lento monologar das horas no relogio da sala. E a escuridão reflue de novo. E de novo o silencio se condensa.

Torna a revolver-se no leito — só o lençol de guarda aos secretos primôres de madona que a sombra guarda melhor do que ninguem.

E a sua filha? E a sua Clarinha? Ha que tempos a não vê! Nem já lhe parece sua, de a saber tão afastada! Agora sim, é que deve antepôr ao amor da mãe todas as amizades alheias — as das visitas da casa, a dos proprios criados...

O relogio declina as cinco horas — que seriam quatro, afinal, sem a hora adiantada de verão. Mas, quem lhe dera que cheguem as seis, com a luz a arranca-la ás duvidas angustiosas, com o ruido a escuda-la contra as insinuações do receio! E ao mesmo tempo que deseja e suspira pelo dia proximo, quasi suplíca á noite que se não vá embora, que lhe dispense a sua protecção, o terrôr do novo capitulo do romance em movimento a pôr-lhe na cabeça uma corôa de espinhos.

Olha, a cidade a despertar...

Sente-lhe o primeiro bocêjo — no longinquo riscar metalico dum cabo de carro electrico. Ah, agora... masca as primeiras silabas estremunhadas — ao rodar distante de carroça no empedrado da via publica.

O alvôr da manhã não se atreve ainda á violação do domicilio de cada um. Mas traçou já uma linha baça, uma fina dedáda de luz cinzenta, na fresta das

portas interiores das janelas — como quem marca o sitio por onde ha-de passar.

Não ha duvida—ele caminha sem se deter na marcha. E tanto que os galos, seus fieis arautos desde o principio, já em côro lhe dão as boas vindas. Um, aqui ao lado. Dois, três, um pouco além. Quatro, seis mais recuados. As boas vindas dos galinacios soam a pregões de luz nova dobrados em gargantas de clarim.

E já outros clarins vibram ao perto, anunciando o dia que chega ao homem que dorme — estes são verdadeiros clarins marciais, na visinha Escola de Guerra, e nas variações da ordem no toque de alvorada. As vozes da melodia sobem e descem, ora se espreguiçam esquivas, ora avolumam viris.

O alvôr matutino caminha sempre, devagarinho. Vem no passo incerto de menino saído do berço. E á entrada no aposento, a insinuar-se, não a avançar, ha um hiato de espectativa na sombra muda e nas coisas vagas — a sombra não sabendo se fica, ou se se despede; as coisas a afirmarem-se e a negarem-se na penumbra vespertina. Pouco a pouco, porém, a sombra vai-se diluindo, as coisas vão-se acentuando.

O latejar das veias e arterias do grande côrpo desperto cresce de instante a instante — tal qual os andamentos de sinfonia descritiva em orquestra de muitos arcos e metais.

Agora os pardais nas arvores do jardim Constantino — mal acordam, logo se põem a testilhar.

Testilham na toáda de violinos em *pizzicatos* estri-

dulos, sob o jôgo de empurra de *jazz-band*. Logo se ouvem tambores, e ferrinhos, e trompas, e cornetins, e timbalos, no crescendo progressivo da larga massa orquestral — as carroças de rodas trepidantes, com campaínhas as do lixo; os automoveis de buzinas graves e agudas; os electricos de ruidos difusos e asperos. E são crianças que passam soltando guinchos. E são mulheres que marcham ao ladrar dos tamancos. E como *lite motive* da vasta partitura sinfonica retinem aqui e além, no perto e no longe, os pregões de varinas e saloias: — os do perto vibrando em rítmos ondulantes de barcarola, os do longe desfalecendo em plangencias dolentes de fado:

— Vivinha da costa! Quem a quer vivinha!

— Figuinhos de capa rôta! Quem quer figos, quem quer almoçar!

A's sete horas a massa orquestral ataca vigorosamente o andante da partitura. Só lá dentro, em casa dos pais de Livia, os seres e as coisas dormem o ultimo sôno.

Isabel Maria não pode suportar por mais tempo o suplicio da penumbra e da imobilidade. Salta do leito, veste o roupão, abre as portas das janelas, e fica-se por dentro dos vidros a seguir, distraída, o movimento da rua.

Volta para dentro. Ora se senta, ora se ergue. Levanta as vidraças das janelas de guilhotina, o calôr da manhã a dar-lhe afrontamentos e vertigens. Passeia ao acaso. De subito detem-se, como na visão inesperada do passado que tanto concorrera pelo

menos para afastar do seu amôr o amôr dos seus filhos. Sobre a comoda do quarto, na moldura de *passe-partout* esmaltado, descobre o retrato colorido que oferecera a Livia três anos atraz: — ela vestida á moda das romanticas de Musset, largo chapeu sanguineo, vistosa saia de balão, sobre os ombros um chale vêrde, a mascarilha de sêda na mão direita.

Fôra o costume com que se apresentára nêsse mesmo ano no baile de mascaras dos condes de Riba d'Alte. Era o depoimento escrito das frivolidades a que por dilatados tempos antepozéra os deveres da casa e o trato dos seus. Se não fosse pelo respeito devido á amiga rasgava-o, e deitava-o fóra.

Ah, que se o arrependimento trouxesse o resgate por parceiro, ha muito teria conquistado a felicidade!

A' hora do almôço, abatida pela insonia, esmagada pelas apreensões, não sabe já se quer ou não resolvida a questão magna da sua vida. E todos se lhe antolham contrarios — Baltazar, D. Mafalda, João de Lucena, a propria filha, o proprio filho.

O dr. Salgado aparece á uma e meia. E' boa hora, observa, pois não devem estar no Campo de Sant' Ana senão ás duas.

— E se o Baltazar... por qualquer motivo imprevisto não vai ao Banco?

— Da mesma forma nos seria entregue o pequeno. Porque, em ultimo caso, recorriamos á policia.

— Meu Deus! A' policia não! Acho isso horrivel!

— Agora não podemos discutir. Entreguemo-nos á santa Providencia do acaso.

Livia, de chapéu de palha, a apertar as luvas, corrobora por palavras e gestos o despacho do dr. Salgado.

D. Conceição, apreensiva tambem, mas no esforço de esconder os receios, pede noticias imediatas, pelo telefone, do ocorrido em Sant'Ana.

— Sim, minha mãe. Eu telefóno.

O automovel arranca da rua Passos Manuel para o Campo de Sant'Ana em andamento medio. E os três, lá dentro, balouçando e cabeceando, ao sabôr da marcha, não arriscam monosilabo, na incerteza do momento proximo.

Quando descem ao portão, e o porteiro se perfila reverentemente, Isabel Maria pergunta, insofrida:

— O sr. Baltazar, está?

— Saíu. Ha-de haver dez minutos.

Ainda bem! — murmura, para comsigo.

Sobem a escada em silencio. O Teotónio surge-lhes no ultimo lanço superior.

— O menino Rui?

— Está na sala de jantar. Está com os senhores e a menina.

Isabel Maria pede-lhe que vá prevenir os senhores da sua chegada, dirigindo-se, com a amiga e o advogado, para a sala de visitas. Grave, severo, João de Lucena assoma á porta daí a pouco. Cumprimentam-se polidamente.

— A sr.ª D. Mafalda? — indaga Isabel Maria, no receio de inquirir dos filhos.

— A Mafalda... julgo que foi ao quarto. Não demora, com certeza.

— Os meus filhos? — inquire, afinal, a voz a faltar-lhe, as fôrças a esvaírem-se-lhe.

— Teotónio! — brada, militarmente. — Os meninos!

Rui surge logo á porta da sala, como quem espreita o que se passa. E Isabel Maria, mal descobre o seu vulto em botão no aro da porta, levanta-se de salto, cinge-o nos braços, senta-se no sofá, cobre-o de beijos, alaga-o de lagrimas.

— Meu Rui! Meu querido filho! — soluça, solfeja, o compasso dos vocativos de amôr marcado pelo ruflar da aza dos beijos.

— E eu, mãesinha? — reclama ao lado a filha, na face e no talhe o frescôr das folhinhas novas de Abril.

— E's tu? Ai, a minha Clarinha!

E cinge-a tambem, e aperta-a tambem, o corpo dela de encontro ao corpo dêle, como duas flôres do mesmo ramo, os beijos que saem a ungir a cabeça dêste ungindo irmãmente a dêsta, ambas tão unidas como duas rosas numa haste só.

O avô, e Livia, e o doutor Salgado, na mudez das grandes scenas dramaticas, assistem comovidos ao quadro vivo de ternura maternal.

— Olha, mãesinha. Já tenho calças de homem — anuncia Rui, desprendendo-se da mãe no fito de lhe expôr á vista as calças compridas.

O doutor Salgado, como se o anuncio do pequeno

fôsse a deixa para a entrada no exercicio do seu papel, toma a palavra, requer, sereno :

— Senhor João de Lucena. Venho aqui, com a senhora D. Isabel Maria, para que lhe seja entregue o néto de V. Ex.ª, como é de lei.

— Muito bem. Meu filho não está. Mas eu chamo minha mulher e tomo a responsabilidade dêssa entrega.

Toca a campainha. Esperam uns momentos — Isabel Maria toda entregue ao culto dos filhos, Livia a pôr afagos comovidos na cabeça do Rui, João de Lucena e o advogado no silencio previsto da espectativa.

— V. Ex.ª chamou ? — pergunta o Teotónio, á porta.

— A senhora D. Mafalda ?

— A senhora D. Mafalda... ha pouco estava ao telefone. Depois foi p'ró quarto.

Isabel Maria, e Livia, e o doutor Salgado olham-se, suspeitosos, á noticia da ida de D. Mafalda ao telefone.

— Que faça o favor de vir cá. Mas depressa, ouviste ? — acentúa João de Lucena, a fisionomia tambem subitamente sulcada pela suspeita.

— Vamos ! Vamo-nos embora. E' melhor saírmos já — arremete a alarmada Isabel Maria, erguendo-se, segurando o filho pela mão, a desconfiança á flôr da face e dos olhos.

— Sim. Se V. Ex.ª dá licença... — reforça o advogado, apreensivo — nós saímos com o pequeno, antes de mais nada.

— Podem saír. Eu tomo a responsabilidade, como já disse. Cá me explicarei com meu filho e com minha mulher. — E detendo Isabel Maria, no afan de lhe lembrar o pacto solenemente estabelecido: — Mas fica assente. Não sai com o pequeno do Estoril... E vai disposta a refazer o lar desfeito...

— Sim. Disse, está dito. Mas falamos depois. Agora não ha tempo a perder. — Beija apressadamente a filha, diz-lhe: — Hoje levo o teu irmão. No domingo vais tu para o Estoril.

D. Mafalda, tal qual como se aguardasse, para aparecer, o movimento do seu pé no rumo da saída, quasi esbarra á porta com Isabel Maria e o néto, estorvando-lhes a passagem, cumprimentando risonhamente.

— Mafalda — intervem João de Lucena, cumprido o ceremonial dos apertos de mão e das expressões de cortezia: — Como sabes... ha uma sentença em que se determina que a educação do nosso Rui pertence á mãe. O senhor doutor Salgado e Isabel Maria veem fazer cumprir êssa sentença pela entrega do pequeno. E como a Isabel Maria promete voltar á vida de casada com o Baltazar... mediante êssa entrega e o seu comportamento futuro para com ela... acho que só temos um caminho — entrega-lo.

— Tudo isso será assim. Mas... antes de mais nada, fazem o favor de me dizer: — como souberam da vinda do meu filho a Lisboa?

O marido observa que não é esta a ocasião nem o logar adquados ao esclarecimento dêsse aspecto do

problema. Isso fica para depois, por ser o menos importante. O que interessa, nêsta altura, é a entrega imediata do Rui á mãe.

— Sim, senhor. Concordo tambem com a entrega. Mas o nosso filho... ha-de estar presente. Tem direito a isso, como pai.

— Estamos com pressa. Não podemos esperar... — contrapõe Isabel Maria, reagindo contra as perturbações da sua fraqueza.

— Eu não posso esperar... nem mais dois minutos — refórça o doutor Salgado, de relogio na mão. — São duas e vinte. Tenho clientes á espera desde as duas horas. De resto, o pequeno vai para o Estoril. E' facil a ida lá de V. Ex.ª e do senhor Baltazar de Lucena para qualquer negociação a propôr.

— O meu filho não demora. Está a chegar. Porque, e perdoe-me a franqueza, senhor doutor, o levar o Ruisinho, sem o consentimento dêle, seria quasi... um abuso! E eu não consinto nêsse abuso!

— Um abuso?! — interpela Isabel Maria, irada.

— Cale-se! Tudo isto, toda êsta desordem, é obra da senhora! Cale-se ao menos!

— Mafalda! Tempéra êsses impulsos!

Impassivel, inalteravel, como Isabel Maria esboce o rompante de investir com a saída, ela ergue o seu côrpo de barragem á porta — e declara, serena, rigida, que se querem evitar um escandalo, não insistam no acto contrario á lei de Deus e indigno dos bons costumes.

— Senhora D. Mafalda... — suplica Livia, no transe aflicta e tremula: — V. Ex.ª compreende. Isto que se quer fazer, não é contra Deus, não é contra os bons costumes, nem mesmo contra o seu filho. E', pelo contrario, a favor de todos.

— O que ha de nôvo? — pergunta Baltazar, de flôr na lapela e sorriso nos labios, a mãe a oferecer-lhe entrada franca na sala.

A' sua aparição os rôstos turbam-se, os olhos apagam-se.

— Ha isto, apenas — sentenceia o pai, perturbado, mas decisivo: — O sr. dr. Salgado soube da tua vinda a Lisbôa. Para nos poupar ao vexame da intervenção da policia... vem reclamar pessoalmente, com a Isabel Maria, a entrega do teu filho. E a Isabel Maria promete, se lho entregarmos sem violencias, reconsiderar na sua atitude para comtigo, e voltar a ser a esposa de outros tempos...

— E tu, que respondeste?

— Que se cumprisse a lei, que levassem o pequeno.

— Pois eu não digo o mesmo. A' deslealdade respondo com a recusa! Ao golpe furtivo... correspondo com a rebeldia!

— Perdão, sr. Baltazar de Lucena — diz o advogado, rôsto e olhos iluminados de justiça: — Não ha aqui deslealdade! Não procuramos dar golpes furtivos. Nem V. Ex.ª, depois do que se passou, tem autoridade para nos falar dêssa fórma e nêsse tom!

— Se não estivesse em minha casa .. exporia a V. Ex.ª os fundamentos da minha autoridade.

— Baltazar! Sou eu quem julga, teu pae, não és tu, meu filho! Sr.ª D. Isabel Maria: faça favor. Saia com o pequeno!

— Não sai! — rompe o filho, insubmisso.

Livia ergue as mãos. Clarinha cinge-se ao pai. João de Lucena, cujo tronco vergado se alteia e apruma, encara o filho em silencio, os olhos fuzilantes, a expressão colerica. E alçando o braço, e subindo a voz:

— Baltazar! Lembro-te uma vez mais de que sou teu pai!

— Perdoe-me! Mas só posso lembrar-me, nêste momento, de que querem roubar-me o filho!

João de Lucena cresce para Baltazar, grande e austero, no avolumar da vaga enfurecida sob a chicotada do nordeste. Baltazar olha-o de frente, á espera do embate. Mas logo o vê fraquejar no passo, e levar as mãos á garganta, e dilatar os olhos angustiados. E gorgolejando um grito estertoroso, tombar no tapete, de bôrco, inanimado.

— Meu Deus! Meu Deus! — geme aflitivamente Isabel Maria, debruçando-se sobre o vencido.

D. Mafalda lança-se de joelhos, á beira do marido, sacudindo-lhe a cabeça, convocando-o á vida; Baltazar brada pelos criados e esforça-se por erguer o pesado côrpo inerte; o dr. Salgado corre ao telefone a reclamar um medico; Clarinha chora e beija a cabeça do avô; Rui chora e agarra-se ás saias da avó.

E certa de que parára finalmente aquele grande

coração, encarando Isabel Maria, D. Mafalda levanta-se, estende o braço, ruge e uiva:

— Saia daqui! Assassina! Assassina!

Isabel Maria, meio tonta, cega de pavôr, recua diante do vulto de dôr e odio que desvairadamente lhe intíma a retirada. Retira na verdade, seguida de Livia, sem animo para rebocar o filho pequenino. E já desce a escada, toda a casa no alvorôço de temporal, criados em correria, criadas em pranto, e ainda ouve a voz de maldição uivando, rugindo:

— Assassina! Assassina!

A criada entrega-lhe uma carta tarjada de negro. Livia, que para a receber largára os dêdos das teclas do piano, observa, monológa:

— Ah, é de Isabel Maria.

Abre-a com avidez. Lê-a de vagar.

«Minha Livia:

Cheguei ontem a Bogliasco, donde te escrevo. E' uma praiasinha tranquila nas costas do Mediterraneo, perto de Genova. E então, nêsta altura, Outubro em mais de meio, é dum recolhimento de claustro trapista.

Roma fazia-me tonturas, como te disse. Em Florença não senti senão o crescer da minha doença moral. Vamos a vêr se na serenidade dêste longinquo

refugio dou ordem aos nervos, paz á alma e confiança ao coração.

Não concordo com a tua ultima carta. Não foram êles que o mataram — o filho com a violencia do seu caracter; a mulher com o seu odio á nóra. Não quero absolver-me das minhas culpas, não, minha amiga: — fui eu, sim, a autora dêssa morte horrivel! Se tenho cedido a tempo, embora impozesse condições e exigisse compromissos, ele conservava a sua vida e eu não tinha sobre mim, a esmagar-me dia e noite, a sombra dum cadaver. E não seria tudo preferivel, tudo, Livia! até a escravidão, até a miseria! a êste descalabro da minha vida e a êste tormento da minha alma?

O divorcio! A dignidade ofendida! Sim, todos vós tinheis razão. Só eu era cega. Só eu era surda. O padrinho, para mim, desde a morte do avô dos meus filhos, é a grande luz a que eu devia alumiar os passos. Não quiz vêr êssa luz, como não quiz ouvir-vos.

E para fugir a um mal remediavel, caí na desgraça sem fim. Aqui estou, amarrotada de dôr, acusada da morte do meu maior amigo, e sem casa, e sem mãe, e sem filhos... pois nem tenho animo de os tirar ao pai e á avó, nem coragem de lhes aparecer!

Ah, minha Livia! O meu castigo! E' isto. Damos por vezes um passo convencidas de que para além dêle está pelo menos a pacificação dos nossos dias. E afinal, tantas vezes, êsse passo... precipita-nos nisto, nêsta agonia de todas as horas, nêste desespero de todos os instantes!

Fui a causa involuntaria da morte do avô dos meus filhos. Fiz infelizes os meus filhos, privados dos carinhos da mãe. Fiz infeliz minha mãe, separada da filha e dos netos. E tudo se teria evitado, se sei transigir, sem abdicar. Podia não ficar com o marido de que me julgava no direito — mas ninguem mais, senão eu, sofria por isso.

Demais, suportei-o doze anos, no periodo maximo das suas loucuras. E te-lo-hia suportado a vida inteira, se o divorcio não aparece a prometer-me o paraizo.

Adeus. Saudades a teus pais. Qualquer dia, logo que possa, escreverei uma longa, uma suportavel carta. Tu escreve para o Hotel Bristol. Escreve-me sempre. E vai dizendo tudo quanto souberes dos meus filhos. Continua a visita-los por mim. Beija-os muito por mim. Fala-lhes, apezar de tudo, da sua mãesinha. Sê tu agora, para êles, tanto quanto possas, aquilo que eu não posso sêr.

Adeus. Beija te, a

Tua, sempre tua

Isabel Maria.»

Livia, a carta perdida no regaço, as mãos adormecidas sobre a carta, cerra os olhos nublados, abate a cabeça dolorida. Fôra Isabel Maria, pela sua obstinação, a autora da morte do sôgro e a responsavel da perda da casa e dos filhos? O padrinho, na sua hirta intransigencia, fôra de facto a unica luz a alumiar claro e ao longe na cerração do temporal? Mas... e D.

Mafalda, hirsúta de desabrimentos iniquos e de iniquidades afrontosas? E Baltazar, cumulado de êrros e desvarios, não cuidando sequer, na ultima fase da campanha, embora jurasse tantos anseios pela reconstrução do seu ninho, cobrir a garra do interesse sobre a cauta aparencia do amôr?

— Sim, mas o divorcio, efectivamente, não foi remedio para ninguem! — remata, desalentada, abrindo os olhos contristados, tirando a palavra á consciencia, que propunha continuar a depôr nos autos, agora sem pedir venia á amizade...

Lisboa, Julho, 1927.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00001277512